

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



Dissertação

A disputa discursiva pela narrativa do Golpe Militar de 1964 no Twitter

Gabriela de Mello Silva

Pelotas, 2020

Gabriela de Mello Silva

A disputa discursiva pela narrativa do Golpe Militar de 1964 no Twitter

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Raquel Recuero

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586d Silva, Gabriela de Mello

A disputa discursiva pela narrativa do golpe militar de 1964 no twitter / Gabriela de Mello Silva ; Raquel da Cunha Recuero, orientadora. — Pelotas, 2020.

134 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Disputas discursivas. 2. Análise crítica do discurso. 3. Mídia social. 4. Twitter. 5. Ditadura militar. I. Recuero, Raquel da Cunha, orient. II. Título.

CDD : 809

Elaborada por Aline Herbstrith Batista CRB: 10/1737

Gabriela De Mello Silva

**“A DISPUTA DISCURSIVA PELA NARRATIVA DO GOLPE MILITAR DE
1964 NO TWITTER”**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 17 de dezembro de 2020

Banca examinadora


Raquel da Cunha Recuero
Dra. Comunicação e Informação

Orientador/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas

Participação Remota

Profa. Dra. Maria Clara Jobst de Aquino

Membro da Banca

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Participação Remota

Profa. Dra. Daiane Neumann

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas

**Para Olívia,
a quem devo tanta evolução.**

Oras, se a essência das redes sociais é a conectividade, está para nascer uma que cumpra seu papel com mais eficácia do que um tambor. Sentar-se em círculos, ouvir histórias (principalmente) dos que vieram antes e extrair os melhores sentimentos dos participantes, ressaltando como a escuta é valiosa, me parece estar anos-luz à frente do mais promissor sonho de funcionalidades facebookianas de Mark Zuckerberg.

(EMICIDA, 2020)

Resumo

SILVA, Gabriela de Mello. **A disputa discursiva pela narrativa do Golpe Militar de 1964 no Twitter**. Orientadora: Raquel da Cunha Recuero. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Essa pesquisa desenvolveu-se com o objetivo de elucidar como acontecem as disputas discursivas na mídia social, a partir da análise de um conjunto de conversações que construíram narrativas opostas acerca do Golpe Militar de 1964 no Twitter. O discurso é abordado como objeto das disputas para a construção de narrativas na mídia social, enquanto forma de poder, conforme os ensinamentos de Foucault (2014; 2019), Fairclough (2012; 2016), Castells (2009), Bourdieu (2001), Van Dijk (2018), Recuero (2012), Herring (2001), Tiburi (2017) e Motta (2013). As características da mídia social, que influenciam nas disputas discursivas são exploradas com base em Recuero (2009), Boyd e Ellison (2007), Boyd (2010), D'Andréa (2017; 2018) e Pariser (2012). A metodologia para análise da disputa discursiva é proposta a partir da visão tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2012; 2016), com as seguintes categorias de análise: na camada do texto, estrutura da mensagem, usos da *hashtag* e multimodalidade; na prática discursiva, posição do sujeito, estratégias discursivas e propriedades da mídia social; e na prática social, narrativas construídas. Os resultados de análise sugerem que as disputas discursivas na mídia social têm sentido ampliado pelas hashtags; são protagonizadas por atores legitimados de formas diversas; são um momento de construção identitária dos sujeitos; são multimodais; têm distribuição complexa; são influenciadas pelos algoritmos; são desiguais; podem construir diálogo; baseiam-se em pressupostos e metadiscursos; subvertem ordens do discurso; são propícias ao espalhamento da desinformação; são influenciadas pela polarização política e constroem múltiplas narrativas.

Palavras-chave: Disputas discursivas. Análise crítica do discurso. Mídia social. Twitter. Ditadura Militar.

Abstract

SILVA, Gabriela de Mello. **The discursive dispute over the Military Coup of 1964 in Brazil narrative on Twitter**. Advisor: Raquel da Cunha Recuero. 2020. 134 f. Dissertation (Master in Letters) - Center for Letters and Communication, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

This research was developed with the objective of elucidating how discursive disputes on social media take place, based on the analysis of a set of conversations that constructed opposite narratives about the Military Coup of 1964 in Brazil on Twitter. The discourse is approached as the object of disputes for the construction of narratives on social media, as a form of power, according to the teachings of Foucault (2014; 2019), Fairclough (2012; 2016), Castells (2009), Bourdieu (2001), Van Dijk (2018), Recuero (2012), Herring (2001), Tiburi (2017) and Motta (2013). The characteristics of social media, which influence discursive disputes, are explored based on Recuero (2009), Boyd and Ellison (2007), Boyd (2010), D'Andréa (2017; 2018) and Pariser (2012). The methodology for analyzing the discursive dispute is proposed from the three-dimensional view of the discourse (FAIRCLOUGH, 2012; 2016), with the following categories of analysis: in the text layer, message structure, uses of the hashtag and multimodality; in discursive practice, subject's position, discursive strategies and social media properties; and in social practice, constructed narratives. The analysis results suggest that discursive disputes on social media have been amplified by hashtags; they are carried out by actors legitimized in different ways; they are a moment of identity construction for the subjects; they are multimodal; have complex distribution; are influenced by the algorithms; they are unequal; they can build dialogue; they are based on assumptions and metadiscourses; subvert orders of discourse; they are conducive to the spread of misinformation; they are influenced by political polarization and build multiple narratives.

Key-words: Discursive dispute; Critical discourse analysis; Social Media; Twitter; Military Coup of 1964

Lista de Figuras

Figura 1	Concepção tridimensional do discurso	21
Figura 2	Reprodução da página 277 da obra "Who Shall Survive?", de 1934, de Jacob Moreno, que traz um grafo representando a organização de um grupo.	43
Figura 3	Tuíte coletado na <i>hashtag</i> #DitaduraNãoSeComemora	47
Figura 4	Respostas ao tuíte da Figura 3, suscitando assuntos diferentes do proposto pelo ator na interação inicial.	48
Figura 5	Reprodução da tabela demonstrativa dos tipos de laços e tipos de interação	49
Figura 6	À esquerda, o <i>printscreen</i> da tela de menu do Facebook acessado via navegador web, pelo celular. À direita, o <i>printscreen</i> da tela de menu do Facebook acessado via aplicativo <i>mobile</i>	57
Figura 7	À esquerda, o <i>printscreen</i> da tela inicial do Instagram acessado via navegador web, por computador <i>desktop</i> . À direita, o <i>printscreen</i> da tela inicial do Instagram acessado via aplicativo <i>mobile</i>	58
Figura 8	Personalização do nome de usuário no Twitter	70
Figura 9	<i>Printscreen</i> de perfil no Twitter	72
Figura 10	<i>Printscreen</i> da página inicial no Twitter	73
Figura 11	<i>Printscreen</i> da seção "Explorar" no Twitter	75
Figura 12	<i>Printscreen</i> da seção "Esportes" no Twitter	75
Figura 13	Tuíte do usuário @cinefilo_K analisado na <i>hashtag</i> #DitaduraNãoSeComemora	86
Figura 14	Tuíte do usuário @MarceloAdnet analisado na <i>hashtag</i> #DitaduraNãoSeComemora	93
Figura 15	Tuíte da usuária @CarlaZambelli38 analisado na <i>hashtag</i> #PátriaAmadaBrasil	101
Figura 16	<i>Printscreen</i> do gráfico de evolução do número de seguidores do perfil @CarlaZambelli38 no Twitter, extraído da ferramenta Social Blade.	104
Figura 17	<i>Printscreen</i> da descrição de perfil de Manuela D'Ávila no Twitter..	105
Figura 18	<i>Printscreen</i> da descrição de perfil de Jair Bolsonaro no Twitter ...	106

Figura 19	<i>Printscreen</i> da descrição de perfil de Fernando Haddad no Twitter	106
Figura 20	Tuíte do usuário @moura_101 analisado na <i>hashtag</i> #PátriaAmadaBrasil	109

Lista de Tabelas

Tabela 1	Categorias para análise crítica do discurso	26
Tabela 2	Dados coletados	79
Tabela 3	<i>Corpus</i> de tuítes para análise	81
Tabela 4	Descrição das categorias de análise	82
Tabela 5	Dados de perfil do usuário @cinefilo_K	88
Tabela 6	Dados de perfil do usuário @MarceloAdnet	95
Tabela 7	Dados de perfil do usuário @CarlaZambelli38	103
Tabela 8	Dados de perfil do usuário @moura_101	111
Tabela 9	Resultados da análise por tuíte	115
Tabela 10	Resultados da análise por <i>hashtag</i>	118

Sumário

1 Introdução	12
2 O que se disputa: o discurso	15
2.1 A perspectiva foucaultiana	17
2.2 A perspectiva crítica	20
2.3 A perspectiva do poder	28
2.4 A perspectiva da comunicação mediada por computador	34
2.5 Disputas discursivas pela hegemonia narrativa	39
3 Onde se disputa: a mídia social	41
3.1 Redes sociais na internet	42
3.2 Sites de redes sociais	53
3.3 Plataformas sociais	56
3.4 Mídia social	61
3.5 Twitter	67
4 Como observar a disputa: a proposta metodológica	78
4.1 Objeto: a narrativa do Golpe Militar de 1964 em disputa	78
4.2 Dados coletados: #DitaduraNãoSeComemora x #PátriaAmadaBrasil	79
4.3 Metodologia	80
5 A disputa discursiva pela narrativa do Golpe Militar de 1964	85
5.1 Análise da <i>hashtag</i> #DitaduraNãoSeComemora	85
5.1.1 A Ditadura que matou inocentes	86
5.1.2 A vergonhosa comemoração de Bolsonaro	93
5.2 As narrativas da <i>hashtag</i> #PátriaAmadaBrasil	100
5.2.1 O governo que salvou o Brasil do comunismo	101
5.2.2 A revolução democrática pelo bem do Brasil	108
5.3 Aspectos gerais da disputa discursiva	114
6 Considerações finais	128
Referências bibliográficas	132

1. Introdução

Há 55 anos, o Brasil começou a viver um de seus períodos mais cruéis em relação à política de repressão estatal, com o Golpe Militar de 1964. A deposição do presidente João Goulart deu início ao período de Regime Militar que perdurou até o começo do processo de redemocratização, em 1985, consolidado pela Constituição de 1988. Essa realidade parece distante, mas se encontra muito presente nas conversações políticas da atualidade, considerada a ascensão das ideologias conservadoras que acontecem a nível mundial e tiveram eco, também, nas últimas eleições presidenciais brasileiras.

O objeto de estudo deste trabalho situa-se nesse contexto e busca dar conta do conjunto de conversações que construíram narrativas acerca do Golpe Militar de 1964 no Twitter, quando da ocasião de seus 55 anos, em março de 2019. As disputas discursivas em torno do tema, representadas por duas *hashtags* com posicionamentos antagônicos, configuram-se em um objeto rico em possibilidades tanto do entendimento ideológico do discurso político atual, quanto dos processos que se constituem em torno dele a partir da mediação digital, especialmente da mídia social enquanto suporte midiático.

Como problema de pesquisa, foi proposta a questão "quais as estratégias discursivas presentes na disputa pela narrativa da Ditadura Militar, nas conversações do Twitter acerca dos 55 anos do Golpe Militar de 1964?". Os objetivos do trabalho compreendem: a) contextualizar o Golpe Militar de 1964 no Brasil, enquanto fato histórico e tema presente nas discussões e cenário político atual; b) estabelecer parâmetros para o entendimento do discurso e sua relação com a prática social, com base nas premissas da Análise Crítica do Discurso; c) conceituar e analisar as características da mídia social, com ênfase na relação com o discurso; d) definir disputa discursiva por narrativas, compreendendo como ela ocorre na mídia social; e) identificar as estratégias discursivas presentes nas conversações em torno da Ditadura Militar no Brasil, no Twitter, nos dados coletados no dia 31/03/2019, ocasião dos 55 anos do Golpe Militar de 1964.

Traçados os objetivos, foi possível a estruturação do trabalho. O capítulo 2, trata do discurso como objeto das disputas, trazendo as perspectivas importantes para a compreensão global do seu processo constitutivo e da sua relação com a construção de narrativas na mídia social, ancorado nos ensinamentos de Foucault (2014; 2019), Fairclough (2012; 2016), Castells (2009), Bourdieu (2001), Van Dijk (2018), Recuero (2012), Herring (2001), Tiburi (2017) e Motta (2013).

O capítulo 3 desenvolve-se para explicitar a diferenciação dos conceitos de redes sociais, redes sociais na internet, sites de redes sociais, plataformas sociais e mídia social, explorando as características que compõem esses conceitos e as consequências dos seus usos na realidade social contemporânea, de acordo com os pressupostos teóricos de Recuero (2009), Boyd e Ellison (2007), Boyd (2010), D'Andréa (2017; 2018) e Pariser (2012). Descrevo, ainda, como funciona o Twitter, lugar em que acontecem as disputas discursivas aqui analisadas, de acordo com as premissas de Recuero e Zago (2009) e Recuero (2009a).

O capítulo 4 trata do método proposto com base na teoria estudada até aqui, como uma forma de visualizar as disputas discursivas que acontecem na mídia social. São explicados o objeto – as conversações acerca dos 55 anos do Golpe Militar de 1964; os dados coletados, num detalhamento quantitativo; e, por fim, o método, baseado nas categorias teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2016). Assim sendo, na camada do texto, a estrutura da mensagem, os usos da *hashtag* e a multimodalidade; na prática discursiva, a posição do sujeito, as estratégias discursivas e as propriedades da mídia social; e na prática social, as narrativas construídas.

O capítulo 5 contempla a análise do *corpus* definido para a pesquisa, detalhando como ocorreu a disputa discursiva em cada *hashtag* e pontuando os aprendizados observados. A análise inicia-se pela *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora, em que exploro as características das três esferas discursivas para chegar às narrativas criadas, sejam elas "A Ditadura que matou inocentes" e "A vergonhosa comemoração de Bolsonaro". Após, passo ao exame do discurso da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, elencando as narrativas "O governo que salvou o Brasil do comunismo" e "A revolução democrática pelo bem do Brasil" como presentes na conversação.

Como ponto conclusivo acerca dos resultados verificados, sistematizo os achados de pesquisa de acordo com as esferas do discurso e, a partir disso, proponho

uma discussão sobre aspectos gerais da disputa discursiva na mídia social, a fim de delinear características que auxiliem na compreensão do fenômeno como uma dinâmica peculiar desse ambiente.

2. O que se disputa: o discurso

A discussão primeira que proponho neste trabalho dedica-se a entender o discurso e os conceitos correlatos a ele, enquanto pressupostos para a definição de disputas discursivas por narrativas e para a averiguação de suas formas de ocorrência na mídia social, que se seguirão nos capítulos posteriores.

As relações humanas e sociais se estruturam e se desenvolvem a partir da construção e expressão de ideias, símbolos, significações e das intersecções entre todas essas variáveis. Assim, independentemente do viés teórico-metodológico de estudo dentro da linguística, é possível perceber que a linguagem em funcionamento sugere a existência de uma carga de valores e ideias contidas nos textos, que não dizem respeito puramente ao que está dito, mas ao que "não se diz" e se "quer dizer" com o que se escreve ou se fala.

Considerar a heterogeneidade dos textos é condição de entendimento da linguagem enquanto sistema aberto e em movimento de significações e representações para a produção de conhecimento. Nesses termos, o discurso seria a operacionalização deste sistema no que diz respeito à (re) produção, através da linguagem, de valores e ideologias da sociedade em que opera. O sentido dos textos não está, assim, somente contido no seu interior, em si mesmo; mas também, na exterioridade, nos discursos que o constroem e a ele emprestam sentido.

Reconhecendo a existência e relevância de abordagens diversas, neste capítulo, inicio abordando a perspectiva discursiva de Foucault (2014; 2019), especialmente os conceitos de enunciados e formações discursivas e a historicidade do discurso.

A seguir, parto para uma definição que é central neste trabalho, qual seja a perspectiva crítica do discurso abordada por Fairclough (2012; 2016), através da definição de mudança social e da concepção tridimensional do discurso – texto, prática discursiva e prática social. Entendendo as premissas dialéticas de constituição do discurso e o papel da ideologia e da hegemonia nesse movimento, explico a Análise Crítica do Discurso e suas categorias, proposta teórico-metodológica de Fairclough (2012; 2016) que sustenta esta pesquisa.

Na sequência, finalizo trazendo duas perspectivas que penso serem fundamentais para o entendimento do discurso na contemporaneidade: a relacionada ao poder e a relacionada à comunicação mediada por computador.

Para o entendimento do discurso como poder, explico a inter-relação entre prática ideológica e prática política que posiciona o discurso, ao mesmo tempo, como objeto e lugar de luta. A visão do materialismo histórico também compõe o espectro de compreensão, com a noção de que o discurso é, na sociedade capitalista, algo valioso ao qual o acesso é selecionado e, por isso, instrumento de dominação. Os conceitos de Castells (2009) e Bourdieu (2001) sobre o poder da comunicação e o poder simbólico, respectivamente, trazem a base teórica sobre poder e discurso. Explico, também, que o discurso tem mecanismos de controle e, por eles, pode ser observado o fenômeno de abuso de poder, conforme Van Dijk (2018). Por fim, relaciono o poder que o discurso adquire com as plataformas digitais de comunicação, segundo a visão de Castells (2019).

No espectro da comunicação mediada por computador (CMC), abordo os conceitos de sociedade em rede (CASTELLS, 2019); da comunicação mediada por computador (RECUERO, 2012), tendo a conversação como seu principal formato a ser observado nas redes sociais na internet; do discurso mediado por computador (HERRING, 2001); e das dimensões do discurso (FAIRCLOUGH, 2016) e sua relação com a CMC. Por fim, a partir da ideia de "ato digital" como assujeitamento (TIBURI, 2017), explano sobre a apropriação mercadológica dos dados dos usuários e os efeitos disso na CMC, apontando os algoritmos como novíssimos modos de controle do discurso.

Com a exposição dessas dimensões, desenvolvo o último tópico, que traz a forma como se apresentam as disputas discursivas mediadas por computador. Utilizo a noção de Bourdieu (2001) sobre como acontecem as disputas simbólicas. Elenco três elementos das disputas discursivas que interessam nesta pesquisa, sejam eles (1) a relação dialética entre as três dimensões discursivas de Fairclough (2016), (2) as potencialidades e interferências da comunicação mediada por computador nesse processo e (3) as narrativas (MOTTA, 2013) construídas no ambiente da mídia social como ferramenta de operacionalização dessas disputas.

2.1. A perspectiva foucaultiana

Foucault define discurso a partir de dois conceitos básicos: enunciados e formações discursivas. Os enunciados seriam compostos por tudo que é dito, escrito, expressado combinado com o que não é explícito, mas compõe o dito, ao passo que constrói o sentido.

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Assim, o conceito foucaultiano de enunciado¹ permite entender que o sentido do texto reside no que o originou, nas ideias que o formularam e naquilo que é consequência desta formulação, e não dentro do próprio texto. Portanto, não é possível dizer que o enunciado *"em 1964, começou o regime militar no Brasil"* tenha o mesmo significado para qualquer brasileiro falante da língua portuguesa. Ouvido por alguém que viveu o período do regime, mas não se envolveu em atividades políticas ou não teve uma visão crítica sobre os acontecimentos, é possível que o enunciado acima signifique que, em 1964, deu-se início a uma era de desenvolvimento e ordem no país; por outro lado, ouvida por um adolescente, com as lições das aulas de história do Brasil recém vistas na escola, o enunciado talvez remonte a um período de cerceamento de liberdades individuais, censura e tantas outras características do regime militar.

Assim, os sentidos contidos em um enunciado têm a ver com o momento em que são ditos e com toda a complexidade da existência dos sujeitos que se envolvem no processo enunciativo, ou seja, com as ideologias presentes naquele contexto.

As ideologias que dão sentido aos enunciados também possibilitam que eles sejam reproduzidos e perpetuados. A regularidade dos enunciados, entendida como sua recorrência, dá o caminho para a conceituação de formação discursiva - o outro ponto central para a definição de discurso de Foucault. Azevedo (2013) explica

¹ Apesar de não ser objetivo deste trabalho esgotar as possibilidades conceituais acerca do discurso, cabe ressaltar a existência, em outras correntes de estudo da linguística, de contornos teóricos diversos para o termo enunciado, como no caso dos estudos da enunciação, de Émile Benveniste, por exemplo.

A noção de formação discursiva é estabelecida, segundo Foucault, a partir das seguintes regularidades presentes na obra arqueologia: ordem, correlação, funcionamento e transformação, regida por um conjunto de regularidades que determinam sua homogeneidade e seu fechamento. A formação discursiva apresenta-se como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria etc. Essa noção, presente na obra de Foucault, é derivada do paradigma marxista formação social, formação ideológica, e a partir daí, formação discursiva. Haja vista que o que foi definido como "formação discursiva" esconde o plano geral das coisas ditas no nível específico dos enunciados (AZEVEDO, 2013, p. 155).

Em uma perspectiva prática, é possível compreender que as formações discursivas são a repetição de uma "ideia" presente nas falas e passível de ser identificada ao passo que é reproduzida. Ou seja, a recorrência de uma ideia identificável como filiada a uma mesma origem gera uma regularidade para o discurso. E é através desse encadeamento enquanto regularidade que a formação discursiva assume a função de constituição do discurso sobre determinado tema ou área.

As formações discursivas têm, por isso, importante ligação com a construção do conhecimento, uma vez que é através delas que se estruturam os campos de conhecimento e a construção individual do saber, na visão de Foucault. A regularidade de enunciados, identificáveis como pertencentes a um mesmo discurso por suas características estruturais e simbólicas semelhantes, representa as formações discursivas que constituem esses campos. Daí o entendimento de que o discurso é fundamental na definição do que sabemos, do que somos e das limitações que temos enquanto indivíduo e sociedade.

Entendidas as dimensões em que estão o enunciado e a formação discursiva, é possível compreender a definição de Foucault para discurso.

"Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...)" (FOUCAULT, 2008, p. 135-136).

As "condições de existência" a que Foucault se refere nos remetem à influência marxista de seus estudos. Sendo assim, os contextos social, histórico e econômico da sociedade em que o discurso é produzido influenciam por completo sua existência. O materialismo histórico, enquanto entendimento de que as relações sociais precisam ser vistas considerando a forma como se produz e distribui a riqueza de uma sociedade em determinado momento histórico, é premissa para o entendimento do discurso em Foucault. O discurso está submetido às regras do jogo social, tanto

porque serve como ferramenta na estratégia de grupos envolvidos na disputa de poder, quanto porque é influenciado pelas condições históricas em que é produzido.

A forma como se estruturam as relações sociais e os conflitos inerentes a esse processo determina o discurso, aquilo que pode ou não ser dito. A hipótese trazida por Foucault (2014) é a de que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (FOUCAULT, 2014, p. 8 e 9).

O discurso é, portanto, objeto de disputa e exercício de poder, enquanto agente ideológico nas relações sociais. Apesar de não encontrarmos o uso direto do termo "ideologia" nos conceitos de Foucault, é possível entender que seus esforços teóricos são voltados a explicar que o discurso não se sustenta por tentativas de entendimento centradas na individualização dos enunciados, na sua capacidade intrínseca de significação ou na possibilidade de determinação dos significados pelo sujeito enunciator². Ao contrário, é no lugar histórico do discurso, que se encontra sua "ordem", ou seja, as regras que ele ajuda a delimitar acerca de determinado tema, os rumos que ele dá para o sentido de determinado enunciado. O discurso é, ao mesmo tempo, produzido e interpretado de acordo com as condições em que acontece.

Quando estabelece o conceito de "prática discursiva", Foucault explica que se trata de

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969, p.136)

Dessa forma, as condições históricas são essenciais para a compreensão do aparecimento, desconstituição, reaparecimento e demais movimentos de determinado discurso, entendimento em especial importante aqui, dada a temática a ser analisada, de disputa pela narrativa do Golpe Militar de 1964. Isso porque, apesar de historicamente reconhecido pelo aniquilamento democrático, cerceamento de

² Nesse sentido, Fairclough (2016) explica, como uma das diferenças de premissas teóricas entre ele e Foucault, que "[...] Foucault é resistente ao conceito de ideologia e também à ideia de análise como uma forma de crítica ideológica. Essas posições surgem do relativismo de Foucault: a verdade é relativa a formações discursivas particulares, a sistemas de poder/conhecimento particulares, os quais, portanto, não estão abertos à crítica de posições externas ou acima delas. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 90).

liberdades individuais e de organização política e perseguição e morte de pessoas, a intervenção militar no Brasil encontra coró, nos dias atuais, nos discursos de uma parte do espectro ideológico da direita brasileira. A análise histórica, assim, torna-se indispensável para a compreensão de tais fenômenos discursivos.

2.2. A perspectiva crítica

A visão de discurso foucaultiana é base para todos os estudos acerca do tema. Se não como fundamentação, pelo menos enquanto objeto de discussão ou contraposição. Norman Fairclough, proponente da teoria social do discurso, dedica um capítulo de sua obra *Discurso e Mudança Social* às reflexões de Foucault sobre o discurso.

Ele destaca cinco tópicos que considera centrais nos estudos de Foucault: a natureza constitutiva do discurso; a primazia da interdiscursividade e da intertextualidade; a natureza discursiva do poder; a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 85). Na sequência, destaca o que diferencia seu entendimento do de Foucault, apontando que "as fraquezas relevantes no trabalho de Foucault têm a ver com concepções de poder e resistência, e com questões de luta e mudança" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 86).

Foucault reconhece a existência de luta por poder e elenca o discurso como relacionado a isso, mas não compactua da ideia de que o processo de luta, enquanto prática discursiva, tem especificidades e pode gerar mudanças significativas nas estruturas sociais. Tal concepção é central na proposta de Fairclough.

Eu gostaria de sugerir que as estruturas são reproduzidas ou transformadas, dependendo do estado das relações, do equilíbrio de poder, entre os que estão em luta num domínio sustentado particular de prática, tal como a escola ou o lugar de trabalho. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 88)

Assim, o processo de prática discursiva e os tensionamentos que dela decorrem seriam determinantes para o entendimento da constituição e transformação das estruturas sociais. A constituição do próprio discurso, para Fairclough, precisa ser entendida a partir de uma visão dialética da realidade em que acontece.

O discurso é considerado, aqui, indissociável de sua relação com a prática, uma vez que significa a linguagem em uso enquanto prática social, constituída pelo e

constitutiva do mundo. Dessa premissa derivam três dimensões de sentido para o discurso, a identitária, a relacional e a ideacional. A visão identitária considera os modos como as identidades sociais são construídas no discurso. A visão relacional dá conta de como as relações entre os sujeitos se estabelecem no processo discursivo. A visão ideacional trata da significação na prática discursiva.

A construção de significados, enquanto prática social, constitui o discurso para Fairclough (2012). Ele chama de "semiose" os processos de desenvolvimento de sentido, nos diversos formatos possíveis. Por isso, todas as práticas sociais, intrinsecamente capazes de gerar sentido, são compostas por elementos semióticos.

A semiose na representação e autorrepresentação de práticas sociais constitui os discursos, que são as várias representações da vida social. Os atores sociais posicionados diferentemente veem e representam a vida social de modo distinto, com discursos distintos. A vida de pessoas pobres, por exemplo, é representada nas práticas sociais do governo, da política, da medicina, da ciência social, e os diferentes discursos, inseridos nessas práticas, correspondem às diversas posições dos atores sociais. (FAIRCLOUGH, 2012, p. 310)

Considerando a necessária relação entre as partes constitutivas do discurso, Fairclough esquematiza sua definição de discurso em uma perspectiva tridimensional, que inclui texto, prática discursiva e prática social interligadas.

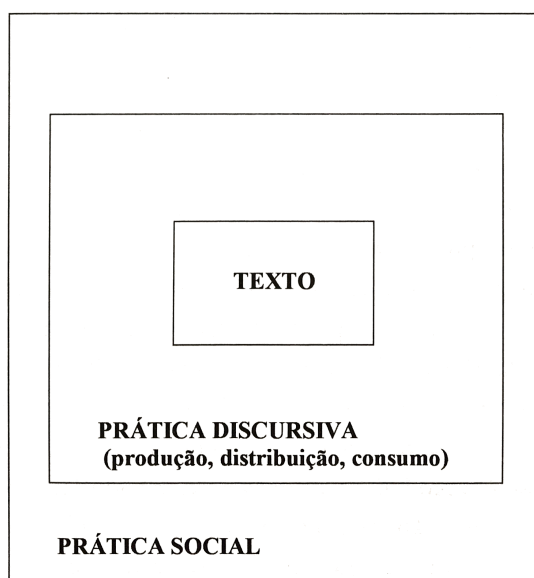


Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso
Fonte: FAIRCLOUGH, 2016, p. 105.

O texto, no núcleo da definição de discurso, considera a parte formal do discurso, concreta enquanto expressão da linguagem, os itens ligados à linguística. Assim, são propostas por Fairclough (2016, p. 108) quatro frentes a serem analisadas na perspectiva do texto. O vocabulário, que "trata principalmente das palavras individuais"; a gramática, que trata "das palavras combinadas em orações e frases", a coesão, que "trata da ligação entre orações e frases" e a estrutura textual, que "trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos".

A prática discursiva dedica-se aos fatores que envolvem a produção, a distribuição e o consumo textual, moldando-os. As posições dos sujeitos em cada parte da circulação do discurso, de sua formulação ao seu consumo, são determinantes para o entendimento da prática discursiva. Onde está inserido concreta e ideologicamente aquele que produz o texto; quem ou o que é o meio pelo qual um texto se propaga; onde está aquele que consome o texto são questões centrais para o entendimento da prática discursiva.

Considerando que a prática discursiva é a parte do discurso dedicada a entender as dinâmicas que envolvem o sujeito em sua constituição e a influência disso no discurso, percebe-se que é aqui, também, que se encontra a possibilidade de ação do sujeito através do discurso, enquanto ferramenta apropriada para expressão de significados e, invariavelmente, para determinação de posições ideológicas em determinados contextos. É o que Fairclough (2016) chama de dimensões sociocognitivas dos participantes do discurso e, por isso, ele pontua

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens do discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 113 e 114)

A posição adotada pelo sujeito na prática discursiva é determinada pelas instâncias ideológicas e concretas a que ele está associado em determinada situação. O contexto, assim, é importante para a prática discursiva, não simplesmente por suas condições situacionais, mas pela complexidade de sua relação com o discurso em questão, com o sujeito e suas vivências e com o meio social.

A prática social considera o discurso como mantenedor e transformador de relações de poder e significados, através de dois conceitos centrais: a ideologia e a hegemonia. Para trabalhá-los, Fairclough (2016) referencia estudiosos marxistas, especialmente os apontamentos de Althusser sobre ideologia e os de Gramsci sobre hegemonia.

No espectro crítico do discurso, a ideologia localiza-se na prática social justamente porque se entende que o discurso é ideológico à medida que é decisivo nas relações de poder e dominação presentes na sociedade. Fairclough (2016, p. 97) explica que, "assim, a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas". Ou seja, em relação ao sujeito, não há possibilidade de autonomia do que ele pronuncia; ao contrário, sua atitude discursiva é determinada pelas bases ideológicas a que está submetido e, por isso, filiado. Em relação ao meio social, o discurso constrói as condições materiais, dando concretude às estratégias ideológicas envolvidas nas disputas de poder.

O entendimento de ideologia em Fairclough (2016) pressupõe que (1) ela tem existência material nas práticas das instituições, (2) os sujeitos são interpelados por ela e (3) os "aparelhos ideológicos de estado" são determinantes na luta de classes e, portanto, na luta discursiva. Fairclough parte disso para dizer

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 122)

Apesar de sua concepção ser fundamentada na visão althusseriana de ideologia, ele se contrapõe às limitações dessas concepções considerando que há um exagero no entendimento da constituição ideológica do sujeito pelas correntes do discurso que consideram integralmente a proposta. Fairclough (2016, p. 126) defende que o sujeito é capaz de rebelar-se, mesmo interpelado por ideologias que fazem parte da sociedade, agindo de modo a resistir criativamente, propondo mudanças e reapropriações das práticas em questão. Ao contrário do que defende Foucault, por exemplo, quando admite a possibilidade de resistência dos sujeitos, mas entende que ela não seja capaz de gerar mudança social significativa, uma vez que o próprio poder a conteria (FAIRCLOUGH, 2016, p. 86 e 87).

Em relação à hegemonia, os estudos gramscianos embasam o entendimento de Fairclough, que a define a partir da ideia de dominação e da relação necessária entre dominação e luta, ou seja, a instabilidade que propicia disputa por poder e, portanto, mudança social.

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127)

A hegemonia, na ótica discursiva, tem relação com o conceito de ordem do discurso, uma vez que a hegemonia de determinado discurso se dá quando há sua cristalização, quando a construção de sentido sobre um tema é determinada por regras vigentes e dominantes.

As práticas sociais inter-relacionadas de maneira particular constituem a ordem social, como é o caso da atual ordem neoliberal globalizada emergente do novo capitalismo, ou, mais especificamente, a ordem social de educação de uma sociedade específica em um certo período de tempo. O aspecto semiótico de uma ordem social é o que podemos chamar de ordem de discurso. É a maneira de os diversos gêneros e discursos estarem inter-relacionados entre si. Uma ordem de discurso é uma estruturação social da diferença semiótica, uma ordenação social particular das relações entre os vários modos de construir sentido, isto é, os diversos discursos e gêneros. (FAIRCLOUGH, 2012, p. 310)

Dessa forma, é na cristalização, estabilidade e fechamento de determinado discurso que se formaria sua hegemonia, constituindo uma ordem do discurso interligada à ordem social. Por isso, a relação dialética, de constante tensionamento, entre prática discursiva e prática social é premissa dos estudos da teoria social do discurso. Como enfatiza Gleiss (2015), "[...] discursos diferentes se envolvem em uma luta antagônica para constituir o social de maneiras diferentes³" (p. 516).

Embora central no entendimento da prática social, a hegemonia não deve ser entendida como impossibilitadora da mudança social. Acerca disso, Fairclough (2012) ratifica que

³ Tradução da autora para "[...] different discourses engage in an antagonistic struggle to constitute the social in different ways".

Uma determinada estruturação social da diversidade semiótica pode ser hegemônica, tornar-se parte do senso comum legitimador que sustenta as relações de dominação. Mas a hegemonia, em seus períodos de crise, será sempre contestada em maior ou menor proporção. Uma ordem de discurso não é um sistema fechado ou rígido, é, na verdade, um sistema aberto posto em risco pelo que acontece em interações reais. (FAIRCLOUGH, 2012, p. 311)

Entendida a noção de discurso e as variáveis que a compõem, é possível avançar para a definição da análise crítica do discurso (ACD). Fairclough (2012) explica que sua proposta teórico-metodológica propõe-se não somente a ser uma forma de estudar a prática social e discursiva, mas também a ser uma ferramenta de mudança social nestes processos.

A ACD é uma forma de ciência social crítica, projetada para mostrar problemas enfrentados pelas pessoas em razão das formas particulares de vida social, fornecendo recursos para que se chegue a uma solução. É claro que isso leva a uma pergunta: um problema para quem? Na condição de ciência social crítica, a ACD tem objetivos emancipatórios e focaliza os chamados “perdedores” dentro de certas formas de vida social – os pobres, os excluídos socialmente, aqueles que estão sujeitos a relações opressivas de raça e sexo, e assim por diante. Mas isso não nos dá um conjunto de problemas sociais claramente definidos e incontroversos. Os assuntos problemáticos e que requerem mudança são inerentemente controversos e contestáveis, e a ACD estará inevitavelmente envolvida em debates e controvérsias sociais quando enfatizar certas características da vida social como problema. (FAIRCLOUGH, 2012, p. 312)

Fica clara, portanto, a adequação da análise crítica do discurso para tratar dos problemas sociais diretamente ligados ao discurso. Enquanto método, a ACD quer propiciar que se averigue as estratégias discursivas envolvidas nos problemas da sociedade; que se entenda a forma como estão colocadas em luta e que resultados hegemônicos se percebe; que se proponha, através das possibilidades na esfera da prática social, os caminhos de mudança possíveis.

Partindo da visão tridimensional do discurso, a ACD considera a análise dos enunciados por parâmetros dentro de cada uma dessas esferas. Porém, Fairclough (2016) alerta que não há uma obrigatoriedade de itens a serem analisados, nem uma ordem a ser seguida. A teoria deve ser elástica no sentido de ser o mais eficiente possível para o entendimento do discurso e de suas consequências práticas em determinado texto.

Deve-se ter em mente que durante a análise há uma constante alternância de foco da particularidade da amostra discursiva para o tipo (ou tipos) de discurso que ela delineia, e as configurações dos tipos de discurso para os quais está orientada. A análise poderia ser dirigida para ambos: poderia mostrar características, padrões e estruturas que são típicos de certos tipos de discurso, reestruturando tendências nas ordens do discurso, e mostrar

formas de usar esses recursos convencionais que são específicos dessa amostra. Note que em qualquer análise particular algumas das categorias são provavelmente mais relevantes e úteis que outras, e os analistas provavelmente desejam focalizar um número pequeno de categorias. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 295)

A permissão para escolha de determinadas categorias, na proposta de Fairclough, é o que dá a flexibilidade referida acima para a ACD, no sentido de atender aos diversos tipos de discurso. Entretanto, ele dedica parte de seus escritos a estabelecer categorias possíveis de análise do discurso, conforme compilação que segue.

Tabela 1 - Categorias para análise crítica do discurso

Dimensão	Categoria proposta	Descrição
Prática discursiva	Interdiscursividade	Tipos de discurso presentes na amostra.
	Cadeias intertextuais	Tipos de transformação pelas quais a amostra discursiva passa nos textos em que aparece.
	Coerência	Como os textos são realmente interpretados pelos interlocutores em relação à heterogeneidade possível.
	Condições da prática discursiva	Práticas sociais de produção e consumo do texto, considerando o tipo de discurso da amostra.
	Intertextualidade manifesta	O que outros textos estão determinando na construção do texto analisado e como acontece esse processo.
	Representação discursiva	O que está representado em relação ao discurso e em que níveis.
	Pressuposição	Como estão colocadas as pressuposições no texto.
Texto	Controle interacional	Propriedades organizacionais das interações.
	Coesão	Como as orações e os períodos estão conectados no texto.
	Polidez	Estratégias de polidez usadas, análise de quem as usa e o que isso representa.

	Ethos	Características que constroem o "eu", as identidades sociais, na amostra.
	Transitividade	Existência de tipos de processo e participantes particulares favorecidos no texto, escolhas de voz feitas e nominalização dos processos.
	Tema	Padrão discernível na estrutura temática do texto para a escolha dos temas das orações.
	Modalidade	Padrões quanto ao grau de afinidade expressa com proposições, por meio da modalidade.
	Significado das palavras	Palavras-chave com significado cultural geral ou mais local; palavras com significados variáveis e mutáveis; significado potencial de uma palavra como modo de hegemonia e foco de luta.
	Criação de palavras	Formas de lexicalização dos sentidos.
	Metáfora	Fatores que determinam a utilização da metáfora identificada no texto. O efeito das metáforas sobre o pensamento e prática.
Prática social	Matriz social do discurso	Relações e estruturas sociais e hegemônicas a matriz da instância particular de prática social e discursiva; efeitos presentes em relação à reprodução ou transformação.
	Ordens do discurso	Relacionamento da instância da prática social e discursiva com as ordens do discurso que ela delinea.
	Efeitos ideológicos e políticos do discurso	Sistemas de conhecimento e crença; relações sociais; identidades sociais.

Fonte: compilação e breve descrição das categorias de análise propostas para o exercício da ACD (FAIRCLOUGH, 2016, p. 295 a 304).

As possibilidades em cada frente de análise trazida por Fairclough são, neste estudo, ponto de partida. Mais adiante, destacarei as categorias da ACD que comporão a metodologia de análise, definidas a partir da conexão com a temática estudada e com o entendimento do papel central da mídia social aqui.

De forma geral, entretanto, entendo que a ACD é a teoria do discurso mais intimamente ligada à noção de disputas discursivas com que pretendo trabalhar e, por isso, a escolhida para nortear a análise do *corpus* nesta pesquisa. Mesmo que outras correntes teórico-metodológicas admitam o discurso como objeto de luta, é na teoria de Fairclough que esse entendimento encontra centralidade. A premissa da relação dialética, e por isso de constante tensionamento, entre prática discursiva e prática social, pode ser claramente visualizada no processo de disputa discursiva, que será explorado a seguir, considerando a relação do discurso com a luta por poder e as constituições sociais oriundas disso.

2.3. A perspectiva do poder

Pelos conceitos abordados até aqui, é possível compreender que o discurso é determinante nas relações sociais estabelecidas e, por isso, está intimamente ligado ao poder envolvido nelas. Neste tópico, entretanto, pretendo abordar em que sentido o discurso é poder. A premissa para esse entendimento está na própria ideia de Fairclough (2016) acerca da dialética discursiva, onde acontece a disputa por poder e hegemonia. Ele explica que

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98 e 99)

Num primeiro plano, ideológico, o discurso opera como meio de significação do mundo, a partir do lugar social de quem está envolvido na relação. Como já explanado, determinado enunciado assume significações diferentes conforme a posição social dos sujeitos envolvidos na conversação. Este processo, de plano individual, demarca a ação ideológica do discurso e é a partir dele que acontece o outro plano explicado

por Fairclough (2016), o político. A prática ideológica, inerente aos sujeitos envolvidos nas relações sociais, gera efeitos coletivos, portanto políticos, tensionando as relações de poder.

A princípio, o discurso pode ser entendido como "lugar" de luta, pois é possível pela sua análise, por exemplo, identificar conflitos sociais e lugares ideológicos e materiais que atores envolvidos ocupam. Entretanto, para além de "lugar", o discurso é um próprio foco de luta, ao passo que a prática discursiva, entendida como prática ideológica e política, articula relações de poder e ideologias com efeitos práticos na realidade social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98 e 99). Nesse sentido, a apropriação e o direcionamento de estratégias discursivas sobre determinado tema por um sujeito ou grupo social, em efeitos práticos, é sinônimo de poder e capacidade de interferência na realidade social.

Por ser esse poder eficiente no processo de constituição das relações sociais e estruturas materiais da sociedade, é que o discurso se torna objeto de desejo e de disputa pelos atores sociais. Na visão foucaultiana,

O discurso – deixa de ser um representante dos sentidos pelos quais se luta e/ou se debate para ser, então, um instrumento do desejo. Ora, “o discurso, longe de ser [...] [um] elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica [...] [é, antes,] um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2012, p. 9 e 10)

A acepção do discurso como objeto de desejo do sujeito enquanto indivíduo suscita os estudos da Análise do Discurso, que considera as premissas da psicanálise de Freud e Lacan na análise dos processos discursivos. Reconhecendo a importância desse aspecto, todavia, aqui proponho a acepção do "acesso" ao discurso como privilégio e, por isso, objeto de desejo.

Parto do materialismo histórico para expor que a sociedade capitalista, como a que vivemos no contexto do objeto deste trabalho, baseia-se na escassez e acesso selecionado aos bens mais valiosos. Sendo o discurso objeto de desejo dos sujeitos, "o poder do qual nos queremos apoderar", nas palavras de Foucault, por sua faculdade política intrínseca, torna-se, na lógica capitalista, privilégio de determinadas classes sociais – as dominantes. As relações materiais, portanto, determinam o acesso ao discurso no que se refere ao seu poder hegemônico, indicando que, na sociedade capitalista, a minoria detentora do capital é quem opera as possibilidades

de criação, manutenção e transformação de discursos em favor de seus interesses. Um exemplo dessa dinâmica pôde ser observado na última campanha para eleições presidenciais no Brasil. A reportagem do jornal Folha de São Paulo⁴ revelou um esquema de pagamento ilegal de disparo massivo de mensagens contra o então candidato à presidência Fernando Haddad (PT) através do aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp⁵. A contratação de agências especializadas no serviço teria sido feita por empresas, como a rede de lojas Havan, interessadas na eleição de Jair Bolsonaro (PSL), eleito presidente da República dez dias depois de divulgada a reportagem. A prática, atualmente objeto de apuração no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), é ilegal porque configura doação de campanha não declarada, além de utilizar softwares automatizados, também vedados pela legislação eleitoral. Tais empresários, como o proprietário da Havan, eram assumidos apoiadores de Bolsonaro⁶ e de seu plano de governo e, nesse sentido, utilizaram seu poderio econômico para financiar o espalhamento do discurso contrário ao candidato opositor, dando condições para que esse discurso se tornasse hegemônico e pudesse influenciar na decisão de voto dos cidadãos. Agindo no cerne da prática discursiva, tal ação funcionou como mantenedora da prática social, dos interesses econômicos, políticos e sociais dos empresários envolvidos.

A ideia de dominação, em que o poder serve para que determinados sujeitos ou grupos sociais façam prosperar suas demandas em detrimento das demandas de outros, é unânime nas teorias aqui abordadas. Bourdieu (2001, p. 10 e 11) explica que a luta simbólica, que se estabelece nas disputas discursivas, acontece por meio de um jogo ideológico em que os interesses particulares de um determinado grupo são travestidos de interesses universais, como se fossem comuns a todos os grupos e, por isso, aceitos no plano material. Castells (2019, p. 57) defende o aspecto fundamental do poder nas relações sociais, dizendo que ele "é a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outro(s)

⁴ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em 25 out 2019.

⁵ Quase um ano após a reportagem da Folha de São Paulo, Ben Supple, gerente de políticas públicas e eleições globais do Whatsapp, empresa controlada pelo Facebook, admitiu que "na eleição brasileira do ano passado houve a atuação de empresas fornecedoras de envios maciços de mensagens, que violaram nossos termos de uso para atingir um grande número de pessoas". Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>>. Acesso em 25 out 2019.

⁶ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/21/politica/1534888407_697144.html>. Acesso em 25 out 2019.

ator(es) social(is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder". Já Van Dijk (2018) explana sobre a relação entre o poder do discurso e os outros tipos de poder presentes na sociedade.

O poder simbólico pode ser derivado de outros tipos de poder. Assim, políticos têm acesso ao discurso público devido ao seu poder político, e professores, devido aos recursos de conhecimento. Se o poder é definido em termos de controle de (membros de) um grupo sobre outros, então tais formas de poder político, acadêmico ou empresarial realmente se tornam efetivas se fornecem acesso especial aos meios de produção discursiva e, portanto, ao gerenciamento das mentes do público. (VAN DIJK, 2018, p. 23)

O processo de dominação é, portanto, inerente ao processo discursivo e depende da posição ocupada pelo ator ou grupo social. Na visão crítica de Van Dijk (2018), ele acontece quando os atores dos grupos dominantes têm controle pleno da prática discursiva. Desse processo de dominação da prática discursiva decorrem os efeitos materiais da dominação, perceptíveis na prática social.

Apesar de ligado ao simbólico, e portanto ao plano das ideias, o poder do discurso tem concretude na realidade social. A priori, porque ele próprio, em seus processos de produção, distribuição e consumo demanda práticas de acontecimento, como as conversações entre os sujeitos, por exemplo – a prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2016). Além disso, é necessário estabelecer a relação de causalidade entre o discurso e os acontecimentos sociais – a prática social (FAIRCLOUGH, 2016).

Restam demonstrados os efeitos práticos dos processos que envolvem o discurso, mas cabe ainda voltar à esfera conceitual para entender de que tipo de poder trata-se o discurso. Proponho que se o entenda enquanto "poder simbólico", conceito proposto por Bourdieu (2001).

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica* [...] Os símbolos são os instrumentos por excelência da "integração social": enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração "lógica" é a condição da integração "moral". (BOURDIEU, 2001, p. 9 e 10)

A definição de Bourdieu aborda o processo de significação como condição para a vida social, culminando na necessária formação de um *consensus* acerca do sentido das coisas do mundo. O poder simbólico, que se estabelece nesse processo de significação, é a força do discurso, no sentido de ser constitutivo da realidade social, num processo não autônomo dos sujeitos. Bourdieu (2001) explica que [...] o poder

simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 2001, p. 7 e 8).

Ao relacionar a ideia de Bourdieu (2001) com apontamentos de Fairclough (2016) acerca da ideologia, é possível depreender que a ideologia seria a existência material que determina esse jogo de ideias e interpela os sujeitos, independentemente de seus arbítrios, em um processo recorrente e conflituoso de interpretação e expressão do mundo ao seu redor. Bourdieu (2001) explica como o discurso, enquanto poder simbólico, opera na constituição das condições materiais de existência e relações na sociedade.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2001, p. 14)

O discurso assume, nessa visão, a capacidade de direcionar a atitude dos atores na sua prática social sem a necessidade de coerção, característica de outras formas de poder. Todavia, para que isso aconteça é necessário, como aponta Bourdieu (2001), que haja legitimidade do discurso, bem como de seu enunciador. Aqui, é possível entender a importância da mídia social, de que falarei a seguir, no âmbito discursivo e os problemas dessa intersecção. O processo de legitimação de um discurso e/ou de um ator social, anteriormente mais moroso e menos volumoso, agora ocorre de maneira rápida, fluida e, em alguns casos, sem qualquer necessidade de relação com critérios até então importantes, como o conhecimento de dados e fatos acerca do tema. Contexto em que, por exemplo, a desinformação, pela sua natureza independente de correspondência com a realidade, encontra terreno fértil para se propagar.

Castells (2019) reconhece que o discurso possui legitimidade sem a necessidade do uso da força, como outras formas de poder. Porém, argumenta que "há complementaridade e apoio recíproco entre os dois mecanismos principais de formação de poder identificados pelas teorias do poder: violência e discurso" (CASTELLS, 2019, p. 58). Assim, quanto mais efetiva for a ação comunicativa para o

processo de significação (discurso), menor será a necessidade de uso da força (violência) para a legitimação de determinada ideia⁷.

A legitimação de determinado discurso, enquanto processo de dominação, precisa ser entendida como geradora de desequilíbrios na estrutura social. Van Dijk (2018) denomina tal fenômeno de "controle" de um grupo sobre as ações de outros grupos e seus membros. A partir disso, expõe

Se esse controle se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de *abuso* de poder. Se as ações envolvidas são ações comunicativas, isto é, o discurso, então podemos, de forma mais específica, tratar do controle sobre o discurso de outros, que é uma das maneiras óbvias de como o discurso e o poder estão relacionados: pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou uma empresa interessada na supressão da liberdade da escrita e da fala (tipicamente crítica). Ou, ao contrário, elas têm que falar ou escrever como são mandadas a falar ou escrever. (VAN DIJK, 2018, p. 17 e 18)

Mesmo que o controle – e consequente abuso de poder – continuem sendo exercidos através das tradicionais instituições sociais citadas por Van Dijk (2018), fica evidente a necessária inquietação acerca das novas formas de controle social, a partir das mudanças estabelecidas pela internet na realidade social contemporânea. O controle do discurso, o abuso do poder sobre ele e, por consequência as desigualdades sociais, passam necessariamente, nos dias de hoje, pelo entendimento de como os processos discursivos acontecem nas plataformas digitais.

Castells (2019) defende que o ponto de partida para se estudar o cenário social atual seja a compreensão de que ele se organiza em tornos de redes suportadas pela constante e acelerada evolução tecnológica que presenciamos.

As fontes de poder social em nosso mundo – a violência e o discurso, a coerção e a persuasão, a dominação política e o enquadramento (*framing*) cultural – não são fundamentalmente diferentes de nossa experiência histórica, como foi teorizado por alguns dos pensadores mais importantes sobre o poder. Mas o terreno onde as relações de poder operam mudou principalmente em dois sentidos: ele é primordialmente construído em torno da articulação entre o local e o global; e ele é primordialmente organizado em torno de redes, não de unidades. (CASTELLS, 2019, p. 96)

⁷ Na proposta de Castells o termo violência encontra correspondência com coerção e força de plano físico. Entretanto, cabe destacar a existência de conceitos como o de violência simbólica que utilizam a mesma palavra para emprestar ao discurso a capacidade de, ele próprio, ser agente de disseminação e concretização de violência. Nesse sentido, ver Schinestzck (2018).

O poder do discurso, então, estaria ligado ao poder de acessar, compreender e manipular essas redes interconectadas e o que nelas circula. O que Castells (2019) diz ser o poder central na sociedade – o da comunicação.

Os discursos, em nossa sociedade, moldam a mente pública por meio de uma tecnologia específica: redes de comunicação que organizam a comunicação socializada. Como a mente pública – isto é, o conjunto de valores e comportamentos que têm uma exposição ampla na sociedade – é, em última instância, o que influencia o comportamento individual e coletivo, a programação das redes de comunicação é a maior fonte de materiais culturais que alimentam as metas programadas de qualquer outra rede. [...] E é apenas atuando sobre os discursos globais por meio das redes globais de comunicação que esses atores podem influenciar as relações de poder nas redes globais que estruturam todas as sociedades. (CASTELLS, 2019, p. 98 e 99)

Os escritos de Castells (2019), ao sustentarem o poder da comunicação como o mais importante na sociedade atual, demonstram a fundamental compreensão do discurso e de suas dinâmicas para o entendimento da realidade social. Enquanto poder, o discurso continua sendo determinante para a ação social dos sujeitos e grupos sociais, sobretudo profundamente entrelaçado com as plataformas digitais, confundindo-se com o próprio poder da comunicação mediada pelo computador, originando novos fenômenos como as disputas discursivas em sites de redes sociais, objeto desta pesquisa.

2.4. A perspectiva da comunicação mediada por computador

Finalmente, passo a examinar como o discurso se relaciona com a comunicação mediada por computador (CMC) e as questões que emergem dessa intersecção. Para que se entenda o contexto em que isso acontece, Castells (2019) explica como a sociedade em rede se estrutura do ponto de vista da comunicação.

Uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica. Considero estruturas sociais como arranjos organizacionais de seres humanos em relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder, expressos em uma comunicação significativa codificada pela cultura. (CASTELLS, 2019, p. 70)

No cerne da "sociedade em rede" descrita por Castells (2019) estão as relações que emergem do processo de comunicação mediada por computador, no sentido do poder que essas conexões têm em influenciar as estruturas e atores sociais. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o que é a CMC e como o discurso se apresenta junto a ela, suponho, como ferramenta de mudança social.

Recuero (2012) faz uma análise das principais acepções da comunicação mediada por computador (CMC), explicando que elas fazem parte de uma corrente de estudos que "abarca todo um conjunto de práticas sociais decorrente das apropriações comunicativas das ferramentas digitais" (RECUERO, 2012, p. 22). Sobretudo, destaca a preferência pela definição de Herring (1996) que, além da relação com a plataforma tecnológica, compreende os aspectos sociais, culturais e linguísticos do processo de CMC. A esse entendimento, soma-se o importante aspecto da apropriação, de Jones (1995 apud RECUERO, 2012), que considera a forma de utilização e a função atribuída pelas pessoas às ferramentas digitais como ponto central no entendimento da CMC.

Recuero (2012), então, sugere que se entenda a comunicação mediada por computador em uma perspectiva tríplice.

Neste livro, optamos por focar a conversação como a principal forma de CMC, tomando esta visão tríplice como ponto de partida. De um lado, uma perspectiva linguística de estrutura e organização; de outro, os aspectos culturais das apropriações; e, finalmente, os efeitos das trocas a partir desses dois elementos. (RECUERO, 2012, p. 25)

O entendimento de que a conversação é a forma precípua de CMC vai ao encontro do que Castells (2019) aborda acerca do determinante papel das redes estabelecidas entre os atores e suportadas pela tecnologia na configuração das estruturas sociais. Isso porque a conversação enquanto apropriação tem dupla implicação: a da construção de redes entre os atores e a da circulação de discursos que intrinsecamente compõem essas interações e, a partir delas, se espelham na rede.

O discurso mediado por computador, aquele que circula nos processos de CMC, é definido por Herring (2001) como a "comunicação produzida quando seres humanos interagem uns com os outros através da transmissão de mensagens pelas redes de computadores"⁸ (HERRING, 2001, p. 612). Em uma primeira análise, o

⁸ Tradução da autora para: "(...) is the communication produced when human beings interact with one another by transmitting messages via networked computers".

conceito de Herring (2001) parece ser estritamente focado na mediação e pouco preocupado com o sentido discursivo crítico, uma vez que propõe a mediação como critério central de enquadramento. Todavia, a obra da pesquisadora demonstra a importância de se entender o discurso na CMC a partir da mediação e, assim, verificar quais propriedades ele assume como efeitos dessa mediação, com a linguagem em uso neste meio como foco principal. Tal perspectiva fica clara, por exemplo, nos níveis da proposição metodológica de Herring (2012), a *CMDA - Computer Mediated Discourse Analysis* (Análise de Discurso Mediada pelo Computador), quais sejam, estrutura, sentido, interação, comportamento social e comunicação multimodal⁹.

Considerando a Análise Crítica do Discurso, sobretudo, é possível estabelecer relações entre as dimensões do discurso, propostas por Fairclough (2016), e as premissas conceituais da CMC tratadas até aqui. Penso que as apropriações e usos dados pelos atores às plataformas de comunicação digital seriam o elo dialético entre as três esferas da ACD – texto, prática discursiva e prática social, quando o objeto, como aqui, trata-se de uma conversa mediada por computador.

As características do meio digital, especificamente dos sites de rede social e da mídia social, que proporcionam a diversidade de apropriações na CMC, serão aprofundadas no próximo capítulo. No entanto, cabe aqui entender como, de forma geral, a CMC vem modificando a estrutura da sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito aos efeitos discursivos dessas mudanças.

Uma visão interessante é a de Tiburi (2017), que, ao falar de ética e pós-verdade como temas-chave para a compreensão das relações sociais atuais, fala sobre o assujeitamento, dizendo que estamos atrelados a uma "ordem que pensa apenas nela mesma [o capitalismo]. O sujeito trabalha para ela, ele põe o seu discurso em pé, ele organiza a prática como funcionário modelo da ordem" (TIBURI, 2017, p. 106). Para a autora, o sujeito teria a capacidade de desobediência em relação a essa

⁹ A *CMDA* propõe níveis de análise, que englobam as diversas frentes em que o discurso deve ser considerado enquanto produto da mediação por computador. O nível "estrutura" diz respeito a questões como oralidade, ortografia, formalidade, formação de frases e outras características ligadas à construção textual e à linguagem utilizadas. O nível "sentido" questiona qual a intenção do discurso, o que é passado com ele. O nível "interação" analisa os diálogos, o espaço no tempo em que eles se constituem. O nível "comportamento social" abrange as relações de poder e influência, a reprodução de valores e os conflitos. O nível "comunicação multimodal" diz respeito aos formatos utilizados e o efeito dessas escolhas. Apesar de reconhecer a amplitude de análise que a *CMDA* possibilita, ela não será utilizada neste trabalho, pois vislumbro a possibilidade de melhor compreensão das disputas discursivas através da ótica dialética da Análise Crítica do Discurso. Porém, certamente, os ensinamentos de Herring (2012) contribuem para a proposta que seguirá no capítulo metodológico.

ordem, mas isso não ocorre pela natureza do ato digital, a que todos estamos submetidos enquanto executores dele.

O ato digital é a nova forma de ato que substitui qualquer realização. A simulação é uma nova forma de ser. Os atos digitais sugerem autossuficiência, prometem o dever cumprido, garantem que somos responsáveis sem maiores consequências. É a forma da pós-responsabilidade na época em que não se tem mais que responder por nada. Afirmo que comparecerei, que doarei, que participarei, mas a promessa contida na ação é o seu próprio fim. Parado diante do computador, o agir se constrói digitalmente. A inação torna-se uma modalidade de vida plena da irrealização feliz. (TIBURI, 2017, p. 119)

Entendendo que as dinâmicas de circulação do discurso acontecem majoritariamente no ambiente digital é possível concluir, então, que o processo dialético entre prática discursiva e prática social resta profundamente prejudicado quanto a proporcionar mudança social, no sentido da ação do sujeito, como proposto por Fairclough (2016). A problematização feita por Tiburi (2017) sugere que vivemos como escravos da visibilidade, valor máximo dos ambientes de relacionamento virtual e, por isso, numa ordem discursiva sem qualquer comprometimento com a veracidade das informações ou com a essência existencial do ser humano, mas voltada a manter um "sistema que administra a inveja na qual tudo está aí para ser visto. Nossos corpos e até mesmo nossos rostos são mercadorias que já não nos pertencem" (TIBURI, 2017, p. 123).

A questão da utilização dos dados dos usuários pelas plataformas digitais que os obtêm é outro ponto importante da CMC no cenário de hoje. Com uma ilusão de gratuidade para a utilização dos mais diversos ambientes na internet, especialmente os sites de redes sociais, as pessoas fornecem dados pessoais, profissionais, geográficos e de interesses. Essas informações são a mais valiosa moeda do mundo de hoje, ao passo que, na posse delas, as empresas digitalmente atuantes conseguem entregar conteúdo publicitário e de relacionamento a seus públicos, gastando infinitamente menos e sendo muito mais assertivas.

Entretanto, para o estudo do discurso, interessa mais que se analise um outro efeito da apropriação mercadológica de dados dos usuários na CMC: a utilização de algoritmos¹⁰ que aprendem, com a coleta de dados e análise do comportamento do

¹⁰ De forma simplista, na computação, um algoritmo é "uma sequência finita de ações executáveis que visam obter uma solução para um determinado tipo de problema". Os sites de redes sociais mais populares contam com algoritmos complexos que definem os conteúdos que os usuários verão nos seus ambientes, assunto que abordarei com mais minúcia no próximo capítulo. Mais informações em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Algoritmo>>. Acesso em 29 out. 2019.

usuário, a entregar-lhe conteúdo cada vez mais "relevante". A primeira dúvida que tal mecanismo suscita é "quais os critérios de relevância?". Em poucas ocasiões eles foram esclarecidos publicamente pelos dirigentes das empresas proprietárias dos principais sites de redes sociais, portanto trata-se de uma questão sem resposta. A circulação dos discursos, hoje, precisa necessariamente passar por essa discussão, ao passo que a prática discursiva encontra-se totalmente influenciada pela "curadoria" de conteúdo das empresas que administram essa plataforma, que ao que parece muito mais tem a ver com objetivos mercadológicos do que com responsabilidade social. Vislumbro, pois, que os algoritmos das plataformas de comunicação mediada por computador seriam novíssimos modos de controle do discurso (Van Dijk, 2018). Ele explica

Mesmo assim, mais análises críticas são necessárias para descobrir se essa diversidade de tecnologias, mídias, mensagens e opiniões faz com que o cidadão seja melhor informado e capaz de resistir à manipulação através de mensagens que aparentam ser direcionadas pessoalmente para ele – mas que poderia implementar muito bem as ideologias dominantes que não mudaram muito. A ilusão de liberdade e diversidade pode ser uma das melhores maneiras de produzir a hegemonia ideológica que servirá aos interesses dos poderes dominantes na sociedade, incluindo as empresas que fabricam essas próprias tecnologias e seus conteúdos midiáticos e que, por sua vez, produzem tal ilusão. (VAN DIJK, 2018, p. 20 e 21)

Considerando a falta de clareza sobre os critérios de seleção do discurso, é possível examinar o que Van Dijk chamou de abuso de poder, ao passo que essas empresas, detentoras dos dados dos usuários e do poder de distribuição dos discursos, colocam seus interesses de negócio acima de quaisquer outros que possam questionar a hegemonia ideológica presente nas relações sociais.

A sociedade em rede, construída a partir da comunicação mediada por computador e das tecnologias que a cada dia se aprimoram e se modificam, traz para nós, pesquisadores do ciberespaço, a tarefa de constante problematização. Os tópicos tratados acima são apenas alguns dos possíveis para se pensar os novos paradigmas do discurso e das relações sociais. Portanto, não há qualquer pretensão de esgotamento desse cenário, mas sim de contextualização.

Compreendidas as perspectivas de entendimento do discurso relevantes à abordagem desta pesquisa, a seguir passo a discutir como se apresentam as disputas discursivas, no cenário complexo da comunicação mediada por computador.

2.5. Disputas discursivas pela hegemonia narrativa

A visão crítica do discurso nos dá a possibilidade de entendê-lo, em sua múltipla composição, como foco e objeto de luta hegemônica entre os sujeitos e grupos sociais. A comunicação mediada por computador, como vimos, traz novos componentes que influenciam nesses processos, agindo profundamente na forma como acontecem e nas suas consequências, como tratarei no próximo capítulo em que explorarei as características, potencialidades e consequências da mídia social em relação ao discurso.

Entretanto, pelo exposto até aqui, é possível entender que o discurso, objeto de desejo e sinônimo de poder simbólico na constituição social, é articulado pelas pessoas e grupos numa disputa simbólica, conforme aponta Bourdieu (2001), "para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais" (BOURDIEU, 2001, p. 11).

Acredito que o processo de disputas discursivas acontece de forma dialética, como prevê Fairclough (2016) entre as categorias de texto, prática discursiva e prática social, e operacionaliza-se, especialmente quando analisado pelo viés da comunicação mediada por computador, através da construção de narrativas que, ao serem formuladas e expressas, pretendem a hegemonia de sentido acerca de determinado tema.

Fairclough (2012) explica que é possível pensar em uma narrativa enquanto a construção de sentidos acerca de determinado fato, situação ou prática social à medida que

[...] as práticas sociais inter-relacionadas de maneira particular constituem a ordem social, como é o caso da atual ordem neoliberal globalizada emergente do novo capitalismo [...]. O aspecto semiótico de uma ordem social é o que podemos chamar de ordem de discurso. É a maneira de os diversos gêneros e discursos estarem inter-relacionados entre si. Uma ordem de discurso é uma estruturação social da diferença semiótica, uma ordenação social particular das relações entre os vários modos de construir sentido, isto é, os diversos discursos e gêneros (p. 310).

Teríamos, assim, a disputa narrativa, de plano textual, inter-relacionada à disputa discursiva, de plano ideológico, e os sentidos, como ferramentas utilizadas pelos atores neste processo, ao passo que servem como "armas de luta" na batalha pela hegemonia de interpretação de um fato.

Motta (2013) dedica-se ao estudo da teoria narrativa e explica que as narrativas se constituem como um elemento culturalmente intrínseco à natureza humana, pelo hábito de contar histórias, tão antigo quanto a comunicação entre as pessoas. Na conceituação do ato de "narrar", ele pontua a importância de se considerar o elemento temporal, no sentido de que a narrativa tem ligação com a experiência vivida naquele momento em que é construída e, por isso, passível de mudanças ao longo do tempo – aqui o caráter dialético aparece e vislumbra a ação do discurso, ideologicamente situado no tempo, na construção das narrativas.

Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude – quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração. (MOTTA, 2013, p. 74)

A narrativa, nessa esteira, pode ser entendida como uma forma de operacionalização e concretização do discurso, sendo a ferramenta capaz de fazer acontecer o que a prática discursiva intenciona e originar a prática social que dela deriva. Pelo papel que assume, a narrativa é o plano primeiro da disputa de sentidos no processo comunicacional, que na visão de Motta (2013) confere à cultura a viabilidade de "resolver conflitos, explicar as diferenças e renegociar significados comunitários" (MOTTA, 2013, p. 72).

Assim, quando compreendidas no contexto da comunicação mediada por computador na forma precípua de conversações (RECUERO, 2012), as narrativas acerca da realidade social são construídas e se tornam determinantes no processo de mudança social (FAIRCLOUGH, 2016), ao disputarem a hegemonia de sentido de determinado fato ou ideia. Essa disputa, quando ocorre na mídia social, mostra-se profundamente influenciada pelas condições do meio, como demonstrarei nas explanações do próximo capítulo.

3. Onde se disputa: a mídia social

Neste capítulo, procuro expor os principais pontos acerca do lugar onde acontecem as disputas discursivas, como a que analisarei nesta pesquisa. Entendendo a mídia social como central na construção discursiva contemporânea, explico ao longo do capítulo como ela se diferencia de conceitos comumente confundidos, sejam eles redes sociais na internet, sites de redes sociais plataformas sociais e mídia social.

Começo explicando o que são as redes sociais na internet, as origens desse campo de estudos e quais os conceitos-chave para o seu entendimento a partir da mediação tecnológica, sejam eles os de atores e conexões – interações, relações, laços sociais e capital social – e os de dinâmicas das redes sociais na internet – a cooperação, a competição, o conflito, a ruptura, a agregação, a adaptação, a auto-organização e outros comportamentos emergentes.

Após, diferencio as redes sociais na internet dos sites de redes sociais, com base no conceito de Boyd e Ellison (2007), que estabelecem determinadas condições para que as plataformas sejam assim consideradas e as delimitam enquanto suportes para o aparecimento e funcionamento das redes sociais na internet. Proponho, também, o exame dos conceitos de públicos em rede (BOYD, 2010) e suas *affordances* – persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade – e das dinâmicas que decorrem das características desses públicos – as audiências invisíveis, o colapso dos contextos e o borramento das fronteiras entre o público e o privado.

Considerando a necessária relativização do conceito de sites de redes sociais, dada a realidade de uso de tecnologias *mobile*, proponho que se estude esses ambientes como plataformas sociais. Explano sobre os estudos de plataforma de D'Andréa (2017; 2018) e a ideia de "plataformização da web" sobre a qual ele pontua. E, finalmente, elenco os elementos que caracterizariam uma plataforma social, associando-os ao conceito de sites de redes sociais de Boyd e Ellison (2007).

Enfim, explico como as plataformas de redes sociais tornam-se uma mídia social, e por isso se diferenciam dos conceitos tratados anteriormente, pela

apropriação dos atores para o espalhamento de informação, em sentido amplo. Trato disso como consequência das *affordances* dessas plataformas e do caráter emergente que a mídia social possui. A seguir, abordo a mudança do paradigma comunicacional ocasionada pela mídia social, bem como os impactos disso nos processos discursivos, tais como o entendimento da mídia social como esfera pública de disputa de sentidos. A homofilia, como característica dos atores, e as pontes em redes sociais na internet são os conceitos que baseiam a abordagem dos filtros-bolha, que proponho se discutir a partir dos apontamentos de Pariser (2012). Por fim, concluo que vivemos em meio a uma cultura algorítmica que tem tornado inatingíveis as visões otimistas de contribuição democrática da mídia social.

O último tópico deste capítulo trata, finalmente, do ambiente em que se desenrola a disputa discursiva analisada neste trabalho, o Twitter. Passando pelo histórico e pelos dados de público da plataforma, explico os usos e apropriações específicos criados pelos usuários ao longo de sua existência e como eles foram delineando a história da plataforma como conversacional e informativa. Após, trato do discurso político e dos influenciadores enquanto interrelacionados. Por fim, passo a descrever a estrutura do Twitter e suas funcionalidades com vistas às implicações que elas geram na circulação do discurso na ferramenta. Assim, criando o aporte necessário para o exame das disputas discursivas que se seguirá.

3.1. Redes sociais na internet

No capítulo anterior, quando tratei do discurso como poder, trouxe a visão de Castells (2019) acerca da organização da sociedade atual em redes, segundo a qual a principal forma de poder seria a comunicação suportada pelas tecnologias da informação. As redes são, pois, tema de estudo de muitas áreas, a exemplo da sociologia de Castells.

Por isso, quando se pensa em rede social enquanto conceito há de se considerar um histórico de estudos até chegarmos nos dias atuais em que, cotidianamente, usamos redes sociais como sinônimo de quaisquer plataformas digitais de relacionamento entre pessoas e instituições. O estudo das redes sociais é feito por várias áreas das ciências humanas e sociais que buscam entender as dinâmicas dos grupos sociais a partir de suas estruturas.

Recuero (2009, p. 17) resgata a trajetória por que passaram os estudos de redes e explica que eles surgiram, em diversas áreas da ciência no século XX, como alternativa ao pensamento analítico-cartesiano, que priorizava o estudo dos fenômenos individualmente considerados. Passou-se, assim, a buscar compreender cientificamente os fenômenos pelas correlações que estabeleciam. Na área das ciências sociais, Jacob Moreno e sua "Sociometria"¹¹ inauguraram os estudos de grupos sociais através da rede que formam, demonstrando-os através de grafos. A teoria dos grafos é parte dos estudos da matemática aplicada, mas usada para representar redes sociais funciona como uma metáfora das redes reais formadas por grupos sociais, onde consideram-se "nós" os atores conectados e "arestas" as linhas que representam essas conexões (Recuero, 2009, p.24).

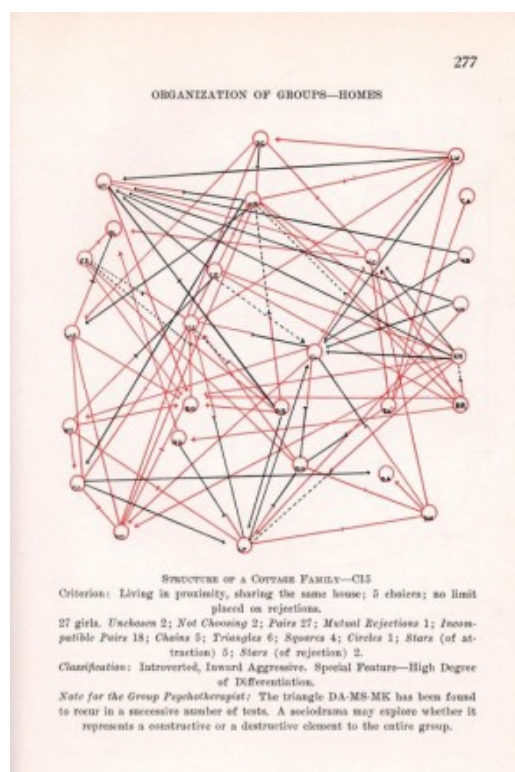


Figura 2 - Reprodução da página 277 da obra "*Who Shall Survive?*", de 1934, de Jacob Moreno, que traz um grafo representando a organização de um grupo.

Fonte: <<https://knightlab.northwestern.edu/2014/12/18/what-can-we-learn-from-the-history-of-social-network-analysis/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

¹¹ "A sociometria explora, mapeia e mensura relações ou vínculos estabelecidos entre forças sociais individuais, que por um olhar direto não é perceptível, atuando em redes de interação no seio de um grupo de uma determinada organização (empresa, sala de aula, comunidade partidária ou grupamento de militares). [...] A técnica sociométrica e o sociograma (que é a sua representação gráfica) permitem verificar como estão as relações sociais no ambiente de trabalho, reconhecer os líderes aceitos e identificar as pessoas que, por algum motivo, estão marginalizadas, reconhecer as redes sociais". Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociometria>>. Acesso em 12 de nov 2019.

Com a visão já consolidada de que os grupos sociais podiam ser interpretados através de sua estrutura, foi na década de 1990 que essa corrente de estudos ganhou grande relevância, uma vez que foi associada ao grande fenômeno comunicacional da história – a internet. A criação da rede mundial de computadores e o desenvolvimento das ferramentas digitais de relacionamento fizeram surgir os estudos do ciberespaço que, associados às teorias de redes sociais, geraram áreas como a Análise de Redes Sociais e as Ciências Sociais Computacionais. A perspectiva de estudo das redes sociais na internet se consolidou como uma área capaz de mapear e compreender como se estabelecem as relações no ciberespaço e como, pelas características do meio, funcionam as dinâmicas desses relacionamentos. Recuero (2009, p. 21) defende que o estudo das redes sociais na internet dá parâmetros únicos de compreensão das relações sociais construídas no ciberespaço, tais como a criação e dinâmicas das estruturas sociais, a criação e manutenção de capital social, a emergência da cooperação e da competição, as características dos grupos e as suas influências sobre os indivíduos.

A grande diferença entre os estudos sobre redes sociais até então feitos e as pesquisas em redes sociais na internet, pelo exposto, deriva da mediação da tecnologia digital. Em especial, devido ao fato de que as interações entre os atores que formam a rede transforma-se, na plataforma digital, em dados com acesso muito mais facilitado para extração, manipulação e análise. Quanto mais evoluem as plataformas que suportam as redes sociais na internet, mais consolidados ficam esses dados, constituindo o que conhecemos por *big data*.

"Big Data" se refere à imensidão de dados sobre indivíduos e grupos que hoje são gerados na Internet por esses atores. Imaginem que, durante anos e anos, as chamadas ciências sociais e humanas que se preocupavam com o comportamento/ações humanas tinham um grande problema: a subjetividade da coleta de dados. Ou seja, coletar dados de pessoas sempre foi um problema para a pesquisa. Pessoas mentem, inventam, são subjetivas e, o "pior", esses dados ainda eram "traduzidos" pelo pesquisador. Análise de redes sociais, por exemplo, era feita como no tempo do [Jacob] Moreno: perguntando às pessoas. Eis que com a Internet, centenas de milhares de pessoas passaram a criar e espalhar "rastros digitais". Passaram a deixar por aí registros de suas falas, seus gostos, seus pensamentos, seus amigos e etc. Centenas de milhares de dados passaram a ser gerados e publicados por todos nós. E o uso desses dados é o que "Big Data" se refere. É a primeira vez na História que cientistas têm acesso a dados brutos humanos "não subjetivos" e que essas análises podem ser feitas de forma quantitativa e em grande escala. [...] Basicamente, Big Data é sobre todos nós e as informações

que publicamos/concedemos a outros. Big Data é sobre análise dos dados de milhares de consumidores. É sobre padrões." (RECUERO, 2013)¹²

Todavia, o advento do *big data* e a possibilidade de acesso amplo aos dados das interações em rede não têm necessariamente um viés positivo. Primeiramente, porque por se tratarem de uma das maiores riquezas atuais, pelas possibilidades de utilização mercadológica e política, os bancos de dados sobre usuários são totalmente controlados e restringidos pelas empresas que os detêm – aspecto de que tratarei nos tópicos seguintes, ao discutir acerca dos sites de redes sociais. E, também, pelas questões éticas relacionadas à privacidade dos usuários, uma vez que têm sua vida em forma de dados disponível a terceiros sem qualquer regulamentação legal eficiente.

Nesse contexto, é importante compreender quais são os aspectos específicos das redes sociais na internet, assim considerados pela influência da mediação digital. Recuero (2009) propõe que se estude, como elementos das redes sociais na internet, os atores e as conexões – interações, relações, laços sociais e capital social e, como dinâmicas das redes sociais na internet, a cooperação, a competição, o conflito, a ruptura, a agregação, a adaptação, a auto-organização e outros comportamentos emergentes.

Os atores, em redes sociais no geral, podem ser entendidos como as pessoas que se relacionam e, por isso, formam as conexões, ou seja, os nós das redes. Na internet, especificamente, os atores não são imediatamente discerníveis (Recuero, 2009, p. 25). Isso porque o ciberespaço propicia que se crie representações dos atores sociais, como identidades que compõem o "eu" em várias facetas. A criação de perfis de uma pessoa em diferentes sites de redes sociais, cada qual adequado para o que o ambiente é usado, é um exemplo disso. Provavelmente, um mesmo usuário que mantém perfil no Facebook e no LinkedIn não tem em ambos as mesmas informações de perfil. No Facebook, é provável que utilize uma foto mais despojada e dados mais íntimos, como os familiares presentes na rede elencados como parentes no seu perfil; já no LinkedIn, um site de rede social voltado à carreira profissional, suas postagens terão a ver com carreira e vida profissional e dados aprofundados sobre sua trajetória profissional provavelmente serão encontrados.

¹² Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/05/big-data-apontamentos-e-limitacoes.html>>. Acesso em 13 nov 2019.

Essa possibilidade da constituição de múltiplas identidades é, assim, um grande diferencial das redes sociais na internet. Por isso, é importante ampliar o conceito de "pessoas" como atores sociais. Tanto porque empresas e outras instituições tornam-se atores em redes sociais na internet, quanto porque, mais atualmente, vemos a presença de perfis não-humanos programados por algoritmos para comportarem-se como usuários reais, os chamados *bots* ou robôs.

Por fim, é importante observar que, como uma diretriz de construção identitária em redes sociais na internet está a percepção que o "outro" terá a respeito do ator. É focando na pretensão de relacionar-se, de interagir com os demais atores, que o ator determina os elementos identitários que lhe constituirão nesses espaços.

A tríade de conceitos formada por interações, relações e laços sociais diz respeito às conexões estabelecidas nas redes sociais na internet, as arestas que vemos representadas em grafos de redes. As relações e laços formados nas redes sociais na internet originam-se de atitudes dos atores no sentido de interagir, de forma mediada, com o ambiente digital e os demais atores ali presentes.

As interações sociais no ciberespaço, conforme a proposta de Primo (2005), estão ligadas a “uma ‘ação entre’ os participantes do encontro. Nesse sentido o foco se volta para a **relação** estabelecida **entre** os interagentes, e não nas partes que compõem o sistema global” (PRIMO, 2005, p.2). Porém, sua proposta considera que os agentes dessa interação possam ser pessoa-pessoa ou pessoa-sistema, do que decorre a classificação das interações em mútuas e reativas.

As interações reativas são aquelas de valor mais trivial, pois têm resultados geralmente previsíveis e a forma como ocorrem não se altera, podendo se repetir exatamente do mesmo jeito várias vezes, mesmo que com atores diferentes. Ela não tende a gerar grande impacto na rede. Primo não expressa claramente, mas sugere que a interação reativa só ocorre entre pessoas e sistemas (softwares, sites e outras ferramentas). Todavia, é possível vislumbrar muitos casos de interação reativa que importam para a relação estabelecida e, por isso, para a estrutura da rede como um todo. É o caso, por exemplo, de um usuário que é bloqueado por outro em um site de rede social, como o Twitter. A priori, é apenas uma interação de um ator com a plataforma, portanto reativa – apertar o botão de bloquear determinado ator, portanto deixar de permitir que ele tenha acesso aos seus conteúdos e demais tipos de

interação possíveis; porém, como temos presenciado na cena política atual, o bloqueio de jornalistas e opositores por políticos têm gerado polêmica e intervenção judicial¹³.

As interações mútuas são consideradas por Primo (2005, p. 13) aquelas em que os “interagentes reúnem-se em torno de contínuas problematizações”. Assim, pela sua realização, acontecem constantes trocas, geralmente de resultados imprevisíveis, dado o livre arbítrio e as características e atitudes diversas dos atores envolvidos na interação. As interações mútuas são mais complexas e, por um processo criativo, resultam no fortalecimento da relação entre os atores envolvidos. Primo (2005) explica que a interação mútua é “um constante vir a ser, que se atualiza através das ações de um interagente em relação à(s) do(s) outro(s)”. A conversação entre atores em rede sociais na internet, no mais amplo sentido, é o exemplo mais claro de interações mútuas.

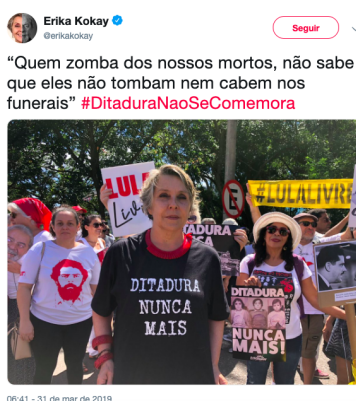


Figura 3 - Tuíte coletado na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora
Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 15 nov. 2019.

¹³ Nesse sentido, o episódio em que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, foi obrigado por decisão judicial a desbloquear usuários no Twitter. Disponível em <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/133724-trump-obrigado-desbloquear-usuarios-twitter-decisao-judicial.htm>>. Acesso em 13 nov 2019.

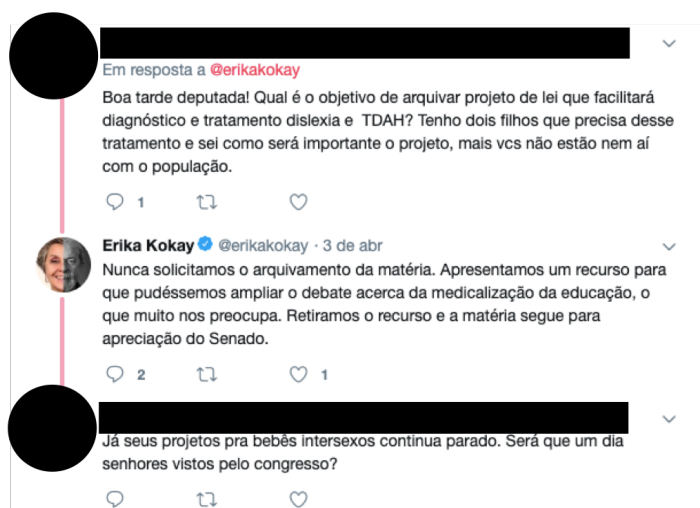


Figura 4 - Respostas ao tuíte da Figura 3, suscitando assuntos diferentes do proposto pelo ator na interação inicial.

Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em 15 nov 2019.

Acima, vemos um exemplo da complexidade que as interações mútuas, como as conversações, podem envolver, inclusive em termos discursivos, trazendo para o âmbito desta pesquisa. No conjunto de dados que analisaremos neste trabalho, encontra-se o tuíte da figura 3, da deputada federal Erika Kokay (PT-DF), manifestando-se contra as comemorações pelo Golpe Militar de 1964. Como resposta, atores interagiram na conversa cobrando posicionamento da parlamentar acerca de um projeto de lei da área da saúde. Percebe-se, pois, um movimento, provavelmente organizado, de cobrança à parlamentar sobre um outro tema de sua atuação política. A imprevisibilidade desse tipo de interação e sua característica de ser contínua propicia, portanto, que o rumo da conversação seja totalmente diverso daquele possivelmente intencionado pelo ator que a iniciou.

Dessa forma, as interações sociais, em especial as mútuas, são muito importantes para a constituição e sustentação das redes sociais na internet, uma vez que é através delas que as relações sociais entre os indivíduos se consolidam, criando os laços sociais.

Os laços sociais são “a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele [o laço] é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (RECUERO, 2009, p. 38). O resultado do relacionamento, das conversações, da circulação de informações, enfim, da concretização do motivo que faz com que os atores invistam nas relações, formam os laços sociais entre os interagentes.

Recuero (2009) apresenta um quadro comparativo que compila o entendimento acerca dos tipos de laços sociais que podem ser construídos nas redes, bem como sua derivação em relação aos tipos de interação e exemplos de acontecimento.

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplo
Laço associativo	Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar <i>links</i> com alguém no <i>Fotolog</i> , etc.
Laço dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc.

Figura 5 – Reprodução da tabela demonstrativa dos tipos de laços e tipos de interação.
Fonte: Recuero (2009, p. 40).

Além da possibilidade de classificação dos laços pelo tipo de interação que os originou, Recuero (2009) propõe que se discuta a classificação de Granovetter que considera a força dos laços constituídos, entendendo-os de acordo com a importância que aquela conexão estabelecida possui para a manutenção da rede.

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas. (RECUERO, 2009, p. 41)

Comparando essa classificação anteriormente trazida é possível perceber que, geralmente, os laços dialógicos são laços fortes e os laços associativos, laços fracos. Porém, é importante salientar que a nomenclatura "fraco" e "forte" não é sinônimo de mais ou menos importante quando se enxerga a totalidade de uma rede social na internet. Primeiramente, porque o conteúdo das interações precisa ser analisado para, só assim, compreender-se o laço formado como forte ou fraco. Em segundo lugar, porque a existência de laços fracos pode ser tão ou mais importante que a de laços fortes. Isso porque é natural que para manter laços fortes os atores tenham que empreender mais esforço na relação e, por conseguinte, não o conseguirão fazer em grande quantidade. Assim, os laços fracos, que dependem de menor esforço, são os que ampliam quantitativamente a rede e, por isso, fazem com que as informações que nela circulam cheguem a um maior número de nós.

Essas "informações" circulantes, que formam as conexões que sustentam os laços, são de onde parte o conceito de capital social, o último dos elementos que aqui elenco como os principais pilares constitutivos das redes sociais na internet. Muitas são as perspectivas teóricas que compreendem e definem capital social. Aqui, trago a conclusão de Recuero (2009) sobre os tópicos mais importantes a serem considerados.

A partir da discussão sobre o conceito, consideraremos o capital social como um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bordieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001). Portanto, para que se estude o capital social dessas redes, é preciso estudar não apenas suas relações, mas, igualmente, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas. Esta ideia, baseada principalmente no conceito de Coleman (1988), mas com algumas ressalvas associadas a outros autores, parece ser a mais indicada para o estudo do capital social nas redes sociais. Isso porque ela trabalha o caráter estrutural do capital social, sua capacidade de transformação de acordo com a função e sua base na reciprocidade, que consideramos os elementos essenciais do conceito. (RECUERO, 2009, p. 50)

Na temática desta pesquisa, é possível associar a ideia de capital social com a de discurso, ao passo que os fluxos de conteúdos que circulam nas redes sociais na internet podem ser identificados com os de circulação do discurso, na perspectiva da prática discursiva. Outro ponto possível de identificação é a própria ideia de valor contida no capital social, que muito tem a ver com as abordagens de discurso como poder, vistas no capítulo anterior. O capital social circulante nas redes sociais na internet, nesse aspecto, seria resultado do poder do discurso enquanto presente na comunicação mediada por computador.

Bertolini e Bravo (2001, p. 3 e 4) propõem uma operacionalização para o conceito de capital social, no sentido de classificá-lo em tipos perceptíveis na análise das redes sociais na internet. Em um primeiro nível, estão o capital social relacional, o normativo, o cognitivo; em um segundo nível, como consequência do desenvolvimento dos tipos de capital social de primeiro nível, estão o capital social de confiança no ambiente social e o institucional.

O capital social relacional é resultado das relações estabelecidas e interações entre os atores, pelo valor que isso carrega por si só. Apesar de o relacionamento entre os atores ser condição para a existência de uma rede social na internet, ele é também um capital circulante e mantenedor dos laços sociais.

A despeito do caráter um tanto “anárquico” da internet, onde em princípio as pessoas têm liberdade de fazer o que quiserem, sem o controle ou impedimento imediato da vida real, o capital social normativo mostra que, como para a manutenção de qualquer grupo social, até mesmo virtual, as regras são necessárias. Ele é composto, portanto, pelas normas de comportamento e princípios que regem o grupo social.

O capital social cognitivo está ligado ao conjunto de informações e conhecimentos gerados a partir das interações entre os membros de uma rede social, são as trocas de conteúdo que mantém o interesse das pessoas naquela relação. Esse tipo de capital social é muito peculiar de cada grupo e está diretamente relacionado ao objetivo dos atores que estão envolvidos ali.

A confiança no ambiente é o tipo de capital social que possibilita aos usuários sentirem-se seguros para investir nas relações desenvolvidas naquele ambiente. É a existência dele que determina a solidez de estrutura de uma rede social e o nível de engajamento dos atores nela.

O capital social institucional, como a confiança no ambiente, diz respeito ao reconhecimento dos atores àquele grupo social. O capital institucional trata-se do valor gerado pela constituição do grupo que toma corpo e é capaz de sustentar e representar as atividades dos seus atores.

Pelo exposto, é possível perceber o quão determinante é a presença dos tipos de capital social para a configuração das redes e a identificação dos formatos de relação estabelecidos entre os atores. No âmbito desta pesquisa, é visível que as disputas discursivas por narrativas em ambientes de rede social impescindem da circulação de capital social de primeiro e segundo nível, ao passo que, por tratarem da constituição ideológica dos sujeitos, traduzem um nível alto de envolvimento dos atores.

Entendidos os processos que acontecem para a constituição das conexões nas redes sociais na internet, passo a explicar as dinâmicas que podem ocorrer nesse ambiente.

A cooperação é a dinâmica essencial para que um grupo social exista, não só na internet mas em qualquer situação. A organização das pessoas formando uma rede, um grupo ou uma comunidade em torno de um tema, por si só, já constitui um movimento de cooperação em torno de um objetivo. Recuero (2009, p. 81) ressalta que “a cooperação pode ser gerada pelos interesses individuais, pelo capital social

envolvido e pelas finalidades do grupo”. Os atores podem, portanto, ser motivados por diferentes fatores individuais, mas contribuir, por isso, com um objetivo coletivo.

A competição diz respeito às dinâmicas de concorrência entre os atores, mas os resultados delas são predominantemente positivos, construtivos e saudáveis para aquela rede. Já o conflito parte de um atrito entre os atores que, geralmente, traz como resultado situações com algum cunho destrutivo, hostil, negativo e de ruptura da estrutura social. As dinâmicas de conflito podem, inclusive, originar-se de uma dinâmica de competição que toma um rumo negativo e acaba gerando a destruição de um laço importante em uma rede.

Sendo assim, as dinâmicas de cooperação, competição e conflito não estão isoladas. Ao contrário, via de regra, elas se intercalam como partes dos constantes processos de modificação do cenário de uma rede.

A agregação e a ruptura têm relação com a adesão e desistência dos atores quanto à rede, o que resulta na renovação constante dos componentes da estrutura.

A adaptação e a auto-organização, em nível mais profundo do que as outras dinâmicas, são interdependentes em termos de conceituação. Considerando a característica da emergência como determinante para o entendimento das redes sociais, é consequência que os atores se adaptem às mudanças e, já habituados a essa dinâmica, o façam com naturalidade. Assim, a auto-organização é essa capacidade de adaptação concretizada.

As dinâmicas nas redes sociais na internet, justamente por serem uma tentativa de categorização dos movimentos dos atores no estabelecimento de conexões, não podem ser estanques. Essa ideia é a que gera o último tópico discutido por Recuero (2009), os "outros comportamentos emergentes". A apropriação criativa dos ambientes virtuais onde se formam as redes sociais caracteriza a emergência das redes sociais na internet. E, geralmente, isso acontece tanto com as funcionalidades das plataformas de redes sociais quanto com os conteúdos gerados pelos usuários, na própria dinâmica de conversação estabelecida.

Por fim, entendidos os elementos que compõem as conexões e as dinâmicas que ocorrem nas redes sociais na internet, é importante considerar as possibilidades que essas ocorrências trazem às relações sociais em geral. Veremos a seguir que as características da mediação digital, concretizadas em plataformas que suportam as redes sociais na internet, possibilitam que os atores ampliem em altíssimo número as possibilidades de conexões que teriam em redes sociais *offline*, ao mesmo tempo que,

paradoxalmente, podem encontrar com mais facilidade conexões de interesses extremamente individuais e peculiares.

3.2. Sites de redes sociais

As redes sociais na internet, como abordado no tópico anterior, são metáforas que possibilitam explorar os padrões de conexões de um determinado grupo social formadas a partir da mediação digital. Ao contrário do que comumente se diz, as "redes sociais na internet" não são sinônimo dos "sites de redes sociais na internet". As redes sociais precisam de suportes para se formarem e serem expressas no ambiente digital; esses suportes, inicialmente, resumiam-se ao que chamamos de sites de redes sociais.

O conceito de sites de redes sociais (SRS) foi elaborado por Boyd e Ellison (2007) e parte do pressuposto de que há determinadas ferramentas digitais que são construídas especialmente para representar grupos sociais formados a partir de conexões entre atores. Para ser um SRS, segundo as autoras, a ferramenta precisa possuir três características: a possibilidade de construção de um perfil público ou semipúblico; o oferecimento de formas de conexão entre os atores; e a disponibilidade de visualização e navegação por essa rede de conexões.

O entendimento de Boyd e Ellison (2007) é importante ao passo que, para definir os SRS, delimita os aspectos que devem ser observados nas plataformas. A estrutura, primeiro deles, relaciona-se ao fato de que, por possibilitar a exposição pública e dar suporte à rede de atores, os SRS diferenciam-se de outras plataformas de comunicação mediada por computador. Já a apropriação, outra característica elencada, permite entender que esses sites, ao serem utilizados pelos atores, tornam-se capazes de amplificar, transformar, manter e, até mesmo, acabar com as conexões estabelecidas em redes sociais *offline*, entendendo-se, por isso, que não se trata apenas de uma tradução das redes sociais para o ambiente digital, mas sim de redes novas com características próprias influenciadas pela mediação.

Os SRS enquanto plataformas de suporte às redes sociais na internet conferiram a elas potencialidades antes não alcançadas. Em conjunto com as apropriações criadas pelos usuários ao estabelecerem suas conexões, os SRS são lugar de origem de um outro conceito cunhado por Boyd (2010), o de "públicos em

rede". Ela explica como, pela sua forma de funcionamento e possibilidades, os SRS influenciam na e são influenciados pela representação dos grupos sociais.

As *affordances* elencadas por Boyd (2010) – persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade – são centrais para o entendimento das dinâmicas em SRS, pois explicitam as características que influenciam diretamente as relações sociais que vislumbramos nos dias de hoje, se não originárias, pelo menos mantidas em sua maioria pela comunicação mediada por computador.

A persistência é a capacidade que as interações feitas através de plataformas digitais têm de permanecerem disponíveis ao longo do tempo, a possibilidade de serem recuperadas a qualquer momento, portanto possibilitando que os interagentes em uma conversa, por exemplo, não precisem estar presentes ao mesmo tempo para que aquela conexão se estabeleça.

A replicabilidade é uma consequência da persistência. Por estarem disponíveis a qualquer tempo no ambiente *online*, as interações adquirem uma facilidade para serem repassadas, tanto no sentido de agilidade, quanto no sentido de fidedignidade, uma vez que não necessitam de interferência ou esforço maiores para que sejam repassadas.

A escalabilidade é a característica que essas plataformas adquirem, pela facilidade de replicação, de fazer a informação ser escalada rapidamente por toda a rede, percorrendo todos os nós de forma "viral".

A buscabilidade é a possibilidade oriunda da persistência que permite que as interações que constituem a rede possam ser procuradas e encontradas, como num grande arquivo, bem como as informações contidas nelas.

Ainda em relação ao conceito de "públicos em rede", Boyd (2010) propõe dinâmicas características desses públicos, que emergem da estrutura das redes sociais formadas no ambiente dos SRS. São elas as audiências invisíveis, o colapso dos contextos e o borramento das fronteiras entre o público e o privado.

As audiências invisíveis são um fenômeno comum quando se pensa nos "milhares de seguidores" que muitas pessoas têm em SRS. Pela possibilidade de estarem hiperconectados, em número de conexões, os atores que compõem as redes sociais não têm a noção exata de quem são as pessoas para quem falam. Isso acontece também porque, no caso de interações publicadas em perfis abertos em SRS, elas estão disponíveis, em teoria, para qualquer pessoa que integre aquele SRS,

não necessariamente conectada ao seu autor. É por isso que Boyd (2010) denomina essa audiência de "invisível".

O colapso de contextos tem relação com um dos maiores dilemas da comunicação mediada por computador nos dias atuais: o espalhamento de desinformação. Boyd (2010) defende que, pela facilidade e rapidez de replicação das interações nas redes, elas podem ser facilmente deslocadas de seus contextos originários e, por isso, terem seu sentido completamente alterado, o que aumentaria a possibilidade de conflito nos grupos sociais.

O borramento de fronteiras entre o público e o privado é consequência da impressão de que, a princípio, todas as informações contidas nos espaços de redes sociais na internet são públicas e acessíveis a toda a rede. Diferentemente das redes sociais *offline*, não há espaços delimitados para serem unicamente privados, podendo causar uma confusão entre o público e o privado nos próprios atores da rede.

Além dessas dinâmicas observadas, é possível concluir que as capacidades de persistência (possibilidade de interações em momentos distintos, sem a presença dos interagentes no mesmo momento), replicabilidade (facilidade de espalhamento da informação), escalabilidade (fácil reprodução massiva) e buscabilidade (possibilidade de encontrar facilmente o acervo de interações produzidas) distribuem em grande e rápida escala uma estratégia discursiva e, assim, conferem a ela mais alcance e legitimidade, influenciando os processos de produção, circulação e transformação dos discursos.

Se antes precisávamos de debates presenciais e tempo para que eles se ampliassem enquanto ideias representativas de grupos sociais, hoje temos, nas plataformas de redes sociais, ambientes em que a conversação, mais horizontal e dinâmica, tornou-se lugar de formulação, disseminação e colocação em disputa das estratégias discursivas, como abordarei a seguir ao caracterizar a mídia social.

No entanto, especificamente quanto aos parâmetros trazidos por Boyd e Ellison (2007) para a definição dos SRS, que apresentei neste tópico, há que se pensar em uma atualização, pois já não abarcam todos os ambientes que hoje são apropriados pelos usuários como plataformas de redes sociais na internet. A estrutura dos SRS como *websites*, principalmente considerando a realidade de acesso amplo à internet via dispositivos móveis na maior parte dos países do mundo, transformou a realidade. Além disso, novas características emergem como fundamentais na configuração das plataformas digitais como suporte de redes sociais. É o que abordarei a seguir.

3.3. Plataformas sociais

Se pensarmos sobre como acessamos contas no Facebook, Twitter ou Instagram atualmente, dificilmente a ideia que virá à mente é a de sentar-se à frente de um computador e o fazer. A realidade de acesso aos SRS mudou radical e muito rapidamente nos últimos anos¹⁴, com a adesão massiva ao uso de dispositivos móveis, em especial os *smartphones* – telefones celulares com acesso à internet, que substituíram, na rotina das pessoas, o uso do computador para fins que não sejam ligados a trabalho ou estudo.

Os *smartphones* funcionam através de sistemas operacionais que suportam a instalação de aplicativos, que se assemelham aos *softwares*, aos quais estamos habituados em computadores. Os aplicativos tornam-se, na experiência *mobile*, uma alternativa mais interessante tanto para as plataformas quanto para os usuários. Em termos de desenvolvimento e design, as empresas têm nos aplicativos *mobile* a possibilidade de desenvolver ambientes próprios, sem a dependência de uma ferramenta de terceiros – como os navegadores *web*, para o contato com seus usuários. O uso de aplicação própria parece ser, também, comercialmente interessante às empresas, uma vez que podem coletar mais dados dos usuários e rastrear com maior detalhamento o comportamento de uso na plataforma. Do ponto de vista dos usuários, especialmente no que concerne os SRS, os aplicativos oferecem uma experiência de uso mais completa em relação às funcionalidades, mais fluida e agradável em relação ao design, dentre outras características que impelem os usuários a optarem por eles.

¹⁴ A exemplo, os dados de 2018 do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.Br) que relatam o celular como principal forma de se conectar à internet no Brasil, ultrapassando pela primeira vez a conexão via computadores. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/celular-se-torna-principal-forma-de-acesso-internet-no-brasil>>. Acesso em 15 nov 2019.

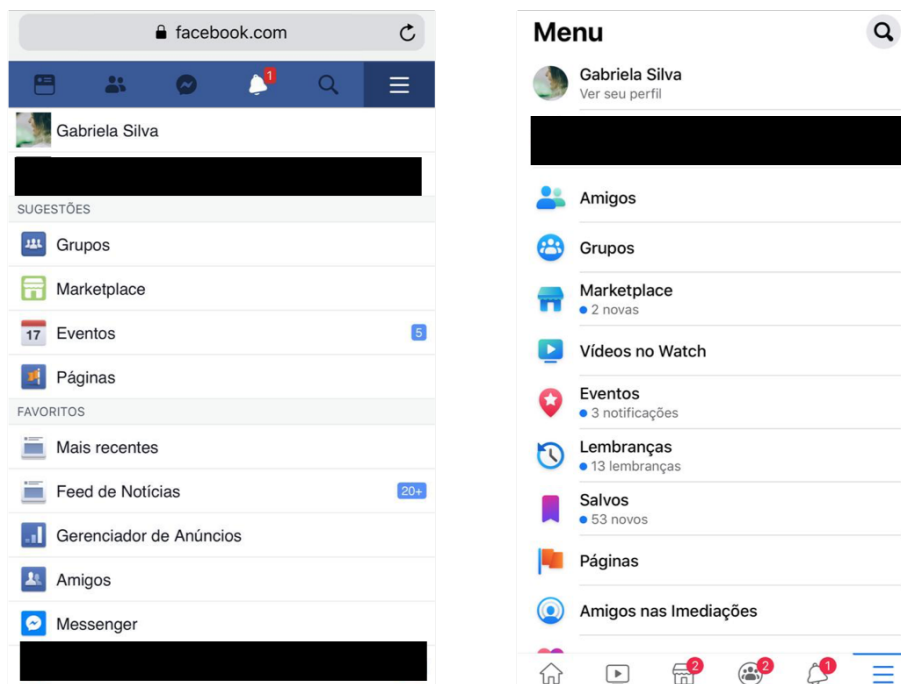


Figura 6: À esquerda, o *printscreen* da tela de menu do Facebook acessado via navegador web, pelo celular. À direita, o *printscreen* da tela de menu do Facebook acessado via aplicativo *mobile*.

Fonte: Facebook. Disponível em <www.facebook.com>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Na Figura 5, podemos ver a diferença entre o site do Facebook¹⁵ acessado via navegador web e o aplicativo, ambos *mobile*. Além da experiência de navegação muito mais rápida e completa, o aplicativo mostra, no menu principal e nos atalhos da barra inferior, funcionalidades que, no *website mobile*, não podem ser acessadas, como a seção "Marketplace", de classificados de compra e venda de itens, e a seção "Watch", que concentra os vídeos postados pela rede de amigos.

Há casos, sobretudo, em que sequer as plataformas de redes sociais oferecem a possibilidade de uso da funcionalidade principal via computador, como é o caso do Instagram¹⁶, quarto site de rede social mais utilizado pelos brasileiros atualmente¹⁷.

¹⁵ O Facebook, em linhas gerais, é um site de rede social em que as pessoas criam perfis com informações pessoais e de interesse e têm a possibilidade de compartilhar conteúdos em diversos formatos, além de se comunicar por mensagem privada e participar de grupos de discussão. Mais informações em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

¹⁶ O Instagram é um site de rede social voltado ao compartilhamento de imagens em fotos e vídeos, com diversos formatos e dois principais lugares de publicação, o *feed* do usuário e os *stories*, que são postagens com aparecimento limitado em 24 horas. Mais informações em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

¹⁷ Segundo dados da pesquisa Digital Inn 2019, 71% dos usuários de internet no Brasil utilizam o Instagram. Disponível em <<https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

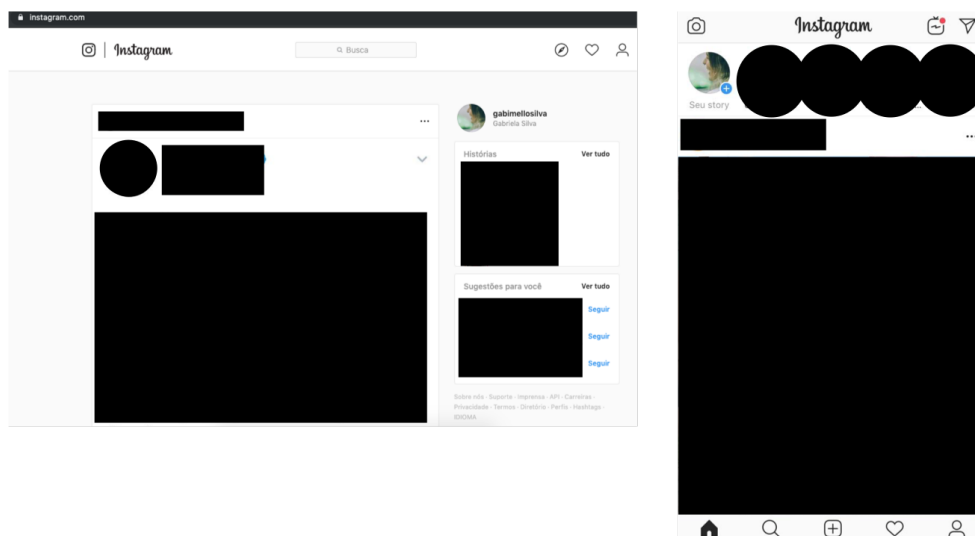


Figura 7: À esquerda, o *printscreen* da tela inicial do Instagram acessado via navegador web, por computador desktop. À direita, o *printscreen* da tela inicial do Instagram acessado via aplicativo *mobile*. Fonte: Instagram. Disponível em <www.instagram.com>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Pelas imagens da Figura 6, é possível perceber que as funcionalidades de publicação do Instagram, que estão na barra inferior e superior da tela inicial do aplicativo *mobile*, não estão disponíveis na versão desktop. Nesse caso, o site da rede social torna-se secundário nas dinâmicas propostas, uma vez que não permite a publicação de conteúdo, forma precípua de participação na rede.

Resta, pois, evidente que o conceito de site de rede social precisa ser relativizado, conforme a realidade tecnológica dos dias de hoje. Partindo da adequada proposta de Boyd e Ellison (2007), proponho, aqui, que se passe a falar de **plataformas sociais**. O termo parece-me adequado, porque, ao mesmo tempo em que amplia o conceito para abarcar os novos suportes das redes sociais na internet – como os aplicativos *mobile*, não deixa de dar relevância primária ao caráter de rede social que essas ferramentas precisam ter para serem enquadradas como tal.

Todavia, antes de aprofundar-se no que seria a noção de plataforma social, é necessário revisar como as plataformas digitais vêm sendo estudadas pelos pesquisadores do ciberespaço. D'Andréa (2017; 2018) estuda o fenômeno e explica sua origem.

Fortemente ancorado na tradição dos estudos sociais de Ciência e Tecnologia (STS, em inglês), os Estudos de Plataforma chamam a atenção para a refinada articulação entre as dimensões técnicas, políticas e econômicas que constituem as redes sociais online e outros ambientes digitais (como os games, que foram os primeiros objetos de estudo dessa perspectiva teórica). Compreender as plataformas, assim, é desvendar uma complexa trama que envolve, além das dimensões citadas, uma melhor

compreensão da diversidade de usos (por vezes criativos e táticos) que pessoas comuns, especialistas, instituições etc fazem das materialidades disponíveis. (DANDRÉA, 2017)

O conceito de plataforma, portanto, compreende as várias dimensões de interferência das ferramentas digitais, num sentido amplo – e não somente os sites de redes sociais, na construção do social. Ele explica que os estudos voltam-se a "compreender a formação do social situada, entre outros aspectos, nas materialidades dos softwares (e das infraestruturas) e a partir das regulações político-econômicas do Twitter, Facebook etc" (D'ANDRÉA, 2018, p. 29).

A ideia é que, por terem se tornado extremamente centrais na sociedade contemporânea, o modelo de plataforma dos sites de redes sociais passaram a determinar a constituição de variadas dimensões da sociedade, extrapolando as redes sociais na internet, ditando a forma como toda a *web* passou a funcionar. A partir dessa realidade, pesquisadores como Helmond (2015 *apud* D'Andréa 2017) argumentam que vivemos o fenômeno da "plataformização da web", que seria a adoção, pelos variados serviços via internet do modelo de negócio, de estrutura e de funcionalidades dos sites de redes sociais, como Facebook, por exemplo. Nesse sentido, a visão de D'Andréa (2018) é de que as plataformas não são apenas o lugar em que ocorrem dinâmicas sociais, mas o motivo que determina o acontecimento e a forma do acontecimento social.

A dimensão pública cada vez mais evidente das mediações sociotécnicas empreendidas pelas plataformas digitais nos permite, ao retomarmos a argumentação central deste artigo, apontar a emergência de uma "plataformização das controvérsias". Seja em suas dimensões mais evidentes, como nas alterações de políticas de uso, seja em questões mais especializadas, como na interoperabilidade de dados via APIs, ou ainda nas crescentes mediações algorítmicas dos fluxos informacionais, parece-nos evidente que as plataformas são cada vez mais não apenas os ambientes com os quais as controvérsias se desenrolam, mas muitas vezes o fator desencadeador de novas disputas e conflitos. Em outras palavras, as controvérsias se dão não apenas com, mas também por causa das tecnopolíticas das plataformas [...]. (D'ANDREA, 2018, p. 37)

A abordagem da plataformização da web é interessante porque auxilia no entendimento de que, pela aderência massiva das pessoas a suportes de redes sociais na internet, a própria *web* passou a incorporar, nos seus mais diversos ambientes, a forma de estruturação e funcionamento dos sites de redes sociais. Além disso, a compreensão de que várias dimensões, como a política e a social, são extremamente alteradas pelo uso social das plataformas mostra-se, também, de grande relevância. Em especial a questão da mediação algorítmica interessa-me aqui,

uma vez que é central para o entendimento dos processos de circulação do discurso nas redes sociais e suscita discussões sobre por quem e como, atualmente, são selecionados os discursos que chegam nos usuários através dos *feeds*¹⁸ dos sites de redes sociais.

Entretanto, mesmo com abordagens tão importantes, o estudo das plataformas digitais parece não contemplar o foco principal da compreensão das redes sociais na internet, que são as características que emergem da rede pela sua existência, formação de laços e circulação de capital social. A centralidade, nos estudos de plataforma, é da estrutura das ferramentas que suportam as redes sociais, mais do que das redes em si.

Por isso, tentando estabelecer uma intersecção entre o conceito de Boyd e Ellison (2007) e os estudos de plataformas (D'ANDRÉA 2017; 2018), é que proponho que passemos a entender os sites de redes sociais como plataformas sociais. Nesse sentido, associar-se-ia ao conceito de Boyd e Ellison (2007) dois tópicos derivados dos estudos de plataforma: que (1) não se tratam somente de sites de redes sociais propriamente ditos, mas sim de plataformas sociais, portanto abarcando aplicativos e outros ambientes que suportem redes sociais na internet; e que (2) a mediação algorítmica, enquanto mecanismo de distribuição de conteúdo, é característica constitutiva desses ambientes e, por isso, precisa ser considerada no entendimento de como a rede se estrutura e seus laços e capital social são gerados.

A partir dessa definição, imagino ser possível, também, evitar que se entenda "qualquer" plataforma digital como plataforma de redes sociais. Para ser considerada uma plataforma de redes sociais, a aplicação precisaria, na visão que aqui proponho, ter a apropriação principal de conexão entre as pessoas, no sentido de que os usuários ali estejam com o objetivo primário de se conectar, de formar redes e comunidades, e, a partir delas, interagir. Dessa definição diferenciariam-se as plataformas de comunicação digital, como o WhatsApp¹⁹, por exemplo, enquanto aquelas apropriadas precipuamente pelas pessoas para falar com outras pessoas, no sentido de trocar mensagens privadas ou em grupo, não no sentido de formar uma

¹⁸ "*Feed*" é a nomenclatura utilizada para nomear o espaço onde, na estrutura das plataformas de redes sociais, aparecem os conteúdos dos demais atores da rede para o usuário, quando ele acessa sua conta na plataforma.

¹⁹ O "WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>>. Acesso em 16 nov 2019.

rede.

Logicamente, entendo que a linha entre os conceitos é tênue e, por isso, frágil, mas imagino ser importante exercitá-la, a fim de que não se perca de vista o foco dos estudos de redes sociais, qual seja as possibilidades que emergem das redes. Não obstante a tentativa de diferenciação, é natural que ocorra uma interligação profunda entre as plataformas sociais e as plataformas digitais, no sentido de que são influenciadas mutuamente pelos fluxos das informações que circulam em ambas, como comumente vemos em temáticas que chegam a plataformas de redes sociais, como o Twitter²⁰ e o Facebook²¹, depois de terem sido amplamente espalhadas em plataformas de comunicação digital, como o Whatsapp.

3.4. Mídia social

Até aqui vimos que redes sociais, redes sociais na internet, sites de redes sociais e plataformas sociais são conceitos diversos entre si. Além desses, ainda há o conceito de mídia social que, assim como os demais, é um termo comumente utilizado como sinônimo de plataformas de redes sociais, mas não necessariamente o é. A mídia social tem a ver com algo muito importante na dinâmica das redes sociais na internet, a apropriação.

O que chamamos mídia social se refere a um fenômeno emergente, que tem início com a apropriação dos sites de rede social pelos usuários. Essa apropriação, que horizontaliza ainda mais os processos de comunicação, dá outra força ao papel dos nós da rede. [...] Cada nó, portanto, quando recebe uma dada informação pode decidir se a deseja replicar para sua rede ou não. Assim, cada nó tem uma posição específica na estrutura da rede e pode ou não repassar as informações que recebe para o restante da sua rede. (RECUERO, BASTOS E ZAGO, 2015, p. 29 e 30)

Essa noção, assim, está diretamente ligada com as *affordances* das plataformas de redes sociais elencadas por Boyd (2010) ao retratar os "públicos em rede", especificamente a da "replicabilidade", que diz respeito à possibilidade de os atores espalharem, com facilidade e menos ruídos, as informações pela rede. Pode-se concluir, pois, que um site de redes sociais pode ser considerado uma mídia social quando, pela apropriação, os atores utilizam suas conexões para fazer circular

²⁰ Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em 25 nov 2019.

²¹ Disponível em <www.facebook.com>. Acesso em 25 nov 2019.

informação, transformando-o em uma mídia. Não há, dessa forma, uma previsibilidade desse uso, o que faz com que a mídia social seja "algo emergente, não uma coisa prevista ou combinada nesses espaços", como pontua Recuero (2019).

Falar de mídia social não é falar da rede social em si, nem da plataforma que suporta essa rede – os sites ou plataformas de redes sociais, mas sim da concretização de uma possibilidade de apropriação dos usuários a partir da união de ambas. A mídia social seria, assim, a expressão do potencial oferecido pelas *affordances* das plataformas de redes sociais aos atores que ali se conectam e passam a ter condição de acesso a uma mídia, em que podem decidir comunicar fatos, selecionar temáticas a serem destacadas, influenciar pessoas sobre determinado tema, deixar de abordar algum aspecto, debater acerca do que acontece, interagir com outras pessoas, criar movimentos ou aderir a eles, dar visibilidade e conferir autoridade a pessoas, consumir conteúdo e, por essas e tantas outras ações possíveis ao se ter acesso ativo a uma mídia, serem sujeitos da prática discursiva, no sentido de produção, distribuição e consumo do discurso, ponto específico de interesse nesse trabalho.

A realidade inaugurada pela mídia social é conhecida pela mudança no modelo comunicacional em relação às mídias tradicionais. Passou-se de uma comunicação feita de um para muitos para uma comunicação feita de muitos para muitos. Em relação ao jornalismo, especificamente, grandes mudanças foram observadas com a mídia social. A seleção de informações e a abordagem dada a elas, intimamente ligadas com a construção discursiva, era feita pelos veículos de comunicação tradicionais, numa prática denominada *gatekeeping*, em que veículos jornalísticos, através de seus editores, eram os responsáveis por pautar ou não as temáticas e determinar a linha editorial dos conteúdos publicados. Recuero, Bastos e Zago (2015) citam a mudança de paradigma proposta por Bruns (2003) na circulação noticiosa como um exemplo dos efeitos da mídia social.

Bruns (2003) tem um conceito que é aplicado a circulação de notícias nesse sentido denominado "*gatematching*" (em oposição a *gatekeeping*). O autor explica que, enquanto a prática de seleção do *gatekeeping* evoluiu da escassez de canais para veicular as notícias disponíveis, o *gatematching* surge num contexto onde há pluralidade desses canais, não há preocupações com a redução de espaço disponível e há excesso de informações. Nesse contexto, o conceito de *gatematching* foca as práticas semelhantes à curadoria e organização de informações do *gatekeeping*. É essa a prática que Bruns credits aos jornalistas no espaço on-line. Entretanto, é uma prática também dos demais usuários que vai, através das

ações de filtro, curadoria e criação de informações, compor a mídia social. (RECUERO, BASTOS E ZAGO, 2015, p. 30)

Se comparada aos espaços de veiculação de informação da mídia *offline*, a mídia social é infinita em termos de espaço e possibilidades de veiculação. Isso porque, pela estrutura complexa das redes sociais formadas no ciberespaço, cada conexão possível é, também, uma provável ponte para o espalhamento de informação. Essa democratização do poder de informar, em teoria acessível para qualquer ator de uma rede social, gera diversos fenômenos que acompanhamos no que tange os modelos de comunicação social, como os coletivos de jornalismo independente²², os veículos especializados em jornalismo de dados²³ e a transformação dos próprios veículos de mídia tradicional²⁴ para adequarem-se à nova realidade informativa.

Além da horizontalização do ato de informar, com o protagonismo dos atores que formam a rede no processo, a mídia social propicia que aconteça, ao mesmo tempo e no mesmo ambiente, a conversação acerca do tema. Essa interação inerente e imediata ao momento da informação é impensável em meios de comunicação *offline*, como a televisão, os jornais, as revistas e, até mesmo, o rádio. Nesse cenário, acontece o desaparecimento da fronteira entre a informação e a opinião, tão perseguida, por exemplo, pelos princípios de neutralidade e imparcialidade do jornalismo tradicional. É na conversação acerca da informação, que nasce junto com o seu espalhamento, que observam-se os processos dialéticos pelos quais passa o discurso na mídia social. A velocidade da dialética discursiva é, nesse sentido,

²² O coletivo de jornalismo Mídia Ninja é um exemplo disso. A sigla "Ninja" refere-se a "Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação" e o grupo posiciona-se como um veículo de mídia alternativo à imprensa tradicional, com viés político-ideológico assumido de esquerda. O grupo ganhou visibilidade quando, nos protestos ocorridos no Brasil inteiro em 2013, realizou através das plataformas de redes sociais uma cobertura ampla e em tempo real dos acontecimentos. Mais informações em <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja>. Acesso em 17 nov 2019.

²³ O jornalismo de dados desenvolveu-se, principalmente, a partir da possibilidade de acesso, que a internet propiciou, a bases de dados de instituições. Investigações que antes demoravam anos, pela necessidade de autorização e realização de consultas a acervos físicos de informações, passaram a poder ser feitas em segundos e de modo muito mais completo. Os veículos especializados em jornalismo de dados trabalham, pois, com a "obtenção, construção, filtragem, análise e apresentação de bases de dados, com o objetivo de gerar notícias". Mais informações em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_guiado_por_dados>. Acesso em 17 nov 2019.

²⁴ Nesse sentido, o exemplo do jornal Zero Hora e da rádio Gaúcha, ambos tradicionais veículos de comunicação do Grupo RBS e líderes de audiência nas suas categorias no Rio Grande do Sul, que fizeram o movimento de unificação das duas marcas, tanto no nome e no design, quanto nas plataformas digitais. A grande mudança estratégica nos produtos foi apresentada como uma resposta às demandas dos usuários, principalmente no que se refere ao fortalecimento do jornalismo local. Mais informações <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ga%C3%BA%BA>>. Acesso em 17 nov 2019.

totalmente modificada pela mídia social, ao passo que sua forma de funcionamento e suas *affordances* imprimem uma fluidez nas discussões, que entram e saem dos "assuntos do momento" muito rapidamente.

Do mesmo modo, a mídia social mostra-se, na contemporaneidade, como o lugar prioritário de acontecimento dos processos de construção da opinião pública, constituindo-se, pois, enquanto esfera pública, como apontam Soares e Recuero (2017). É no entendimento da mídia social como esfera pública que a vislumbramos como lugar de disputa de sentidos e, portanto, de disputa discursiva acerca dos diversos pontos de tensionamento da realidade social. Entendo, por isso, que a utilização da mídia social como espaço de disputa de sentido acerca dos acontecimentos do mundo é, por si só, uma apropriação das redes sociais na internet para a prática discursiva.

A disputa discursiva pela narrativa de um fato histórico na mídia social, como o Golpe Militar de 1964 no Twitter, objeto dessa pesquisa, suscita a reflexão acerca desse deslocamento da esfera pública para o ambiente digital. É possível imaginar que, até a adesão às redes sociais na internet, o principal "lugar" de construção da narrativa do Golpe Militar de 1964 para as pessoas fosse situações de estudo – como em aulas de história na escola ou situações de consumo noticioso – e reportagens que relatam esse período histórico. Em ambas as situações de construção da narrativa, é inimaginável que se tenha, simultaneamente e em tempo real, dados de fontes históricas, informações falsas, testemunho de vítimas da repressão, opiniões de autoridades públicas atuais e do passado, posicionamentos institucionais favoráveis e contrários ao regime e movimentos articulados na rede para visibilidade de uma ou outra versão da narrativa. Essa é a realidade, completamente afetada pelas *affordances* do meio, de disputa discursiva por uma narrativa na mídia social atualmente. A persistência das informações na rede, por exemplo, pode ajudar a revelar que, hipoteticamente, alguém que hoje posiciona-se a favor do regime militar pelo alinhamento ideológico com os valores conservadores em outro momento compartilhou uma notícia sobre os mortos pelo regime com comentários de pesar e, por isso, gerar um conflito de posicionamento que pode influenciar na conversa e na disputa.

As controvérsias e complexidades, como a exemplificada acima, num cenário de disputa discursiva, são importantes pontos de problematização sobre a mídia social. Isso acontece, em especial, por algumas propriedades das redes sociais na

internet que, ao serem apropriadas como mídia social, acabam por produzir efeitos que merecem atenção especial na circulação de informação e nos processos discursivos. É o caso da "homofilia", característica atribuída aos atores e aos grupos que se organizam em redes sociais. Recuero (2017) explica o conceito:

Pessoas mais próximas tendem a ter interesses comuns e padrões de comportamento semelhantes, seja porque se aproximam em virtude deste, seja porque passam a tê-los em razão de conectarem-se a grupos que os valorizam. [...] resultando no fato de que esses atores tendem a ter acesso às mesmas fontes e a circular as mesmas informações. (RECUERO, 2017, p. 41)

Em contraposição, há também atores em redes sociais com característica contrária, ou seja, a de transitar entre diversos grupos, tornando-se "pontes" entre eles. Naturalmente, esses dois tipos de atores, com as conexões que estabelecem, geram tipos de situações discursivas diferentes. A homofilia tende a fazer circular os mesmos discursos e, pelo sentimento de identificação, atração e credibilidade pelo conteúdo, uma posição menos crítica em relação a ele. As pontes, por outro lado, tendem a propiciar a circulação de discursos diversos e, portanto, conflitantes, que favorecem o tensionamento e a discussão sob mais pontos-de-vista acerca de uma temática.

Essas características, assim como as dinâmicas que as originam, têm relação direta com o capital social gerado na rede e com os laços formados a partir dele. Os nós e grupos com característica de homofilia têm tendência à formação de laços fortes, pela grande circulação de capital social voltado aos valores mencionados anteriormente. Já atores com ação de ponte entre redes proporcionam a criação de laços fracos, que não têm tanto engajamento na construção da relação, mas têm a importante função de ampliar a rede e, por isso, propiciar mais propagação de informação.

Da homofilia origina-se o fenômeno da "bolha dos filtros", que acontece nas plataformas de redes sociais devido à exposição, cada vez mais aprofundada e fechada, dos atores somente a informações do seu "agrado", no sentido daquelas que circulam dentro de suas redes, determinadas pelos algoritmos dessas ferramentas. Como expliquei quando falei sobre o discurso na perspectiva da comunicação mediada por computador, os algoritmos das plataformas de redes sociais são o que atualmente determina os discursos aos quais os atores vão ser expostos. Isso é o que Pariser (2012) chama de "bolha dos filtros", a bolha em que estão envoltas as pessoas em redes sociais na internet ao passo que, através dos filtros – que funcionam pelo

regramento algorítmico na mídia social, passam a receber somente informações convenientes, em termos ideológicos e de preferências, ao seu grupo de conexões.

A princípio, a ideia de que os algoritmos das plataformas de redes sociais aprendam com os dados de navegação do usuário e aperfeiçoem os conteúdos que entregam, num nível altíssimo de personalização, parece um excelente facilitador em termos de curadoria de conteúdo e de experiência de uso dessas ferramentas. Ocorre que, como salienta Pariser (2012), a bolha dos filtros nos confina em "nosso bairro de informações, incapazes de ver ou explorar o restante das enormes possibilidades do mundo on-line" (PARISER, 2012, p. 196).

Se considerarmos que os *feeds*²⁵ das pessoas em plataformas de redes sociais são, cada vez mais, regradados pelos aprimorados filtros de conteúdo dos algoritmos, no sentido de manter os usuários "confortáveis" e, por isso, por mais tempo conectados em suas plataformas, precisamos entendê-los, para além da função estrutural, como modo de controle discursivo. Pariser (2012) alerta para as consequências sociais e políticas da bolha dos filtros.

Em última análise, a democracia só funciona se os cidadãos forem capazes de pensar além de seu interesse próprio limitado. No entanto, para isso precisamos de uma imagem comum do mundo que coabitamos. Precisamos entrar em contato com a vida de outras pessoas, seus desejos e necessidades. A bolha dos filtros nos move na direção oposta – cria a impressão de que nosso interesse próprio é tudo que existe. E embora isso seja ótimo quando o objetivo é vender produtos on-line, não ajuda as pessoas a tomar melhores decisões juntas.

As visões otimistas de horizontalidade e democratização do poder da comunicação mediada por computador, especificamente as relacionadas à mídia social, encontram, pois, barreiras na forma como o desenvolvimento das plataformas é feito e os objetivos com base nos quais são pensadas. Assim como todas as esferas de constituição do social, a comunicação e suas plataformas, como abordei no capítulo anterior, são reguladas com base nos interesses mercadológicos e do capital. Numa lógica simplista, vivemos a criação de uma espécie de "cultura algorítmica", em que o funcionamento das plataformas digitais, em especial as de mídia social, e os discursos que ali circulam são definidos por algoritmos que obedecem a configurações de relevância invariavelmente ditadas por interesses mercadológicos e não de

²⁵ "Feed" é a nomenclatura utilizada para nomear o espaço onde, na estrutura das plataformas de redes sociais, aparecem os conteúdos dos demais atores da rede para o usuário, quando ele acessa sua conta na plataforma.

responsabilidade social ou democrática, como deveria ser, ao passo que se percebe que os processos dialéticos de construção de sentido e, por isso, a constituição do social, estão, prioritariamente, ocorrendo nesses ambientes²⁶.

3.5. Twitter

O Twitter é a plataforma de redes sociais em que está inserido o objeto de estudo deste trabalho. As disputas discursivas pela narrativa do Golpe Militar de 1964, que analisarei a seguir, aconteceram como mais um dos assuntos políticos que diariamente disputam o *ranking* de temas mais comentados na plataforma.

Criado em 2006 nos Estados Unidos, por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, com a proposta de ser uma rede social de *microblogging*, o Twitter pretendia ser o espaço em que as pessoas publicam, para uma rede de seguidores, relatos sobre sua rotina, em mensagens curtas de, no máximo, 140 caracteres, respondendo à pergunta "o que você está fazendo?". Como uma alternativa aos *blogs*, que funcionavam como diários para relatos mais extensos, o Twitter pretendia atender à instantaneidade cada vez mais valorizada no ambiente virtual, considerando o surgimento dos dispositivos móveis e da internet banda larga. As mensagens de 140 caracteres eram, também, inspiradas nos SMS, tipo de mensagem curta enviada através de celular que, na época de criação do Twitter, era bastante utilizado pelas pessoas, visto que não necessita de conexão à internet, ainda escassa em dispositivos móveis, para ser enviado.

De 2006 até agora, o Twitter foi um dos protagonistas da história da mídia social, pois persiste como uma das plataformas mais utilizadas mundialmente e contabiliza mais de 8 milhões de usuários ativos no Brasil, segundo dados da própria empresa²⁷. Assim como toda mídia social, o Twitter têm caráter emergente e seus

²⁶ A exemplo disso, a decisão do Facebook, anunciada em 2018, por Mark Zuckerberg, CEO da plataforma, de priorizar conteúdos de amigos e familiares em relação a conteúdos de veículos jornalísticos e informativos no *feed* dos usuários da plataforma. Segundo o comunicado, a alteração do algoritmo foi feita com base em pesquisas que mostraram que isso poderia proporcionar mais felicidade e bem-estar aos usuários. Além de todas as nuances mercadológicas que envolvem a disputa de audiência entre o Facebook e os veículos jornalísticos, essa mudança abriu possibilidade ainda maior para a propagação de desinformação na ferramenta. Disponível em <<https://www.facebook.com/zuck/posts/10104413015393571>>. Acesso em 17 nov 2019.

²⁷ Disponível em <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/144654-brasil-10-paises-usuarios-twitter.htm>>. Acesso em 18 nov 2019.

usos e apropriações mudam ao longo do tempo, conforme os atores que constituem suas redes na ferramenta agem dentro dela.

Desde o início, pelo menos no Brasil, o uso do Twitter mostrou-se não somente conversacional, como inicialmente proposto por seus criadores. Recuero e Zago (2009) analisaram as formas de capital social que circulavam no Twitter à época e concluíram que, além do caráter conversacional voltado aos conteúdos mais pessoais, a ferramenta era utilizada com caráter informacional, para a propagação de notícias e informações sobre os acontecimentos.

Na início dos anos 2010, com a ascensão do Facebook no Brasil, o Twitter tornou-se uma ferramenta apropriada por alguns nichos, especificamente, os grupos de fãs que reuniam-se em torno da celebridade ou tema que os interessava; e usuários que se informavam sobre os acontecimentos, através da crescente veiculação de conteúdo jornalístico na ferramenta, inclusive por veículos tradicionais de comunicação, como jornais, revistas, TVs e rádios. Esse contexto de uso informacional suscitou, inclusive, propostas de descaracterização do Twitter como site de rede social, como observa Zago (2011, p. 75), ao relatar o estudo "desenvolvido por Kwak et al. (2010) [que] defende que o Twitter poderia ser considerado mais um espaço para o compartilhamento de informações do que propriamente uma rede social". Todavia, como demonstrarei a seguir com o detalhamento das funcionalidades do Twitter, ele atende aos requisitos de site de rede social e, embora suas apropriações tenham mudado ao longo do tempo, a ferramenta sempre teve um relevante papel como mídia social.

É possível observar que é justamente no seu uso informacional que se encontra a origem do importante papel que o Twitter tem na atualidade, como espaço de discussão pública de temas sociais centrais. A cena atual de uso das plataformas de rede sociais no Brasil tem o Facebook, o Instagram e o Twitter como plataformas mais utilizadas – excluindo-se aqui o Youtube, como plataforma específica para consumo de vídeos e os comunicadores instantâneos, como Facebook Messenger e Whatsapp²⁸.

²⁸ Segundo dados do relatório Digital In 2019. Disponível em <<https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>>. Acesso em 18 nov 2019.

Ao Facebook e ao Instagram parece estar relegada a tarefa de manutenção de redes sociais mais pessoais, que propiciam a veiculação de conteúdos mais leves e de entretenimento. A modificação no algoritmo do Facebook, que prioriza conteúdos de pessoas, em vez dos de veículos jornalísticos, de que tratei no tópico anterior, ilustra uma adequação da plataforma à apropriação feita pelos usuários. Ao Twitter, por outro lado, resta a manutenção de redes por onde circulam informação e opinião acerca dos assuntos que ocupam centralidade na cena social, ou seja, daqueles temas mais "sérios" dos quais se precisa saber, o que confere à ferramenta uma proximidade com o entendimento da mídia social como esfera pública, que expus anteriormente.

Nesse cenário, de formação da opinião pública, o discurso político é um dos principais tipos de informação que circula no Twitter, como no caso do objeto aqui analisado. Suponho que isso esteja baseado em duas principais características do Twitter atualmente: a de que (1) a plataforma está estruturada para ser o lugar ideal para relatar acontecimentos, pela forma como é organizada em termos de arquitetura da informação e (2) porque ela conta com a presença de atores-chave para esse tipo de discurso, sejam eles autoridades públicas, políticos, celebridades, dentre outros tipos de usuários influenciadores²⁹³⁰, com contas verificadas, que se pronunciam, como que gerando posicionamentos oficiais sobre temas socialmente relevantes.

O Twitter como ferramenta de pronunciamento "oficial" de autoridades origina um outro fenômeno que podemos observar: o de que a ferramenta assume a característica de ser "o lugar onde as coisas começam" na internet. A exemplo disso, têm-se o perfil do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que é diariamente utilizado para anúncios e posicionamentos dele acerca do cenário político do país³¹.

²⁹ Pelos conceitos abordados no capítulo anterior acerca dos sites de redes sociais, especificamente os de atores, conexões e capital social, podemos considerar como influenciadores os nós centrais de uma rede, no sentido de, pelo capital social acumulado, acumularem valores que os fazem ser respeitados e valorizados pelos outros atores como referências naquele ambiente. A reputação conquistada pelo influenciador confere a ele o poder de influenciar nas ações dos demais atores na rede, tanto no sentido ideológico (como a adesão a um discurso), como no sentido funcional (como o engajamento para compartilhar uma mensagem a fim de que ela alcance mais pessoas).

³⁰ Esses perfis ganharam um status diferenciado quando o Twitter lançou e mais tarde ampliou o acesso ao seu selo de verificação, um ícone azul em formato de selo com um "v", colocado ao lado do nome do usuário, que identifica que a conta foi verificada pelo Twitter e, realmente, pertence àquela pessoa de quem parece ser.

³¹ Disponível em <<https://twitter.com/jairbolsonaro>>. Acesso em 18 nov 2019.

Explicada a trajetória de uso do Twitter, passarei agora à descrição estrutural da ferramenta, para demonstrar as possibilidades de uso e as consequências que o modelo de funcionamento da plataforma podem gerar na prática discursiva que lá ocorre.

Ao se cadastrar no Twitter, o usuário escolhe um *username* que irá compor o endereço do seu perfil no site. Além disso, é obrigatório informar um nome e optativo informar uma descrição de perfil, a localização, um site, a data de aniversário e colocar uma foto como avatar. O nome informado pelo usuário é um exemplo de apropriação na ferramenta. Como ele tem grande visibilidade na plataforma, porque aparece toda vez que o usuário faz uma postagem ou é mencionado, os atores o utilizam para demonstrar posicionamentos, divulgar causas ou fazer piadas.

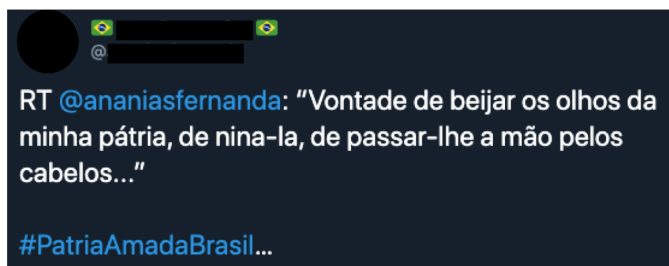


Figura 8: Personalização do nome de usuário no Twitter
Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 18 nov. 2019.

A Figura 7 demonstra o caso em que um usuário, que tuitou com a hashtag #PatriaAmadaBrasil, utilizada para defesa do regime militar, usa emojis³² que representam a bandeira do Brasil para, no seu nome, identificar-se como filiado a uma posição política e ideológica. O uso da bandeira e de suas cores ficou associado ao posicionamento de direita desde as manifestações que ocorreram no país pedindo o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, em que as pessoas vestiam camisetas verde e amarelo e usavam bandeiras do país. O nome do presidente Jair Bolsonaro, em seu perfil no Twitter, inclusive, utiliza o mesmo emoji.

Depois de criar seu perfil, o usuário do Twitter tem a opção de tornar sua conta privada. A configuração padrão das contas do Twitter é pública. Ao tornar sua conta privada, o usuário precisa permitir que as pessoas lhe sigam, podendo selecionar

³² Os emojis são caracteres formados por imagens que simbolizam ideias, objetos, pessoas etc e são utilizados com ampla variação de sentidos em plataformas de redes sociais, cumprindo papel de constituição dos discursos e conversações. Mais informações em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoji>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

quem irá acompanhar suas publicações na plataforma. Essa é uma das grandes diferenças de funcionamento entre o Twitter e o Facebook, e que influencia diretamente nas possibilidades de extração de dados para pesquisa nas ferramentas, por exemplo. O Facebook, por padrão, define as publicações dos usuários como visíveis "somente para amigos", o que restringe a base de dados públicos. Já o Twitter, tanto pelo padrão de publicidade das contas, quanto pela dinâmica de os usuários participarem das discussões através de suas postagens, estimula que as contas e seus conteúdos sejam públicos.

A dinâmica de formação da rede no Twitter funciona através de seguidores. Os usuários escolhem seguir pessoas e podem ou não ser seguidos de volta, formando uma lista de "seguidores" e "seguindo" que é mostrada no seu perfil, portanto explicitando a rede, como prevê o conceito de SRS de Boyd e Ellison (2007) de que tratei anteriormente.

Abaixo dos dados de perfil do usuário, aparece, por padrão, a lista de tuítes de sua autoria na rede, mas também é possível navegar por abas que contêm as respostas dadas a tuítes, as mídias publicadas – imagens, vídeos etc e os tuítes de outros usuários curtidos. No topo da lista de tweets, é possível fixar um deles. Essa funcionalidade é comumente utilizada pelos usuários para destacar algum conteúdo que eles tenham postado na rede ao qual queiram dar mais visibilidade, por diversos critérios semelhantes aos que tratei anteriormente quando falei do nome do usuário.



Figura 9: *Printscreen* de perfil no Twitter

Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Tendo constituído o seu perfil na plataforma, o usuário tem acesso à página inicial do Twitter, que é onde estão localizadas a maior parte das funcionalidades que proporcionam as dinâmicas que ocorrem dentro da ferramenta, especialmente aquelas ligadas ao discurso. Explorarei-as a seguir.

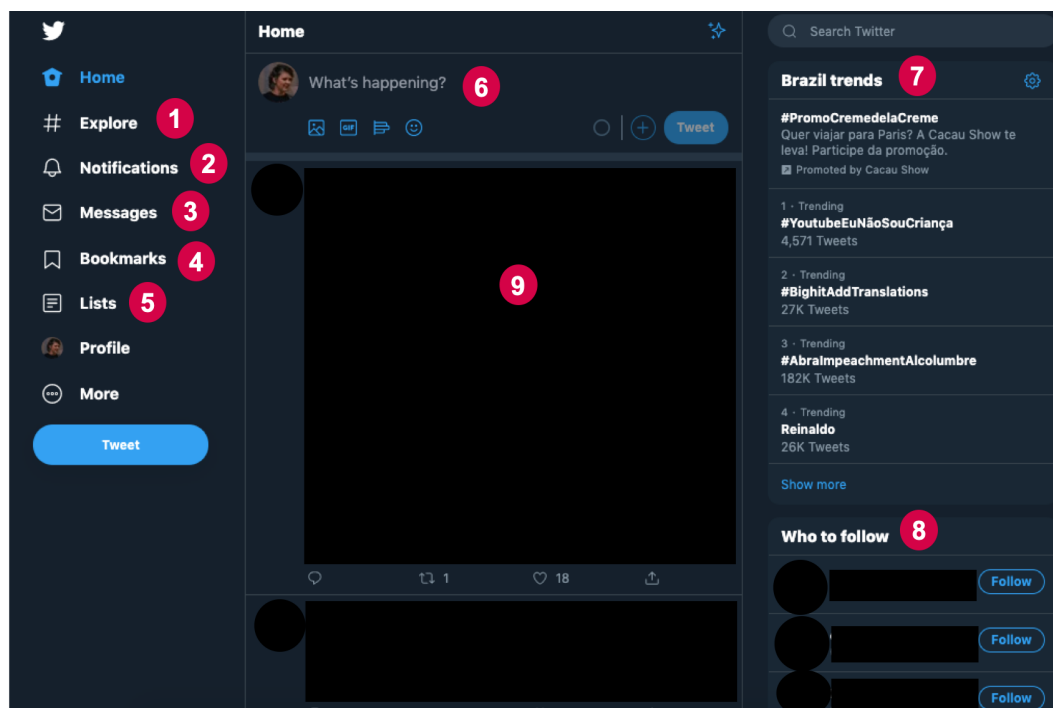


Figura 10: *Printscreen* da página inicial no Twitter

Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Na lateral esquerda, está localizado o menu principal do Twitter, composto pelas principais funcionalidades que ele oferece. A funcionalidade (1) "Explorar" leva o usuário a uma tela onde estão elencados os principais "assuntos do momento", de acordo com a localização configurada como padrão por ele. Essa localização pode ser alterada, para que se tenha noção dos tópicos mais falados no mundo, em outros países, estados e cidades.

Esses assuntos do momento, famosos como "*trending topics*" do Twitter, dão visibilidade aos temas que mais estão sendo mencionados na plataforma e, por isso, estimulam os atores a consumir e produzir conteúdo sobre eles. Esse fenômeno tem a ver com o conceito de "cascatas de informações" que Recuero (2009a) define como o que ocorre "quando temos um tipo de comportamento (ou decisão) que é repetido por vários atores com base na observação dos demais (influência) [...]. Ou seja, as pessoas repetem as informações baseadas no fato de que outras pessoas estão fazendo assim". No caso dos assuntos em destaque, a influência se daria na seleção do tema, ao passo que o ator é incentivado a falar sobre algo porque aquilo está sendo falado por todo mundo naquela rede.

No caso dos *trending topics*, é comum que os grupos sociais se organizem para falar em massa sobre um assunto a que desejam dar visibilidade, a fim de fazer com

que seu posicionamento seja percebido e, também, a fim de angariar mais pessoas em torno dele.

O fenômeno das cascatas de informações é, em conjunto com o entendimento do poder dos influenciadores como porta-vozes e legitimadores de discursos, ponto central de observação da disputa discursiva no Twitter. É comum o movimento de que um assunto seja levado ao topo dos mais comentados por um grupo e, logo em seguida, surja outro tópico com posicionamento contrário ao que iniciou a discussão, travando uma disputa acerca do sentido atribuído ao tema, com visões discursivas opostas. É o caso da disputa pela narrativa do Golpe de 1964, no evento analisado neste trabalho.

O Twitter vem, há alguns anos, desenvolvendo estratégias de curadoria de conteúdo na ferramenta, especialmente na forma de entregar os conteúdos dos *trending topics*. Inicialmente, os assuntos eram ordenados exclusivamente por número de tuítes dentro de uma *hashtag*³³. Com a evolução dos seus algoritmos, o Twitter passou a indexar como assuntos mais comentados temas independentes de *hashtags*, somente identificados por conterem determinada palavra-chave (Figura 10). Além disso, criou ferramentas como o "Moments", lançado em 2015³⁴, com uma ideia semelhante a das tradicionais editorias de conteúdo dos veículos de comunicação. Nessas seções, o usuário pode acompanhar os assuntos do momento categorizados por "notícias", "esportes", "diversão" e "entretenimento" (Figura 11).

Recentemente, numa mudança em várias áreas da plataforma, o Twitter passou a mostrar, por padrão, *trending topics* selecionados de acordo com a combinação de localização e rede de pessoas que o usuário segue. Ainda é possível ter acesso aos assuntos apenas pela sua localização, excluindo a interferência algorítmica na seleção dos temas mais comentados, mas a opção não é padrão e exige que o usuário lembre-se de alterá-la, o que torna, de modo geral, ainda mais possível a formação de bolhas (Pariser, 2012).

³³ Hashtags são tópicos compostos por palavras chaves associadas ao símbolo "#". Inicialmente, elas eram o único modo de tuitar sobre um assunto no Twitter, pois era através das hashtags que a ferramenta incluía um tuíte num determinado tópico. As hashtags ultrapassaram o Twitter e viraram um elemento constitutivo da linguagem no ambiente digital e, assim, foram incorporadas em outras plataformas de redes sociais, como o Facebook e o Instagram. Mais informações em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

³⁴ Mais informações em <<https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/11/twitter-lanca-moments-no-brasil-saiba-como-funciona-e-comece-usar.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.



Figura 11: *Printscreen* da seção "Explorar" no Twitter
 Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 18 nov. 2019.



Figura 12: *Printscreen* da seção "Esportes" no Twitter
 Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Ainda em relação à Figura 9, a funcionalidade (2) "Notificações" reúne as menções e demais ocorrências que envolvem a conta do usuário e acontecem na plataforma. A seção (3) "Mensagens" oferece a função de mensagens privadas que podem ser trocadas entre usuários da plataforma. A função (4) "Itens salvos" refere-se a tuítes marcados pelo usuário pela função "salvar tweet", que possibilita marcar postagens a que se deseja ter acesso fácil posteriormente. A seção (5) "Listas" diz respeito à possibilidade de criar uma lista com usuários, por afinidades, interesses etc,

tanto de forma pública quanto privada. Todas essas funcionalidades, apesar de estarem presentes, não trazem grandes impactos para o que desejo analisar nesta pesquisa, então não as aprofundarei por hora.

A funcionalidade (6) "Tweet" é a principal forma de publicação na ferramenta, pois é através dela que o usuário posta em seu perfil. É possível, além do texto, inserir diversos tipos de mídia, como fotos e vídeos, e fazer perguntas, em formatos de enquetes. A pergunta feita pela plataforma ao usuário, para incentivar a publicação de conteúdo, mudou de "o que você está fazendo?" para "o que está acontecendo?" num claro direcionamento para o compartilhamento de conteúdo informacional, no lugar dos conteúdos pessoais vindos da ideia de *microblogging*³⁵. Outra alteração pela qual passou a ferramenta foi a do número de caracteres permitido por tuíte, que subiu de 140 para 280, permitindo que conteúdos maiores, típicos de postagens informacionais e de opinião, encontrem suporte.

A funcionalidade (7) "Tendências de Brasil" aparece dessa forma se a personalização na seleção de conteúdo não tiver sido selecionada – e aí aparecem os *trending topics* do Brasil, conforme números de tuítes por tema; ou aparece denominada como "Assuntos para você" se a opção de personalização estiver marcada, mostrando temas de acordo com a localização associada à rede de pessoas seguidas.

No canto inferior direito, a funcionalidade (8) "Who to follow" oferece recomendações de pessoas para serem seguidas de acordo com a base de usuários já seguidos pelo perfil.

Por fim, a seção (9) trata-se do *feed* do Twitter, lugar onde o usuário tem acesso aos conteúdos publicados pelos perfis que segue. Antigamente referido como *timeline*, o *feed* do Twitter era organizado apenas pelo critério temporal, sendo o último tuíte mostrado a mais recente publicação da rede de perfis seguidos. O Twitter foi a última plataforma de rede social, dentre as maiores, a regrav a organização de seu *feed* por algoritmo de relevância. Essa mudança aconteceu gradativamente, quando primeiramente a plataforma disponibilizou a funcionalidade "Enquanto você esteve fora", que mostrava tuítes feitos anteriormente e que tiveram repercussão significativa na rede. Depois disso, em 2015, a ferramenta passou a mostrar primeiro os tuítes

³⁵ Mais informações em <<https://tecnoblog.net/9946/o-twitter-nao-quer-mais-saber-o-que-voce-esta-fazendo/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

mais populares – aparentemente por critérios quantitativos de curtidas e compartilhamentos, daqueles atores com quem o usuário tem maior chance de interação. Obviamente, essa é uma leitura simplista do algoritmo, que provavelmente funciona pela combinação de variados critérios de relevância para definir que conteúdos mostrar.

As possibilidades de interação com os tuítes também são visíveis no feed. É possível "comentar" ou "responder" um tuíte, clicando no ícone de balão; "compartilhar" ou "retuitar" aquele tuíte, clicando nas setas em círculo; dar um "curtir" no tuíte, clicando no ícone de coração; e algumas outras ações como a de "salvamento", clicando no ícone com a seta para cima.

As possibilidades mais interessantes em termos de conversação na plataforma são, além da própria publicação de conteúdo, as respostas e os retuítes. As respostas, pela forma como o Twitter desenha sua arquitetura, são agrupadas junto ao tuíte, quando se clica nele, o que proporciona que os usuários tenham contato com a conversação como um todo e, assim, possam interagir com mais facilidade. O retuíte facilita a amplificação dos discursos presentes nos conteúdos postados, pois com apenas um clique é possível espalhar a informação. O estudo do retuíte é recorrente por quem dedica-se à pesquisa no Twitter, visto que ele é apropriado com diferentes funções, seja somente a de espalhamento, seja a de crítica ou de ratificação (é possível adicionar comentários a um retuíte, como forma de posicionar-se acerca do que ele contém, por exemplo).

Entendidos os mecanismos de funcionamento do Twitter e suas implicações na mídia social que ali se constitui pela apropriação dos atores, resta evidente que ele é lugar de circulação dos discursos na mídia social. E, por isso, propicia que se enxergue como acontecem as disputas discursivas por narrativas, como a que pretendo analisar pelo método que será explicitado no próximo capítulo.

4. Como observar a disputa: a proposta metodológica

Neste capítulo, explicitarei como será feita a análise do conjunto de dados que compõem o objeto deste trabalho. Primeiramente, falo do Golpe Militar de 1964 e do evento que originou as conversações aqui analisadas. Logo, exponho quantitativamente os dados coletados e os detalhes da coleta. Passo ao método, propondo categorias baseadas na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2016) e nos estudos sobre a mídia social abordados nesta pesquisa.

4.1. Objeto: a narrativa do Golpe Militar de 1964 em disputa

Em abril de 1964, o Brasil vivia a deposição do presidente da República eleito democraticamente, João Goulart, para a instauração de uma ditadura civil militar que duraria 21 anos e foi marcada pela perseguição, prisão, tortura e morte de centenas de civis. Entretanto, apesar de o período ter terminado em 1985, o conhecimento dos fatos ocorridos, bem como do contexto social, político e econômico da época ainda é um desafio para o País. Nesse sentido, pesquisa feita em 2017 pelo Instituto Paraná Pesquisas mostrou que 43,1% dos entrevistados defendiam a intervenção militar como solução para a crise política brasileira e que a maior parte dos apoiadores tinha entre 16 e 24 anos, ou seja, pessoas que não viveram o período³⁶.

O objeto de análise dessa pesquisa tem origem na atitude do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, que, no dia 25 de março de 2019, às vésperas dos 55 anos do Golpe Militar, ordenou que as Forças Armadas brasileiras comemorassem a passagem da data, informação que foi confirmada pelo porta-voz da presidência³⁷. Imediatamente, o tema ganhou destaque nas conversações na mídia social, especialmente no Twitter. No dia 31 de março de 2019, data convencionada como aniversário do Golpe Militar, o assunto voltou aos *trending topics* do Twitter, agora centrado nas *hashtags* #DitaduraNãoSeComemora e #PátriaAmadaBrasil, cada qual

³⁶ Disponível em <<https://bit.ly/2YR5cgX>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

³⁷ Disponível em <<https://glo.bo/2uvCcdc>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

agregando conteúdos antagônicos sobre o período da ditadura. As conversações dessas *hashtags* e a disputa discursiva pela narrativa do Golpe Militar de 1964, que se configurou a partir delas no Twitter, compõem, pois, o objeto de estudo deste trabalho.

Originadas na discussão acerca do posicionamento do presidente da República – um influenciador direto da opinião pública, em defesa do Golpe Militar, as conversações contidas nas *hashtags* não demonstraram apenas um debate acerca do tema, mas uma disputa pública pela narrativa sobre o Golpe Militar de 1964, ao passo que, mais do que se posicionar sobre as consequências do fato, os atores passaram a construir versões sobre o que teria ocorrido no período e as razões para tal, não necessariamente condizentes com a narrativa histórica, baseada em pesquisas e estudos cientificamente embasados, como veremos na análise dos dados.

4.2. Dados coletados: #DitaduraNãoSeComemora x #PátriaAmadaBrasil

O conjunto de dados que analisarei é composto pelos tuítes coletados ao longo do dia 31/03/2019, através das *hashtags* #DitaduraNãoSeComemora (narrativas ancoradas em discursos contrários ao regime militar) e #PátriaAmadaBrasil (narrativas ancoradas em discursos a favor do regime militar). Os dados foram capturados através da ferramenta de coleta e análise de dados em redes sociais Nodexl³⁸. A tabela abaixo detalha as coletas feitas e os dados obtidos com cada uma delas.

Tabela 2 - Dados coletados

Hashtag pesquisada	Horário da coleta ³⁹	Número de tuítes coletados
#DitaduraNãoSeComemora	8h45min	5.498
	10h45min	20.024

³⁸ Disponível em <<https://nodexl.com/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁹ O horário das coletas ocorreu de forma arbitrária, a fim de abarcar o maior número de postagens possível enquanto o tema estava entre os assuntos mais comentados do país, no dia 31/03/2019.

	13h15min	19.446
	14h45min	20.091
	16h	20.838
	TOTAL	85.897
#PátriaAmadaBrasil	8h	25.015
	10h	24.589
	12h30min	23.767
	14h	23.430
	15h30min	23.942
	TOTAL	120.743

Fonte: Dados coletados no Twitter pela ferramenta Nodexl.

O conjunto de dados deste trabalho é composto, portanto, pelo total de 206.640 tuítes, considerando as duas *hashtags* pesquisadas. Para a análise das disputas discursivas, no entanto, delimitei um *corpus* de análise atendendo ao método proposto, como explicarei abaixo.

4.3. Metodologia

Para a definição da amostra que irá compor o *corpus* de análise, apoio-me na ideia de que o panorama quantitativo é, aqui, somente um ponto de partida para a compreensão discursiva. Nesse sentido Fragoso, Recuero e Amaral (2012, p. 67) explicam que a pesquisa quantitativa na internet aponta fragilidades quando o objetivo é tratar de problemas de pesquisa que exigem aprofundamento para a compreensão, como é o caso dos que envolvem o discurso e seus processos de prática discursiva e

prática social, que são complexos em estruturação e efeitos, além da necessária visão dialética para entendimento.

Assim, proponho como primeira etapa metodológica a delimitação do *corpus* a ser analisado. Com base nas principais formas interacionais do Twitter, enquanto plataforma de redes sociais em que o objeto está inserido, selecionei os dois tuítes com maior número de retuítes de cada *hashtag* envolvida na disputa. Apesar de a quantidade de tuítes a serem analisados ter sido definida de forma arbitrária, acredito ser o adequado para desvendar, pelo menos, as principais estratégias discursivas envolvidas na construção das narrativas; ao mesmo tempo que não torna inviável a análise do discurso, no sentido da extensão pretendida para um trabalho como este.

Tabela 3 - *Corpus* de tuítes para análise

<i>Hashtag</i>	Nome da amostra ⁴⁰	Usuário ⁴¹	Texto do tweet ⁴²	Retuítes ⁴³
#DitaduraNãoSeComemora	Tuíte 1	@cinefilo_K	a ditadura só matava bandido? • Vladimir Herzog, JORNALISTA • Zuzu Angel, ESTILISTA • Edson Luís, ESTUDANTE • Rubens Paiva, ENGENHEIRO • Manoel Filho, METALÚRGICO • Lyda Monteiro, SECRETÁRIA • mais de 8 mil ÍNDIOS em suas terras em memória deles: #DitaduraNaoSeComemora	6.549
	Tuíte 2	@MarceloAdnet	O presidente eleito com discurso de combate ao bandido está comemorando abertamente assassinato,	4.705

⁴⁰ Os títulos foram dados aos tuítes apenas para facilitar sua identificação nas referências seguintes, no próximo capítulo, de análise do *corpus*.

⁴¹ Somente a autoria de tweets de figuras públicas foi explicitada por se entender que, ao assim se colocarem, manifestam vontade de que seus conteúdos sejam entendidos como públicos. Entendendo-se por figura pública usuários que têm suas contas abertas e possuem contas verificadas ou alto número de seguidores, como indicativo de um perfil que admite grande audiência e ampla circulação do conteúdo postado.

⁴² Os textos de tuítes que não são de figuras públicas (contas verificadas) tiveram pequenas modificações, que não alteram seu sentido original, para auxiliar na anonimização dos usuários.

⁴³ Número de retuítes recebidos pelo tuíte até o momento da coleta, no dia 31/03/2019.

			tortura e diversos outros crimes. Motivo de vergonha e revolta mundiais. Mas a grande maioria não embarca nessa, pois tem o mínimo de humanidade e consciência. #DitaduraNaoSeComemora	
#PátriaAmada Brasil	Tuíte 3	@CarlaZambelli38	Feliz 31 de Março - o dia em que o Brasil disse NÃO ao Comunismo. #PatriaAmadaBrasil	2.419
	Tuíte 4	@moura_101	"Participamos da Revolução de 1964, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada". (Roberto Marinho) #PatriaAmadaBrasil	1.418

Fonte: Dados coletados no Twitter pela ferramenta Nodexl

Constituído o *corpus*, passarei à análise da disputa discursiva estabelecida entre os atores para a construção das narrativas acerca do Golpe Militar de 1964. Para isso, proponho categorias de análise que baseiam-se nos ensinamentos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2016) e são elaboradas a partir da consideração do contexto da mídia social e de suas *affordances* e características abordadas no capítulo 2 deste trabalho.

Tabela 4 - Descrição das categorias de análise

Dimensão do discurso	Categoria de análise	Descrição do que deve ser observado na categoria
Texto	Estrutura da mensagem	Observa as escolhas lexicais presentes nos textos dos atores, apontando a estrutura textual formada a partir delas e os efeitos de sentido gerados.
	Usos da <i>hashtag</i>	Explora a forma como a <i>hashtag</i> foi apropriada pelos usuários, contextualizando-a e apontando o papel que ela exerce na construção de sentido do discurso.
	Multimodalidade	Explica a função que desempenham na construção discursiva os múltiplos formatos que compõem o texto, tanto em relação às formas de linguagem

		(imagens, vídeos, <i>gifs</i> etc), quanto em relação a possíveis variações de organização e estrutura.
Prática discursiva	Posição do sujeito	Identifica, tanto quanto possível, quem são os sujeitos autores das narrativas e que posições sociais e ideológicas possuem.
	Estratégias discursivas	Identifica as estratégias discursivas, abrangendo a análise da intertextualidade manifesta (textos e/ou características de textos presentes na superfície da amostra, que influenciam de forma explícita na sua constituição) e da interdiscursividade (tipos de discurso presentes na amostra, que constroem a narrativa objetivada pelo ator).
	Propriedades da mídia social	Analisa quais e como as características e <i>affordances</i> da mídia social foram utilizadas na construção discursiva e as influências decorrentes.
Prática social	Narrativas construídas	Descreve os efeitos políticos e ideológicos do discurso, elencando as narrativas construídas a partir da disputa discursiva observada, de modo a expor as ideologias colocadas em disputa e apontar o nível hegemônico alcançado por elas.

Fonte: a autora.

A proposta de método descrita na Tabela 4 origina-se da previsão de Fairclough (2016) de que a Análise Crítica do Discurso, enquanto método, deve adaptar-se ao objeto e seu contexto, sempre perseguindo que se possa observar, com a clareza e o aprofundamento necessários, a dialética entre as esferas constitutivas do discurso. Observadas todas as categorias sugeridas por Fairclough (2016), explicitadas na Tabela 1, no primeiro capítulo do trabalho, proponho categorias mais adequadas ao objeto e ao meio de circulação do discurso, buscando, como prevê o autor, a maior eficiência em descortinar os tensionamentos discursivos próprios da mídia social.

Na dimensão "texto", iniciarei com a análise das escolhas lexicais feitas pelos atores, no sentido das palavras e elementos da linguagem selecionados para compor as falas, entendendo que tal ação determina o sentido; após, passarei ao exame da *hashtag* que ancora os discursos, a fim de entender sua apropriação e sua função naqueles textos; e, por fim, observarei os recursos multimodais presentes nos textos, enquanto mecanismos que ampliam a possibilidade discursiva e, por isso, geram efeitos de sentido.

A seguir, na dimensão "prática discursiva" analisarei três categorias de interesse para o objeto, sejam elas "posição dos sujeitos", "estratégias discursivas" e "propriedades da mídia social". Conforme descrito na Tabela 4, esses critérios de

análise do discurso proporcionarão que se identifique as características dos tuítes que compõem o *corpus*, que, por sua relevância na rede, foram determinantes na construção das narrativas decorrentes da disputa, tanto em relação à (1) produção – como o texto em si foi constituído e as características do ator que o construiu, quanto em relação à (2) distribuição – possibilidades do suporte que foram determinantes no processo discursivo, possibilitando, assim, o exame das estratégias discursivas presentes.

No âmbito da prática social, como o efeito gerado dialeticamente pela prática discursiva, está a possibilidade de elencar as narrativas que foram construídas a partir da disputa discursiva que se operou nas conversações, entendidas tanto em relação a sua constituição ideológica, quanto em relação ao seu desempenho hegemônico.

Assim, o método proposto busca ser eficiente em responder o problema de pesquisa inicialmente estabelecido, de explorar como acontecem as disputas discursivas na mídia social, especificamente no Twitter, no caso da construção de narrativas acerca do Golpe Militar de 1964. Além disso, acredito que as categorias elaboradas possam auxiliar na compreensão dos processos discursivos que ocorrem na mídia social, consideradas as mudanças que suas características de mediação impõem, e, por isso, mostram-se tão urgentes de serem compreendidas em nosso tempo.

5. A disputa discursiva pela narrativa do Golpe Militar de 1964

Analisarei nos tópicos que se seguem a amostra discursiva selecionada como *corpus* dessa pesquisa. Início com a análise dos dois tuítes que compõem a amostra da *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora, para explicitar as narrativas construídas, que titulei como "A Ditadura que matou inocentes" e "A vergonhosa comemoração de Bolsonaro". A seguir, observo os dois tuítes da amostra da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, detalhando as narrativas, que chamei de "O governo que salvou o Brasil do comunismo" e "A revolução democrática pelo bem do Brasil". Analisadas as nuances de cada camada do discurso, por fim discuto os resultados revelados na análise, com o objetivo de delinear os aspectos próprios que a disputa discursiva assume na mídia social.

5.1. Análise da hashtag #DitaduraNãoSeComemora

Neste subcapítulo, analiso os dois tuítes que compõem a amostra definida a partir dos dados coletados na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora, portanto com discursos contrários ao Golpe Militar. Nomino as narrativas, que titulam os tópicos de análise a seguir, de acordo com as ideias centrais que lançam: a primeira como "A Ditadura que matou inocentes"; e a segunda como "A vergonhosa comemoração de Bolsonaro". Desse modo, foi examinado de acordo com as esferas do texto, da prática discursiva e da prática social, conforme descrito na metodologia detalhada no capítulo anterior e intersecções teóricas possíveis com os ensinamentos também já abordados de Fairclough (2012; 2016), Foucault (2014), Recuero (2009; 2012; 2017), Santos (2017), Bourdieu (2001), Boyd (2010), Tiburi (2017), Pariser (2012) e Schinestsck (2018).

5.1.1. A Ditadura que matou inocentes

O tuíte com maior número de retuítes dentre os coletados na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora foi o da imagem abaixo (Figura 13), em que o ator utiliza um questionamento para provocar a reflexão do interlocutor acerca do que ocorreu no período do Regime Militar em relação a pessoas que foram assassinadas.



Figura 13 - Tuíte do usuário @cinefilo_K analisado na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora
Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Texto

A estrutura textual do tuíte da Figura 13 é composta por uma frase interrogativa e uma resposta em formato de tópicos, além de um fechamento com a *hashtag* referente ao tema.

O uso da pergunta como elemento inicial confere ao tuíte a característica, provavelmente pretendida pelo autor, de diálogo com o interlocutor, própria das conversações mediadas por computador (RECUERO, 2012). As indagações, em construções discursivas como essas, servem como uma ferramenta de estímulo e provocação à reflexão e à sensibilização do outro acerca do tema abordado.

Naturalmente, questionar alguém sobre algo o faz pensar naquilo e nas possíveis respostas para a indagação.

A palavra "bandido", utilizada na pergunta "*a ditadura só matava bandido?*", que inicia o tuíte, é outra escolha lexical relevante para essa análise. Especialmente no contexto semântico brasileiro atual, de ascensão da ordem do discurso (FAIRCLOUGH, 2012; FOUCAULT, 2014) de extrema direita liderada pelo presidente Jair Bolsonaro, designa todos aqueles que, por cometerem crimes, devem ser abatidos e não merecem tratamento humanizado – como, nessa suposição, o direito à vida. Ao responder à própria pergunta, no mesmo texto, com uma lista de nomes de pessoas assassinadas durante a Ditadura, o ator, concomitantemente incentiva a reflexão e dá um rumo de significação a ela, construindo uma narrativa do Golpe Militar como um momento de morte de pessoas "decentes" – pelas posições sociais que ocupam, não de "bandidos" como se costuma propagar no discurso de defesa do Regime. Assim, o texto direciona o interlocutor para uma resposta contrária à provocação contida na pergunta inicial, colocando-o no espectro discursivo crítico à Ditadura Militar.

O ator segue o texto elencando os nomes seguidos das profissões e ocupações de pessoas assassinadas durante a Ditadura, grifando em caixa alta. Nas conversações em plataformas sociais na internet, a utilização da caixa alta comumente remete a algo que se quer dar muito destaque, até mesmo com uma conotação de grito, quando relacionado à fala, por exemplo. Portanto, é perceptível o uso do recurso como forma de destacar e chamar a atenção para as ocupações das vítimas.

Além disso, o formato de lista escolhido pelo ator, nessa parte do texto, remete à ideia de quantidade, de algo possível de enumerar. Ao mesmo tempo que procura desmentir a criminalização dos presos e mortos do período militar respondendo à pergunta inicial do tuíte, o formato de lista dá ao texto, nesse caso, a ideia de quantidade elevada, ou seja, quer demonstrar que a Ditadura Militar matou várias pessoas que ocupavam lugares sociais relevantes – conferidos, no texto, pelas próprias ocupações delas. No mesmo sentido, o uso da expressão "*mais de 8 mil índios*", no final da lista, que complementa a ideia de alta quantidade de vítimas.

Ao final, o ator faz uso da *hashtag* estabelecendo uma relação de causalidade. A expressão "*em memória deles: #DitaduraNãoSeComemora*" procura argumentar que a memória das vítimas do período é razão para que se condene a comemoração

do aniversário da Ditadura Militar. Nessa esteira, a expressão "em memória" dá, também, um efeito de sentido de sensibilização, uma vez que posiciona-se no campo semântico das palavras relativas ao luto e ao respeito que ele pressupõe.

Em relação à multimodalidade, destaco a presença do sinal gráfico "•" comumente utilizado nos textos como marcador de tópicos. Como dito acima, a lista confere importante sentido ao texto, e o marcador auxilia, nesse caso, na composição estrutural do tuíte. Ao passo que inicia cada frase com o marcador em uma nova linha, o ator dá ao texto uma estrutura diferente da qual, normalmente, os tuítes possuem – com caracteres corridos, que formam um bloco de texto. Assim, consegue dar ao texto um formato diferenciado, que pode ter influenciado, também, na visibilidade do tuíte.

Prática discursiva

Na Tabela 5, trago os dados públicos de perfil disponibilizados pelo autor do tuíte aqui analisado. O nome de usuário "*cinéfilo_K*" se relaciona com o tema filmes e cinema, que ele declara ser de seu interesse na plataforma social, segundo a descrição de perfil. Como já mencionado, é usual que, no Twitter, as pessoas adotem o nome de usuário como elemento identitário, expressando já no registo de usuário da sua conta algo relevante na construção da sua identidade naquele ambiente, o que também tem relação com a dimensão identitária do discurso (FAIRCLOUGH, 2012).

Tabela 5 - Dados de perfil do usuário @cinéfilo_K

Usuário ⁴⁴	Descrição do perfil ⁴⁵	Número de seguidores	Conta verificada
@cinéfilo_K	cheguei no twiter pra valer só em 2017 e aqui já era metrópole. montei meu barraco com mto sarcasmo e fiquei. SIGA SEM DÓ todo dia tem #DicaDeFilme e mortandela	50,2 mil	Não

Fonte: a autora. Disponível em <https://twitter.com/cinefilo_K>. Acesso em: 21 nov. 2020.

⁴⁴ A tabela contempla somente os dados de perfis de pessoas públicas, conforme critérios já explicitados no capítulo anterior, na explicitação do *corpus*.

⁴⁵ Informações publicadas pelo usuário como descrição do seu perfil no Twitter e coletadas em 27/10/2020.

Das informações fornecidas pelo usuário, a que dá o direcionamento sobre seu lugar ideológico é a expressão "mortadela", utilizada no trecho da sua descrição de perfil "*todo dia tem #DicaDeFilme e mortandela*". A construção ficou conhecida, no período inicial da intensa polarização política que culminou no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e é usada para designar pessoas de espectro político de esquerda, que apoiavam a presidenta⁴⁶. É possível compreender, assim, que o ator se apresenta, mesmo que através de uma gíria, como alguém filiado à posição político-ideológica de esquerda. Apesar de toda discussão em torno da dualidade de espectros político-ideológicos direita-esquerda não ser suficiente para representar a complexidade do cenário político brasileiro, cabe dizer, em termos discursivos, que dessas grandes formações ideológicas originam-se formações discursivas que compõem uma ordem discursiva de significação (SANTOS, 2017), que determina histórica e materialmente a forma como os atores filiados a elas compreendem e comunicam o mundo ao seu redor.

Diante disso, é esperado que, com a posição ideológica a que se filia, o ator manifeste-se contrariamente à Ditadura Militar, que foi um governo autoritário calcado em valores conservadores de sociedade e apoiado por partidos de direita – os únicos que podiam existir legalmente à época.

Ainda em relação à posição do sujeito na prática discursiva, cabe pontuar que, dos dois atores que produziram as narrativas dessa amostra, somente este não é uma figura pública e não possui selo de conta verificada no Twitter. Isso demonstra que a legitimidade, entendida por Bourdieu (2001) como necessária para que o enunciador construa o sentido através de determinado discurso, na mídia social, pode acontecer de maneira peculiar. Isso porque atores que não ocupam posições profissionais e sociais classicamente ligadas ao tema em questão (no caso da Ditadura Militar,

⁴⁶ Santos (2017) explica que "O contexto das manifestações, pautado nos acontecimentos gerados no governo Dilma acabou sendo precursor das representações discursivas coxinha e mortadela. Um dado sobre a formação da categoria mortadela é de que nas manifestações organizadas em defesa do Partido dos Trabalhadores (na figura de Dilma, que estava sob acusação em relação à prática de pedaladas fiscais), manifestantes Pró-Dilma, **supostamente**, recebiam um sanduíche preparado com mortadela; estava formada a associação: mortadela-manifestante-PT. Um mortadela passou a identificar o sujeito partidário do movimento que defendia a permanência de Dilma no governo e que, conseqüentemente se afiliava (afilia) aos preceitos ideológicos do partido a que ela pertence e representa.

Pois bem, a contraparte ideológica (e gastronômica) surgia para representar aqueles que eram a favor do impeachment, contra o ideário do Partido dos Trabalhadores, em defesa da PETROBRAS e da Operação Lava Jato. Assumindo um discurso veemente contra ideias consideradas de esquerda, surgiam os *coxinhas*."

políticos, pesquisadores da área, comentaristas etc), que os credenciaria para falar daquilo, tornam-se legítimos em um processo de reconhecimento próprio das redes sociais ali construídas. Observo uma inversão, em que a força discursiva do que é dito legitima o ator; ao invés da sua posição conferir a legitimidade para falar sobre aquilo.

Essa dinâmica particular de legitimação do enunciador tem relação direta com as *affordances* das plataformas sociais (BOYD, 2010), uma vez que, pelas características desses ambientes, os atores passam a ter acesso e condição de transformá-las em uma mídia, em que podem, utilizando com propriedade, dar visibilidade aos seus conteúdos.

Em relação às estratégias discursivas presentes na amostra, pontuo a presença de uma ligada à intertextualidade manifesta, no formato de pressuposição, e a outra situada no campo da interdiscursividade, especificamente no formato de cadeia intertextual.

A primeira estratégia discursiva é formada por duas pressuposições interligadas: a de que matar "bandidos" é aceitável e a de que ter uma ocupação social relevante e/ou uma profissão estabelecida garante que uma pessoa não faça parte dessa categoria e, por isso, tenha direito a ter sua vida protegida. Esse discurso se filia a bases ideológicas conservadoras, como já mencionado, acima representadas por frases como "bandido bom é bandido morto", amplamente utilizadas por sujeitos que defendem esses valores.

Fairclough (2016, p. 162) aponta as pressuposições como uma das marcas de intertextualidade manifesta possíveis e explica que elas podem ser sinceras (o produtor do texto realmente acredita naquilo como algo estabelecido) ou manipulativas (o produtor lança uma pressuposição insinceramente, com o objetivo de manipular). Nesse caso, a estratégia discursiva utiliza, primeiramente, de uma pressuposição manipulativa, ao passo que, pela posição ideológica do ator, fica claro que ele não acredita no discurso de que as vítimas da Ditadura Militar eram pessoas criminosas, ao contrário, coloca esse pressuposto no texto como questionável. Logo depois, a pressuposição, tácita e por isso de identificação mais sutil, de que pessoas com ocupações sociais relevantes são melhores e mais importantes enquanto seres humanos. Ao contrário do pressuposto anterior, parece que esse é tido pelo produtor do texto como sincero, pois é usado por ele como argumento de sensibilização em relação às vítimas de assassinato citadas no texto.

Essa pressuposição, especificamente, relaciona-se à ordem do discurso capitalista, presente em diversas narrativas da sociedade contemporânea, que só considera digno de direitos e garantias individuais o ser humano economicamente ativo e produtivo, aquele que trabalha para a manutenção da ordem capitalista (TIBURI, 2017). Sobretudo, destaco a força do assujeitamento dessa ordem discursiva, ao passo que aparece até mesmo em textos críticos a ela, fundados em ideais humanistas, como parte do tensionamento dialético característico da prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2016).

A segunda estratégia discursiva que examino é a tentativa de subversão do discurso, que Fairclough (2016) aborda dentro do que chama de "cadeias intertextuais" de transformações dos enunciados. Ao iniciar o tuíte com uma afirmação típica de atores de posição contrária à sua, transformada numa pergunta, o ator investe em uma estratégia de tentar descaracterizar aquele discurso, dando a ele novo enquadramento e significado. Com isso, tenta subverter o significado das mortes ocorridas na ditadura, para, em vez de serem tidas como mortes "somente de bandidos", serem percebidas como mortes de "pessoas decentes, de bem". Assim, observo a investida do ator em tentar transformar uma ordem do discurso existente, dialogando com ela, como descrito por Fairclough (2016) no processo dialético de mudança social.

Por fim, em relação às dinâmicas próprias da mídia social, destaco a estratégia discursiva utilizada pelo ator, de apropriar-se de uma formação discursiva do campo contrário – o processo de subversão citado acima, como uma tentativa de sensibilização e interlocução com quem pensa diferente possível pelas características do ambiente. As plataformas sociais, como já dito, são ambientes nativos de relacionamento e conversação (RECUERO, 2012), portanto propícios para a prática de tal estratégia, mesmo que, na atualidade tenham a distribuição de seus conteúdos regrada por algoritmos de relevância, o que interfere diretamente na circulação de mensagens e na formação de bolhas ideológicas em torno dos usuários (PARISER, 2012). Dessa forma, é possível entender que o ator empreende na tarefa de tentar transcender a bolha formada em torno de seu discurso, colocando-se no campo discursivo do interlocutor e dialogando com ele.

Prática social

Observadas as escolhas lexicais e os aspectos da prática discursiva determinantes na constituição do sentido do texto, passo à análise da narrativa construída no tuíte acerca do Golpe Militar de 1964 e do período da Ditadura Militar, enquanto prática social.

A ordem social brasileira abarca uma ordem discursiva (FAIRCLOUGH, 2012) de exaltação dos governos da Ditadura Militar, como explorarei a seguir na *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, principalmente baseada em ideologias conservadoras, que conferem ao militarismo e ao autoritarismo a solução de problemas sociais graves do país, como o desenvolvimento social e econômico e o combate à corrupção. Ligada a essa ideia, proponho, esteja uma outra ordem discursiva que atinge um nível hegemônico mais alto⁴⁷, a do desconhecimento acerca do passado recente do qual faz parte o período da Ditadura Militar, que compreende como pequenos e aceitáveis os problemas do período quando comparados aos feitos exaltados nos discursos de celebração.

Diante disso, o ator empreende, nesse tuíte, no tensionamento dessa ordem discursiva, que ocorre num processo dialético entre as camadas do discurso (FAIRCLOUGH, 2016). Em suma, ele lança mão de dados históricos – nomes e características de pessoas assassinadas pelo regime – para (re)construir a narrativa da Ditadura Militar, contestando a ordem do discurso que a defende como período positivo e construindo o sentido de que se tratou de um período que não pode ser comemorado, porque matou pessoas inocentes, pessoas "de bem", trabalhadores e estudantes, que merecem ter sua memória preservada e respeitada.

Dessa maneira, a narrativa proposta pelo ator pretende a hegemonia de sentido da Ditadura Militar como um período humanamente cruel, ligado a um campo simbólico de morte de inocentes, e tem como consequência uma interferência na prática social oriunda das ordens do discurso tensionadas nessa disputa – a condenação e cessamento das comemorações do Golpe Militar, com origem na atitude de Bolsonaro.

⁴⁷ Nesse sentido, os dados de pesquisa de opinião sobre o tema apresentados na descrição do objeto dessa pesquisa, no capítulo anterior.

5.1.2. A vergonhosa comemoração de Bolsonaro

O segundo tuíte que mais circulou na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora foi o da imagem abaixo (Figura 14), do comediante Marcelo Adnet, com uma crítica direta à comemoração proposta por Jair Bolsonaro e, implicitamente, uma referência aos crimes cometidos pelo Estado durante a Ditadura Militar.



Figura 14 - Tuíte do usuário @MarceloAdnet analisado na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora

Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Texto

Em relação à estrutura textual, o tuíte da Figura 14 começa com uma frase em ordem direta, que noticia a conduta do presidente Jair Bolsonaro, de comemoração do aniversário do Golpe Militar, com estrutura e tom semelhantes aos de uma manchete jornalística, porém com o uso de expressões que dificilmente comporiam um texto jornalístico sobre o Presidente na grande mídia, como "*assassinato*" e "*diversos outros crimes*", demonstrando o objetivo de direcionar o sentido da atitude de Bolsonaro como algo reprovável.

Essa escolha lexical liga o tuíte ao imaginário do texto jornalístico e da narração de um fato e confere a ele o efeito de sentido de credibilidade e verossimilhança do dito – pressuposto convencionado acerca das notícias jornalísticas. Tal construção serve como ferramenta, por isso, para um desejado fechamento da heterogeneidade possível no sentido do texto, numa linha de que contra fatos não há argumentos. Isso porque a forma de narração objetiva e direta afasta o texto do campo opinativo e o

coloca no campo fático, numa espécie de antecipação do comportamento da audiência (FAIRCLOUGH, 2016, p. 174).

Na parte final desse trecho, o ator, ao mesmo tempo em que critica a atitude de Bolsonaro, associa de forma implícita o período histórico da Ditadura Militar a crimes abomináveis, substituindo nominá-la pelas expressões "*assassinato, tortura e diversos outros crimes*". Assim, ele direciona a significação de um texto iniciado com tom noticioso – e por isso crível – para um viés negativo, definindo tanto a atitude de Bolsonaro quanto a Ditadura Militar como temas passíveis de repúdio.

Dentre as escolhas lexicais, as adjetivações presentes nos textos se mostram caminho interessante para a interpretação discursiva, ao passo que, geralmente, são expoentes máximos da opinião do ator, enquanto (des)qualificação de algo ou alguém. Aqui, assim como no Tuíte 1 analisado, o ator utiliza a palavra "bandido" para se referir a pessoas que devem ser combatidas, de acordo com o viés ideológico de Bolsonaro. Mais amplamente, o trecho "*eleito com discurso de combate ao bandido*" compõe a frase como a qualidade atribuída ao Presidente, portanto com uma função adjetiva, complementada como crítica pelas palavras escolhidas como sinônimos do Regime Militar, explicadas acima.

Depois de afirmar que o comportamento de Bolsonaro é "*motivo de vergonha e revolta mundiais*", o ator faz uso da conjunção adversativa "mas" para marcar a segunda parte do texto, em que propõe que a maioria das pessoas não adere ao movimento de comemoração do Golpe Militar, por se tratar de algo desumano.

A *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora fecha o tuíte, como uma conclusão à ideia da oração anterior, de que a maior parte das pessoas não está comemorando "*pois tem o mínimo de humanidade e consciência*". O uso da *hashtag*, portanto, aconteceu precipuamente para incluir o texto na conversa, já que ela não apresenta relevante posição para a construção de sentido na estrutura do tuíte, apenas se situa como elemento de fechamento.

A multimodalidade, nessa amostra, não diz respeito a formas clássicas relacionadas à estrutura do texto – como o uso de imagens, *gifs* ou vídeos. No entanto, apresenta-se de modo sutil como um movimento de migração (RECUERO, 2012), em que o ator traz para esse ambiente uma conversa que, naquele momento, estava

presente em diversos outros ambientes digitais⁴⁸, como os portais de notícias, transformando-a numa narrativa do fato com as escolhas lexicais destacadas anteriormente, que geram o efeito de sentido pretendido por ele, a partir de seu lugar ideológico.

Prática discursiva

O autor do tuíte aqui analisado é Marcelo Adnet, famoso comediante e ator brasileiro, que atualmente trabalha na Rede Globo de Televisão. Além dessas conhecidas ocupações, o artista se apresenta como roteirista, compositor e sambista, na descrição do seu perfil no Twitter, conforme mostram os dados abaixo (Tabela 6). Dentre os quatro autores dos tuítes que formam o *corpus* de análise desta pesquisa, Adnet é o que possui o maior número de seguidores na plataforma social, de quase 3,5 milhões.

Tabela 6 - Dados de perfil do usuário @MarceloAdnet

Usuário⁴⁹	Descrição do perfil⁵⁰	Número de seguidores	Conta verificada
@MarceloAdnet	Comediante, ator, roteirista, compositor e sambista #IncendioPantanal	3,4 milhões	Sim

Fonte: a autora. Disponível em <<https://twitter.com/MarceloAdnet>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

Há, sobretudo, dois dados importantes na Tabela 6 para o entendimento da posição do sujeito em relação à prática discursiva que aqui analiso: o uso da *hashtag* #IncendioPantanal como parte da descrição de perfil e o selo de conta verificada que seu perfil possui. Ambos têm intersecção, também, com a categoria "propriedades da mídia social", que antecipo conjuntamente nessa análise.

⁴⁸ A exemplo, as matérias do Portal G1 <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/25/bolsonaro-determinou-que-defesa-faca-as-comemoracoes-devidas-do-golpe-de-64-diz-porta-voz.ghml>>, do Jornal O Globo <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-determina-que-militares-celebrem-golpe-de-64-23549592>> e do Jornal El País <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/27/opinion/1553688411_058227.html>. Acesso em: 22 nov. 2020.

⁴⁹ A tabela contempla somente os dados de perfis de pessoas públicas, conforme critérios já explicitados no capítulo anterior, na explicitação do *corpus*.

⁵⁰ Informações publicadas pelo usuário como descrição do seu perfil no Twitter e coletadas em 27/10/2020.

Naturalmente, enquanto comediante, Adnet se relaciona com o discurso político cotidianamente nas suas produções, sendo reconhecido, por exemplo, pelas imitações que faz de atores do cenário político, como as do próprio presidente Jair Bolsonaro⁵¹. Contudo, seu engajamento com pautas políticas se mostra além do humor, como resta evidenciado pela presença da *hashtag* #IncendioPantanal, à época da coleta dos dados (outubro de 2020), no final da descrição de seu perfil no Twitter.

Tal estratégia trata-se de um comportamento emergente de apropriação de uma funcionalidade da plataforma para um uso diferente daquele pensado na sua concepção (RECUERO, 2009). Nesse processo, o ator utiliza o espaço de descrição do seu perfil – que, em tese, por ser de alguém famoso recebe muitas visitas – para dar visibilidade a uma *hashtag* de uma causa política e socialmente importante, apropriando um local pensado para conter informações de apresentação pessoal como uma ferramenta para chamar a atenção para determinado tema.

Para além do processo de apropriação de uma funcionalidade da plataforma social, tal ação revela uma posição ideológica do ator. A *hashtag* #IncendioPantanal foi utilizada no Twitter⁵² para marcar postagens sobre as queimadas, que ocorreram na região do Pantanal brasileiro durante o mês de setembro de 2020 pela conjunção de condições climáticas favoráveis com a ação humana danosa⁵³. Assim como diversas outras questões ambientais, as queimadas no Pantanal foram tratadas com discurso reducionista e negacionista por parte de Bolsonaro e de integrantes de seu governo⁵⁴, o que desencadeou um contexto de disputa discursiva na mídia social, semelhante ao das *hashtags* analisadas nesta pesquisa. Por isso, o ato de dar visibilidade ao tema pela divulgação da *hashtag* #IncendioPantanal, demonstra o comprometimento do ator com o discurso de defesa do meio ambiente que pertence à ordem discursiva de oposição a Bolsonaro.

O selo de verificação, que Marcelo Adnet possui no Twitter, é conferido, como já explicado anteriormente, a figuras públicas com o intuito precípua de confirmar que

⁵¹ Mais informações em <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/18/e-perigoso-mas-necessario-diz-adnet-sobre-imitar-e-criticar-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

⁵² Disponível em <<https://twitter.com/search?q=%23IncendioPantanal>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

⁵³ Mais informações em <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/09/pantanal-entenda-causas-e-consequencias-dos-incendios-no-bioma.html>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

⁵⁴ Mais informações em <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/10/11/com-recorde-de-queimada-bolsonaro-diz-no-ter-como-combater-desmatamento-no-pantanal.ghtml>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

aquele perfil é, realmente, o daquele usuário. Entretanto, cabe ressaltar o papel de relevância que esse elemento confere aos perfis que o detêm, no contexto do Twitter, dando um status de "pessoa a ser ouvida", de alguém publicamente relevante, o que provavelmente influencia, inclusive, na circulação discursiva, como destacarei mais adiante.

A dinâmica de obtenção do selo de verificação num perfil do Twitter é, por isso, um exemplo do que Recuero (2009) explica sobre capital social relacional nas redes sociais na internet, uma vez que baseia-se em valores específicos do ambiente, que, no caso de contas verificadas, estão amplamente presentes – a visibilidade, enquanto resultado do alto grau de atores conectados; a reputação, como construção identitária; a popularidade, ligada à audiência que se tem; e a autoridade, que tem a ver com a influência sobre a rede.

Diante do exposto, fica evidente a posição ideológica do ator como alguém circunscrito na ordem do discurso progressista, do qual fazem parte pautas como a ambiental, por exemplo. Especificamente acerca de sua postura crítica de oposição a Jair Bolsonaro, há um fato que ganhou destaque na mídia nacional e tem a ver com o termo "sambista", usado pelo ator para se apresentar no Twitter. No carnaval de 2020, ele assinou, com outros artistas, a composição do samba-enredo "O Conto do Vigário" da escola de samba São Clemente, no Rio de Janeiro, que tratava de "fake news" e a sua ampla relação com a política brasileira atual. Adnet interpretou Bolsonaro durante o desfile da escola de samba, que se configurou em uma grande crítica ao Presidente e a fatos ligados às suas condutas e ao seu governo⁵⁵.

Um último aspecto relacionado à posição do ator na rede, que merece destaque é sua possível característica de ponte (RECUERO, 2017) nessa disputa discursiva. Dado o alto número de seguidores (3,4 milhões) que possui e a característica de ser uma celebridade, conhecida pela sua atuação na televisão, um veículo de comunicação de massa, Adnet parece ser, no Twitter, um ator-ponte. Isso porque redes numerosas assim, geralmente, caracterizam-se por laços fracos (RECUERO, 2009) eficientes em fazer circular amplamente as informações, transformando o ator em alguém capaz de "furar" as bolhas ideológicas, próprias das redes homófilas (RECUERO, 2017) de usuários com menos seguidores. Além disso, o trecho do tuíte

⁵⁵ Mais informações em <<https://www.uol.com.br/carnaval/2020/noticias/redacao/2020/02/26/apos-imitar-bolsonaro-adnet-comemora-10-lugar-com-a-sao-clemente-festa.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

"mas a grande maioria não embarca nessa", mostra-se como uma marca discursiva, que expressa uma investida semanticamente cordial, de suposição de que as pessoas se comportem de uma maneira considerada adequada, repudiando comemorações ao Golpe Militar. Essa postura discursiva é, na mesma linha, uma postura de ponte entre as conexões da rede.

Quanto às estratégias discursivas, assinalo a presença de duas frentes discursivas com elementos de intertextualidade manifesta – o metadiscurso presente na citação textual do "discurso" de Bolsonaro e a pressuposição de que a maioria das pessoas não comemoram o Golpe Militar; e uma estratégia própria da interdiscursividade – o "pré-construído" da esperada postura de um presidente da República.

O fragmento do tuíte que diz *"o presidente eleito com discurso de combate ao bandido"* trata-se do que Fairclough (2016) define como metadiscurso, enquanto uma "expressão marcada como pertencendo a outro texto ou convenção particular" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 164). Nesse caso, o ator cita o discurso que denomina de "combate ao bandido" que compõe a ordem do discurso presente nas ações e falas públicas do presidente Bolsonaro, que durante sua trajetória política até os dias atuais prega punições severas e precarização dos direitos humanos a pessoas criminosas.

Nesse caso, a estratégia discursiva se torna eficiente porque cita um texto de outrem, mas dá a ele contornos de significação do campo semântico pretendido pelo ator, de crítica ao discurso originário de um campo ideológico oposto.

A segunda estratégia discursiva em formato de intertextualidade manifesta é marcada pela pressuposição *"a grande maioria não embarca nessa"* presente no texto do tuíte. Ao afirmar isso, o ator pressupõe que as pessoas tenham "humanidade e consciência" e, por isso, não acompanhariam o posicionamento do Presidente, mesmo sendo ele um representante eleito pela maior parte da população. Acredito que o cerne dessa estratégia discursiva esteja na discussão de Fairclough (2016, p. 162) sobre os tipos de pressuposição, à medida que a entendo como uma pressuposição manipulativa. Isso porque, como já mencionado, ao passo que o ator propõe que as pessoas não acompanham um posicionamento vergonhoso de Bolsonaro de comemoração à Ditadura Militar, ele coloca o interlocutor em uma posição de valorização e, por isso, num contexto mais ameno de diálogo, como um atrativo para que as pessoas se coloquem dispostas a ouvir e aderir ao seu discurso.

Finalmente, destaco como elemento de interdiscursividade a presença do discurso acerca da postura esperada de um chefe de estado. A expressão "pré-construído", utilizada nos estudos pecheutianos da Análise do Discurso e recuperada por Fairclough (2016, p. 162), é adequada, aqui para tangibilizar essa estratégia.

Há uma imagem coletivamente predominante, por isso pré-construída, de características e comportamentos considerados ideais, adequados e esperados da posição social (BOURDIEU, 2001) de um presidente da República. Essa noção, na ordem social brasileira, passa por uma ideia de polidez, retidão, humanidade, dentre outras características. O ator parte desse símbolo para propor que Bolsonaro, pelo ato de comemoração do Golpe Militar, é alguém distante dessa postura e, portanto, simbólica e faticamente inadequado ao cargo que ocupa.

Prática social

Tal qual o Tuíte 1 analisado anteriormente, no Tuíte 2 se percebe a construção de uma narrativa da Ditadura Militar como um período de cometimento de crimes por parte do Estado contra seus cidadãos, colocando aqueles que a defendem e a comemoram como cúmplices desses delitos. Além disso, o ator narra o Regime Militar como uma vergonha para o Brasil diante da comunidade internacional, ressaltando, com critérios externos, a magnitude negativa desse fato.

O destaque narrativo da amostra, todavia, se encontra no que não é dito (SCHINESTOCK, 2018), mas produz sentido e é parte constitutiva importante do discurso: a estratégia discursiva do "modelo de comportamento de um presidente", explanada acima, constrói a narrativa de que Bolsonaro é alguém inadequado para o cargo que ocupa – fala frequentemente encontrada nas manifestações de atores políticos centrais da atualidade, filiados ao espectro político de esquerda e de oposição ao Presidente.

Essa narrativa trabalha para hegemonizar o sentido de que o presidente pertence a uma minoria de pessoas destoadas do mundo, um *outsider*, mas não no sentido positivo de "diferente de todos os outros políticos e por isso bom", que o levou à aprovação do eleitorado no pleito de 2018; ao contrário, num sentido pejorativo, de alguém que envergonha por comportamentos inaceitáveis. Essa estratégia discursiva pode ser vista, numa análise mais geral, operando um processo de "desidratação" política da imagem de Bolsonaro, desde o início de seu mandato até agora, como

apontam números de pesquisa⁵⁶ e avaliações sobre o desempenho negativo de candidatos apoiados por ele nas eleições municipais de 2020⁵⁷, por exemplo.

Sendo assim, a conjunção dessas duas narrativas presentes no texto, ideologicamente, resulta numa construção discursiva de que comemorar um regime militar é algo reconhecidamente vergonhoso e que o presidente do Brasil está fazendo isso, portanto sua atitude, tanto quanto o ato de comemoração da Ditadura, é inadmissível. A manifestação do ator busca, por isso, mais do que construir uma narrativa negativa sobre o tema central (Ditadura Militar), numa tentativa de mudança da estrutura semiótica da ordem social vigente (FAIRCLOUGH, 2012), associando essa significação negativa à imagem de Bolsonaro – o que já demonstra efeitos na prática social, conforme os dados trazidos acima.

5.2. As narrativas da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil

Este tópico examina os dois tuítes que compõem a amostra dos textos presentes na #PátriaAmadaBrasil, que compreendem os discursos em defesa do Golpe Militar, que circularam no dia 31 de março de 2019. As narrativas produzidas no evento discursivo centram-se em ideias que representei com os títulos "O governo que salvou o Brasil do comunismo" e "A revolução democrática pelo bem do Brasil". A seguir, trago os pontos de análise referentes às categorias metodológicas definidas e relaciono os achados de pesquisa com as premissas teóricas de Recuero (2012; 2014), Bourdieu (2001), Castells (2019), Fairclough (2012; 2016), Van Leeuwen, 2007 *apud* Recuero (2020), Foucault (2019), Van Dijk (2018), Schinestsck (2018), Boyd (2010) e Tiburi (2017).

⁵⁶ Mais informações em <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/27/impopularidade-do-governo-e-apoio-a-saida-de-presidente-crescem-segundo-pesquisa.ghml>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

⁵⁷ Mais informações em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/11/16/veja-o-desempenho-dos-candidatos-a-vereador-apoiados-por-bolsonaro.ghml>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

5.2.1. O governo que salvou o Brasil do comunismo

Na *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, o tuíte da deputada federal Carla Zambelli (Figura 15) foi o mais retuitado da amostra, portanto tratando-se do discurso que mais circulou nesse evento discursivo. Nele a Deputada comemora o dia 31 de março por ser "*o dia em que o Brasil disse não ao Comunismo*".



Figura 15 - Tuíte da usuária @CarlaZambelli38 analisado na *hashtag* #PátriaAmadaBrasil
Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Texto

A mensagem do tuíte acima (Figura 15) estrutura-se de forma simples, em apenas uma frase, mas com estruturas lexicais complexas, em relação à carga de significação e interdiscursividade contida, como abordarei no exame da prática discursiva.

O trecho inicial da frase, "*Feliz 31 de Março*", é uma forma lexical própria do contexto de datas comemorativas na língua portuguesa, utilizada para saudar as pessoas pela passagem de determinada data socialmente relevante, como, por exemplo, nas expressões "feliz Natal" e "feliz aniversário". O dia 31 de março, como explicado anteriormente, foi convencionado como o dia do Golpe Militar de 1964 por aqueles que apoiam politicamente o acontecimento⁵⁸ e, portanto, considerado uma data a ser celebrada.

⁵⁸ O Golpe Militar de 1964, segundo historiadores, consolidou-se, de fato, no dia 1º de abril de 1964, com a deposição do presidente João Goulart, que aconteceu nesse dia. Os defensores da Ditadura Militar, no entanto, defendem o dia 31 de março como marco, a fim de fugir da associação do ocorrido ao dia da mentira, conhecidamente comemorado no dia 1º de abril pelos brasileiros. Mais informações

O travessão, que no texto vem logo após a expressão de felicitação, é um sinal de pontuação usado, aqui, para preceder uma oração explicativa acerca da oração anterior. Assim, a usuária confere à frase *"o dia em que o Brasil disse NÃO ao Comunismo"* o papel de explicar o porquê da saudação anterior, produzindo o efeito de sentido de que o motivo da comemoração está ligado à suposta salvação do país pelos militares em relação a um supostogoverno comunista.

Nessa amostra, assim como demonstrado na análise do Tuíte 1, há o emprego da caixa alta para destacar a palavra "não". Como já mencionado, o efeito de sentido pretendido, de acordo com a linguagem própria das conversações mediadas por computador (RECUERO, 2012), tem relação com algo a se quer dar muito destaque. Portanto, a negativa ao comunismo mostra-se, para a autora do tuíte, uma ideia de importância central no contexto do que é dito.

Diferentemente da *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora, a *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, que representa a corrente ideológica de defesa da Ditadura Militar nessa conversação, não tem relação textual explícita com o fato. A expressão "pátria amada Brasil" é parte do Hino Nacional brasileiro e comumente aparece em enunciados e eventos discursivos de exaltação nacionalista e militarista, exercendo um poder simbólico (BOURDIEU, 2001) de representação dessa ordem discursiva.

Especificamente nesse tuíte, a *hashtag* #PátriaAmadaBrasil parece ser utilizada apenas como um marcador de inclusão do post nas discussões acerca do tema, não exercendo uma função relevante de construção de sentido no texto além daquela decorrente da própria significação dela. Entretanto, por si só, como descrito no parágrafo anterior, a expressão já exerce, através do poder do discurso que carrega (CASTELLS, 2019), grande influência ideológica sobre a rede de atores a ela submetida.

No que tange a multimodalidade, ocorre aqui o mesmo movimento identificado e analisado no Tuíte 2, uma vez que não há marcas expressas de multimodalidade em relação ao formato, mas há a migração de uma conversa iniciada em outros ambientes (RECUERO, 2014), seja ela a ordem pública de comemoração feita pelo presidente Bolsonaro poucos dias antes. O texto caracteriza-se como uma continuidade dessa conversa, principalmente quando considerado o lugar ideológico

(FAIRCLOUGH, 2016) da usuária autora, uma das parlamentares mais atuantes na sustentação do governo Bolsonaro no Congresso Nacional, como detalharei a seguir.

Prática discursiva

A deputada federal Carla Zambelli é filiada ao PSL (Partido Social Liberal), que ganhou relevância na cena política brasileira com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente da República em 2018. Nesse mesmo pleito, Zambelli foi eleita deputada federal pelo estado de São Paulo. Conforme mostram os dados da Tabela 7, abaixo, ela também apresenta-se profissionalmente como gerente de projetos e escritora.

Tabela 7 - Dados de perfil do usuário @CarlaZambelli38

Usuário ⁵⁹	Descrição do perfil ⁶⁰	Número de seguidores	Conta verificada
@CarlaZambelli38	Deputada Federal por SP, eleita a melhor Deputada de 2019 pelo voto popular, gerente de projetos, escritora, conservadora, mãe de João, esposa do Cel Aginaldo	1 milhão	Sim

Fonte: a autora. Disponível em <<https://twitter.com/CarlaZambelli38>>. Acesso 21 nov 2020.

Enquanto figura política com mandato no Congresso Nacional, a usuária tem um lugar de fala institucional no discurso político brasileiro. Em relação à posição ideológica que ocupa, elegeu-se com um discurso centrado no combate à corrupção e ao fortalecimento da Operação Lava-Jato e ao apoio às ações da Polícia Federal na Operação⁶¹. Depois de eleita, se tornou uma das principais vozes de defesa do governo de Jair Bolsonaro e das pautas bolsonaristas no cenário político brasileiro. Ao envolver-se em diversos fatos polêmicos de relevância no cenário político nacional, a deputada cresceu em audiência e visibilidade nas redes sociais na internet, como demonstra o gráfico abaixo (Figura 16), em que aparece um pico de ganho de mais de 180 mil seguidores no Twitter, em abril deste ano.

⁵⁹ A tabela contempla somente os dados de perfis de pessoas públicas, conforme critérios já explicitados no capítulo anterior, na explicitação do *corpus*.

⁶⁰ Informações publicadas pelo usuário como descrição do seu perfil no Twitter e coletadas em 23/11/2020.

⁶¹ Mais informações em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carla_Zambelli>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Na ocasião, o ex-ministro da Justiça e uma das principais figuras do governo Bolsonaro, Sergio Moro, expôs publicamente mensagens trocadas entre ele e Carla Zambelli, em que ela relatava estar negociando a indicação dele ao Supremo Tribunal Federal, em meio à crise política, que culminou na saída de Moro do governo e no rompimento dele com Bolsonaro⁶².

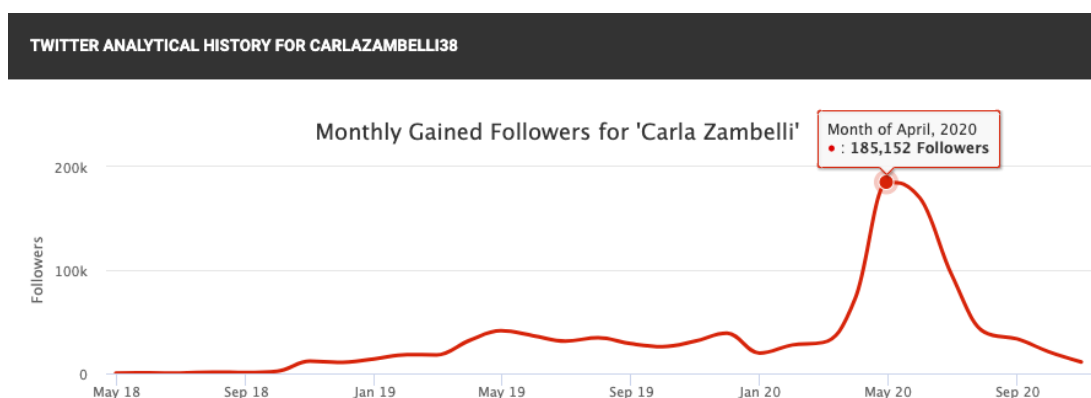


Figura 16 - *Printscreen* do gráfico de evolução do número de seguidores do perfil @CarlaZambelli38 no Twitter, extraído da ferramenta Social Blade.
Fonte: Social Blade. Disponível em <<https://socialblade.com/twitter/user/carlazambelli38>>.
Acesso em: 24 nov. 2020.

É possível observar, por conseguinte, que a legitimidade da enunciadora (BOURDIEU, 2001) para o dito na amostra discursiva acontece num processo tradicional de replicação da posição social da usuária no ambiente digital, ao contrário do que acontece, por exemplo, com influenciadores nativos de ambientes digitais. Aqui, constato uma crescente legitimação, por meio da visibilidade decorrente da repercussão de fatos da prática social, mostrando a interferência recíproca da prática discursiva e da prática social (FAIRCLOUGH, 2012; 2016).

Seguindo a análise das informações da Tabela 7, logo após as ocupações profissionais citadas na descrição de perfil, a Deputada se declara "*conservadora*", explicitando diretamente as bases ideológicas a que está ligada e, por isso, a posição que assume no discurso (FAIRCLOUGH, 2016).

Na sequência, ainda em relação à sua posição social, ela informa que é "*mãe de João, esposa do Cel Aginaldo*", com o que demonstra que ocupa, para além das funções públicas, as posições esperadas de uma mulher na ordem social (FAIRCLOUGH, 2016) patriarcal dominante na sociedade atual. Especialmente no

⁶² Mais informações em <<https://veja.abril.com.br/politica/deputada-carla-zambelli-tentou-negociar-ida-de-moro-ao-stf/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

espectro ideológico conservador, em que a Deputada se circunscreve e em que os valores machistas e patriarcais são ainda mais exaltados, para que uma mulher ocupe o espaço público, ela precisa exercer seus outros papéis tradicionalmente esperados – como o de mãe e esposa. Por isso, a presença dessas informações, nesse contexto, serve como uma forma de se fazer enquadrar no que é esperado pelas pessoas. A exemplo dessa reflexão, a Figura 17 abaixo, que mostra a descrição de perfil da ex-deputada Manuela D'Ávila no Twitter, figura pública posicionada num espectro político completamente oposto ao de Carla Zambelli, mas que se apresenta com uma construção textual muito semelhante.



Figura 17 - *Printscreen* da descrição de perfil de Manuela D'Ávila no Twitter

Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com/ManuelaDavila>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Por outro lado, é incomum que homens públicos se apresentem dessa forma em plataformas sociais, mesmo quando se tratam de nomes expoentes do espectro ideológico progressista. Nesse sentido, abaixo o *printscreen* das descrições de perfil no Twitter de Jair Bolsonaro (Figura 18) e de Fernando Haddad (Figura 19), respectivamente protagonistas da direita e da esquerda no cenário político brasileiro. Em nenhum deles se vê a menção aos laços familiares ou informações próprias da vida privada, restando evidente, ainda nos dias atuais, a formação ideológica machista, que conecta a mulher aos espaços privados – a casa, a família, mesmo quando ocupa um espaço público.



Figura 18 - *Printscreen* da descrição de perfil de Jair Bolsonaro no Twitter
 Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 24 nov. 2020.



Figura 19 - *Printscreen* da descrição de perfil de Fernando Haddad no Twitter
 Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com/Haddad_Fernando>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Passando à análise das estratégias discursivas presentes na amostra, sublinho a primeira identificada, que se trata da intertextualidade manifesta como pressuposição, aqui em uma de suas formas mais claras (FAIRCLOUGH, 2016). A expressão "*ao Comunismo*" presente no tuíte carrega consigo a proposição de que houve um governo comunista no Brasil, ou pelo menos uma investida nesse sentido, o que cientificamente é uma afirmação falsa⁶³, configurando-se, por isso, como uma pressuposição manipulativa, com a intenção de criar uma narrativa falsa que distorce os fatos para adequá-los a um enquadramento ideológico desejado.

Essa prática, no contexto da mídia social, pode ser caracterizada como desinformação⁶⁴. Antecipando o exame das propriedades da mídia social, pela

⁶³ Mais informações em <<https://apublica.org/2019/04/1964-o-brasil-nao-estava-a-beira-do-comunismo-diz-historiador/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁶⁴ Segundo a definição de Wardle (2019, p. 8) "desinformação é o conteúdo intencionalmente falso e projetado para causar danos. É motivado por três fatores distintos: ganhar dinheiro; ter influência

intersecção necessária com esse tópico, trago a hipótese de Recuero (2020) de que a circulação do discurso desinformativo na mídia social depende de estratégias específicas de legitimação, como a que ocorre nesse caso, relacionada à autoridade do autor do texto. Nessa amostra, Zambelli é uma influenciadora, com autoridade acerca do discurso político, e isso legitima o discurso desinformativo que ela propaga (VAN LEEUWEN, 2007 *apud* RECUERO 2020) na pressuposição que compõe o texto do tuíte.

A segunda estratégia discursiva, que pontuo é correlata à explicada acima e diz respeito à intertextualidade manifesta por meio da negação (FAIRCLOUGH, 2016). O trecho do tuíte "*o dia em que o Brasil disse NÃO ao Comunismo*" utiliza a negação como efeito de sentido de pressuposição de que o que foi negado existiu, reforçando a hegemonia de sentido de que houve uma ameaça comunista no Brasil, como referido na análise da estratégia anterior.

A terceira estratégia discursiva lançada pela usuária, que aqui pontuo também como intertextualidade manifesta, utiliza a palavra "Brasil" como uma expressão de metadiscurso (FAIRCLOUGH, 2016). Isso acontece à medida em que "Brasil" situa o acontecimento distante do próprio discurso – no lugar de dizer brasileiros, por exemplo, que somos, diz-se Brasil, como um ente outro.

Tal estratégia discursiva constrói um sentido de adesão da coletividade da nação à negativa ao suposto comunismo, quando na verdade, historicamente, tratou-se de um golpe antidemocrático de tomada de poder por um grupo específico da sociedade – os militares. Essa estratégia tem relação, também, com as práticas próprias do jogo ideológico descrito por Bourdieu (2001), em que interesses e efeitos de sentido dados por um determinado grupo – nessa conjuntura, dos defensores do Regime Militar, são travestidos de interesses universais e práticas sociais de todas as pessoas – o povo brasileiro.

Por fim, analiso o discurso de exaltação e defesa do Golpe Militar de 1964, próprio da ordem discursiva conservadora de direita, que aparece nesse tuíte como uma prática discursiva de obediência direta da ordem de um líder superior – a ordem de Bolsonaro alguns dias antes para que as Forças Armadas comemorassem a data,

política, seja interna ou externa; ou apenas para causar problemas". Tradução da autora para "*disinformation is content that is intentionally false and designed to cause harm. It is motivated by three distinct factors: to make money; to have political influence, either foreign or domestic; or to cause trouble for the sake of it*".

expresso textualmente pela saudação "*Feliz 31 de Março [...]*". Sendo a Deputada uma das formadoras de opinião com grande audiência na rede formada por atores conservadores, essa se mostra uma importante estratégia discursiva de espalhamento, legitimação e defesa das ideias e atitudes de Bolsonaro em relação a esse acontecimento.

Prática social

Apesar de tratar-se de um texto quantitativamente curto, formado por uma frase, o Tuíte 3 carrega uma complexidade no que diz respeito aos efeitos políticos e ideológicos produzidos (FAIRCLOUGH, 2016), dada a multiplicidade de narrativas que ele difunde.

Primeiramente, saliento a narrativa pretendida de que houve uma "ameaça comunista" sobre o Brasil no período que antecedeu o Golpe Militar. Apesar de não haver comprovação científico-histórica desse fato, os sujeitos ideologicamente posicionados a favor da Ditadura Militar pregam uma hegemonia de significação do Golpe e dos governos militares como salvadores da pátria brasileira.

Pressupondo que houve "o comunismo" no Brasil e que isso tenha sido combatido pela Ditadura Militar, o texto busca discursivamente posicionar os ideias comunistas como algo negativo, a ser eliminado. A presença da ordem discursiva de direita e conservadora sustenta, portanto, a narrativa do comunismo como o inimigo que foi combatido com êxito naquele momento histórico.

Por fim, e interligada às duas narrativas explicadas até aqui, a amostra discursiva empreende na construção da narrativa do Golpe Militar como um grande feito na história do Brasil, digno de comemoração e exaltação. Tal qual acontece, por exemplo, com datas mais unânimes em relação a motivos pra comemorar enquanto nação, como a Independência do Brasil, por exemplo.

5.2.2. A revolução democrática pelo bem do Brasil

O outro texto que mais circulou dentre os tuítes coletados na *hashtag* #PátriaAmadaBrasil é o da Figura 20 (abaixo). Nele, o *youtuber* Nando Moura transcreve um trecho de um texto de Roberto Marinho, fundador da Rede Globo, sobre o Golpe Militar e marca-o com a *hashtag* utilizada na conversação.



Figura 20 - Tuíte do usuário @moura_101 analisado na hashtag #PátriaAmadaBrasil
 Fonte: Twitter. Disponível em <www.twitter.com>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Texto

O tuíte acima (Figura 20) estrutura-se na sua totalidade sobre uma citação, marcada textualmente pelo uso de aspas, seguido da designação de autoria entre parênteses. O ator resgata conhecido trecho do editorial publicado por Roberto Marinho no Jornal O Globo, no dia 7 de outubro de 1984, em que ele chamou o Golpe Militar de "revolução" e assumiu a crença e o apoio das Organizações Globo aos governos do Regime Militar⁶⁵.

Somente em 2013, quando esse fato esteve presente em forma de críticas recorrentes à empresa como parte das pautas das manifestações políticas que ocorreram por todo país, o Jornal O Globo publicou um editorial, também divulgado no Jornal Nacional, intitulado "Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro", em que, em nome das Organizações Globo, tenta retratar-se pelo apoio dado à Ditadura Militar⁶⁶.

A persistência desse posicionamento por tantos anos após a redemocratização, confere ao discurso de que a Rede Globo apoiou o Golpe Militar uma solidez enquanto verdade histórica, seja qual for o espectro político-ideológico

⁶⁵ Mais informações em <<https://www.infomoney.com.br/politica/relembre-o-editorial-de-roberto-marinho-apoiando-a-ditadura-e-a-retratacao-da-globo-em-2013/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁶⁶ Mais informações em <<https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>> e <<https://globoplay.globo.com/v/2798447/>>. Acesso: 24 nov. 2020.

que se tome como ponto de partida para esse entendimento. A exemplo disso, o fato de que, na história política brasileira pós-ditadura, as manifestações de repúdio à hegemonia e posicionamento da Rede Globo como canal de comunicação eram comumente encabeçadas por atores políticos de esquerda⁶⁷. Mas, em especial desde a ascensão de Bolsonaro com a eleição de 2018, o discurso crítico à Rede Globo também foi apropriado por ele e por outros atores com posicionamento político de direita⁶⁸. A postura crítica se estende, na verdade, a todos os veículos de imprensa tradicional, numa linha de ruptura com as formas convencionais de comunicação⁶⁹ – esse é, inclusive, um elo que conecta o ator do tuíte aqui analisado a Bolsonaro, como explicarei a seguir, na explanação acerca da posição do sujeito.

Especificamente no que tange o apoio da Rede Globo à Ditadura Militar, sobretudo, há uma disputa de significação, que parte de um *consensus* (BOURDIEU, 2001) de que houve esse apoio para uma heterogeneidade de sentidos historicamente construídos (FOUCAULT, 2019), conforme o espectro ideológico e os interesses do sujeito enunciator. Uma das frentes discursivas entende esse apoio como um erro – a exemplo, a argumentação da própria emissora na sua retratação, citada acima. Uma outra linha ideológica – presente no discurso de Bolsonaro⁷⁰ e que parece também determinar a significação do texto aqui analisado, estabelece o sentido de que tratou-se de um período, à época, reconhecidamente positivo, até mesmo pela Rede Globo.

Exploradas as discussões possíveis acerca do contexto do tuíte, cabe ressaltar, por fim, que a escolha lexical de uso da citação direta da fala de outrem, já reconhecida pelo público, busca amparar-se no poder do discurso (VAN DIJK, 2018) já estabelecido para determinar o sentido do texto presente. Ademais, essa estrutura textual funciona como uma ferramenta de corroboração do dito e do não dito (SCHINESTOCK, 2018), ao passo que a força do discurso já reconhecido credibiliza, embasa e empresta significação ao texto que a ele se conecta.

⁶⁷ Nesse sentido, o conhecido direito de resposta no Jornal Nacional concedido judicialmente à Leonel Brizola, em 1994. Disponível em <<https://www.facebook.com/MemorialDaDemocraciaBrasil/videos/leonel-brizola-ganha-direito-de-resposta-aos-ataques-da-tv-globo/2249005005351863/>> e <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/16/brasil/29.html>>. Acesso: 24 nov. 2020.

⁶⁸ Mais informações em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/09/bolsonaro-critica-globo-apos-100-mil-mortes-festejou-como-final-da-copa.htm>>.

⁶⁹ Mais informações em <<https://theintercept.com/2018/11/17/youtubers-bolsonaro-nando-moura-diego-rox-bernardo-kuster-fake-news/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁷⁰ Mais informações em <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-discute-com-ancoras-do-jn-e-lembra-apoio-da-globo-a-ditadura/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

No que concerne à apropriação da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, ela é usada como um elemento textual de conexão entre a citação textual e o sentido que o ator pretende dar a ela. Assim, mais do que um marcador, ela funciona como um norteador de significação daquele texto, incluindo a citação num campo semântico de exaltação e defesa da Ditadura Militar.

A multimodalidade aparece nesse texto, assim como já referenciado, num sentido de movimento de migração de uma conversação (RECUERO, 2012), ao passo que o trecho utilizado como citação para compor o tuíte faz parte de um outro texto, presente em diversos ambientes na internet. Nessa amostra, ele foi deslocado pelo ator, para compor uma fala e, nessa nova construção, adquire novos contornos de sentido, que a seguir serão explorados.

Prática discursiva

Os dados de apresentação da Tabela 8, fornecidos pelo *youtuber* Nando Moura na descrição de perfil do Twitter trazem informações sobre sua atuação na música, não fazendo qualquer menção ao seu posicionamento político ou ao conteúdo que produz, com audiência bem mais elevada do que a do Twitter, em seu canal no Youtube, que tem 3,6 milhões de inscritos⁷¹.

Tabela 8 - Dados de perfil do usuário @moura_101

Usuário ⁷²	Descrição do perfil ⁷³	Número de seguidores	Conta verificada
@moura_101	Guitarrista e vocalista da banda Pandora 101, compositor, professor e produtor musical.	287,9 mil	Sim

Fonte: a autora. Disponível em <https://twitter.com/moura_101>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Apesar de não fazer referência a sua atuação política e seu posicionamento ideológico nas informações publicadas, o ator é reconhecidamente atuante na defesa

⁷¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCOOCeqi5txwviDZ4M5W9QSg>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁷² A tabela contempla somente os dados de perfis de pessoas públicas, conforme critérios já explicitados no capítulo anterior, na explicitação do *corpus*.

⁷³ Informações publicadas pelo usuário como descrição do seu perfil no Twitter e coletadas em 24/11/2020.

de pautas conservadoras, inclusive já tendo sido indicado por Bolsonaro, em 2018, dentre "*opções de excelentes canais de informação no youtube*"⁷⁴, nas costumeiras manifestações de repúdio do Presidente à imprensa tradicional.

Porém, atualmente, Nando Moura faz parte de um grupo dissidente do bolsonarismo, posicionado ideologicamente à extrema direita, centrado em ideias ultraconservadoras e no antipetismo radical, e que, por isso, passou a criticar Bolsonaro, ao considerar sua gestão nos dois primeiros anos de governo muito próxima à dos governos do PT⁷⁵.

Embora atualmente se posicione como oposição a Bolsonaro, a legitimação do ator, nesse caso, passa pelo contexto citado anteriormente, de engajamento de diversos *youtubers* na pauta bolsonarista, referendada pelo Presidente em diversas declarações públicas como substitutos confiáveis da imprensa tradicional. Apesar de não ser um jornalista ou alguém especializado em análise política, Nando Moura se tornou, pela audiência do canal e alcance dos conteúdos produzidos no Youtube, um influenciador de temas ligados à política.

Sendo assim, percebo novamente aqui um caso de legitimação do ator (BOURDIEU, 2001) originária da atuação dele em plataformas sociais, enquanto formador de opinião e influenciador, desligada de cargos ou posições sociais típicas da política institucionalizada ou de áreas que com ela se relacionam. Esse processo de legitimação para influenciar amplamente sobre um tema sobre o qual só se tem embasamento opinativo é característico da era da pós-verdade, em que os atos digitais (TIBURI, 2017) substituem as realizações embasadas do mundo concreto – ter formação ou vivências que credenciam o ator como formador de opinião em algum tema, por exemplo.

Quanto às estratégias discursivas, observo a presença de duas operações discursivas. A primeira delas no formato de intertextualidade manifesta, se utiliza da representação do discurso (FAIRCLOUGH, 2016); e a segunda como interdiscursividade.

A intertextualidade manifesta aparece no texto do Tuíte 4 na forma que Fairclough (2016, p. 159) chama de "representação do discurso". Essa denominação

⁷⁴ Disponível em <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁷⁵ Mais informações em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53187626>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

considera não simplesmente a transposição de um texto para compor outro, mas observa que, (1) ao representar o discurso de outrem, o ator sempre faz uma escolha que interfere no sentido; e (2) a representação carrega marcas do discurso original, que podem influenciar pouco ou muito na compreensão discursiva, conforme o nível de conhecimento do interlocutor acerca do discurso original.

A representação do discurso de Roberto Marinho no tuíte aqui analisado, acontece com a seleção de um trecho que assume o apoio ao Golpe (com o uso do verbo "participamos") e elenca razões relevantes para isso (como simboliza a expressão "preservação das instituições democráticas"). Assim, a representação do discurso ocorre como uma estratégia discursiva de defesa do Golpe Militar, ao passo que o trecho da citação selecionado empresta argumentos e aceitação para essa defesa.

A interdiscursividade aparece como continuidade da estratégia discursiva, apontando a presença do discurso de defesa da democracia como pretexto suficiente para justificar o Golpe Militar. Sobretudo, essa ordem discursiva, usada aqui como estratégia, compreende também a relação entre os problemas enfrentados pelo país e os anseios políticos da sociedade à época, totalmente identificados com as pautas atuais – a exemplo disso o combate à "*corrupção generalizada*" citado no tuíte, que, nos últimos tempos, foi pauta primária dos movimentos de direita no Brasil. Essa estratégia discursiva, por isso, revela-se uma investida na tentativa de associar, ainda nos dias de hoje, a Ditadura Militar como uma alternativa política positiva e viável.

Enfim, destaco dois aspectos acerca das propriedades da mídia social que têm influência nesse evento discursivo. As *affordances* (BOYD, 2010) da mídia social são determinantes para que o trecho utilizado no tuíte possa ser facilmente recuperado e replicado. As características de persistência e buscabilidade das informações que circulam nos públicos em rede permitem a recuperação quase instantânea de fatos e dados para a composição dos discursos, como acontece aqui.

Por fim, o colapso dos contextos (BOYD, 2010) também é uma dinâmica própria da mídia social que, no caso de uso de uma citação em parte, como ocorreu no Tuíte 4, pode facilmente deslocar o sentido original pretendido pelo ator primeiro.

Prática social

O tuíte analisado nessa amostra constrói duas narrativas interligadas relacionadas à Ditadura Militar, objetivando o entendimento hegemônico do período como uma alternativa política eficiente e necessária.

Uma das narrativas presentes no texto é a de que a Ditadura foi reconhecida pelo senso comum, como um período necessário para a manutenção da ordem democrática e o combate de problemas políticos e sociais enfrentados naquele momento pelo Brasil. O nome e a fala de Roberto Marinho, ícone máximo da Rede Globo, maior rede de comunicação do país, é simbolicamente a representação do senso comum no discurso dessa narrativa (BOURDIEU, 2001).

A narrativa avança para um outro tópico que coloca a intervenção militar como uma via possível para solucionar os problemas políticos e sociais enfrentados pelo Brasil atual, dados os "reais" motivos pelos quais ela aconteceu contidos no texto citado pelo tuíte. Notadamente, o ator empreende em relacionar o sentido da fala original com o contexto de defesa da Ditadura Militar no presente, quando fecha o texto do tuíte com a *hashtag* #PátriaAmadaBrasil e o inclui nas conversas daquele dia. Se percebe um movimento próprio do processo de mudança social (FAIRCLOUGH, 2016), em que o ator lança a narrativa com o intuito de sugerir a Ditadura Militar como uma prática social possível, ideologicamente filiada a ideais nobres de um caminho político de "salvação" para o Brasil.

5.3. Aspectos gerais da disputa discursiva

Para iniciar a discussão dos achados da análise do discurso em relação à disputa, trago os resultados sobre os quais dissertei nos subcapítulos anteriores sistematizados na tabela abaixo (Tabela 9), como forma de demonstrar didaticamente as características desse evento discursivo na mídia social.

Tabela 9 - Resultados da análise por tuíte

Amostra ⁷⁶	Dimensão discursiva	Categoria de análise	Compilação dos resultados da análise
Tuíte 1 (Figura 13)	Texto	Estrutura da mensagem	Frase interrogativa; Expressão "bandido" com sentido ligado à ordem discursiva conservadora; Resposta em forma de lista, com vítimas e ocupações, dá ideia de quantidade e de relevância social daquelas pessoas; Expressão "mais de 8 mil índios" também simbolizando quantidade; Caixa alta para dar destaque a termos importantes na construção do sentido.
		Usos da <i>hashtag</i>	Marcador de causalidade entre o dito e o tema central do evento discursivo.
		Multimodalidade	Sinal gráfico "•" para a lista dá ao tuíte formato diferente do convencional.
	Prática discursiva	Posição do sujeito	Expressão "mortadela" como elemento identitário revela a filiação ao espectro político-ideológico de esquerda; Único dos quatro autores da amostra que não possui conta verificada no Twitter; Legitimação do ator dá-se num processo próprio da mídia social.
		Estratégias discursivas	IM ⁷⁷ em forma de pressuposição de que matar "bandidos" é aceitável; IM em forma de pressuposição de que quem tem posição social relevante não é "bandido" e tem mais direito à preservação da vida; ID ⁷⁸ em forma de cadeia intertextual de subversão do discurso de que a ditadura só assassinou "bandidos".
		Propriedades da mídia social	Conversação e relacionamento como propriedades do meio usadas para romper as bolhas ideológicas da rede.
	Prática social	Narrativas construídas	A Ditadura Militar foi um período de assassinato de pessoas inocentes e, por isso, não pode ser comemorado.
Tuíte 2 (Figura 14)	Texto	Estrutura da mensagem	Texto com forma e tom próximos aos noticiosos; Expressões "assassinato, tortura e diversos outros crimes" como substitutas de Ditadura Militar;

⁷⁶ A denominação da amostra refere-se à nomenclatura utilizada na Tabela 3 - *Corpus* de tuítes para análise, do capítulo 4 deste trabalho.

⁷⁷ Abreviação para "intertextualidade manifesta".

⁷⁸ Abreviação para "interdiscursividade".

			Adjetivações como opinião; Palavra "bandido" com sentido ligado à ordem discursiva conservadora; Conjunção adversativa "mas" como marca de mudança no tom do discurso.
		Usos da <i>hashtag</i>	Elemento de conclusão da ideia da oração anterior.
		Multimodalidade	Movimento de migração da conversação.
	Prática discursiva	Posição do sujeito	<i>Hashtag</i> #IncendioPantanal e o termo "sambista" enquanto marcas da posição ideológica progressista; Selo de verificação como <i>status</i> de pessoa a ser ouvida naquele ambiente; Atuação como ponte e tentativa de dialogar cordialmente acerca do tema.
		Estratégias discursivas	IM em forma de metadiscorso com a expressão "discurso de combate ao bandido"; IM em forma de pressuposição de que a maioria das pessoas não comemora o Golpe Militar; ID em forma de pré-construído da postura esperada de um presidente da República.
		Propriedades da mídia social	Rede composta por laços fracos ampliando a possibilidade de atuação como ponte e de transposição das bolhas ideológicas.
	Prática social	Narrativas construídas	A Ditadura Militar foi um período em que o Estado cometeu crimes contra os seus cidadãos, o que faz dela uma vergonha para o Brasil. Bolsonaro envergonha o Brasil porque comporta-se em desacordo com o cargo que ocupa, ao comemorar o Golpe Militar.
Tuíte 3 (Figura 15)	Texto	Estrutura da mensagem	Texto conciso; Estrutura lexical de felicitação pela data; Travessão como marca da explicação dada à comemoração; Caixa alta para dar destaque a termos importantes na construção do sentido.
		Usos da <i>hashtag</i>	Marcador da ordem discursiva em que os textos da <i>hashtag</i> pretendem se posicionar.
		Multimodalidade	Movimento de migração da conversação.
	Prática discursiva	Posição do sujeito	Lugar de fala institucionalizado, por ser deputada federal; Reconhecida publicamente como uma das principais defensoras de Bolsonaro no Congresso Nacional; Audiência no Twitter ampliada após 2018

			por posicionar-se como protagonista em diversas polêmicas e fatos politicamente relevantes; Expressão "conservadora" para marcar filiação ao espectro político-ideológico de extrema direita; Expressões da esfera privada como "mãe" e "esposa", construindo o perfil público como forma de adequar-se ao que se espera da mulher que ocupa espaços públicos na ordem social machista e patriarcal.
		Estratégias discursivas	IM em forma de pressuposição de que houve uma "ameaça comunista" no Brasil; Espalhamento de desinformação; IM em forma de pressuposição por negação contida na expressão "não ao comunismo"; IM em forma de metadiscorso com a utilização de "Brasil" para demonstrar amplo apoio ao Golpe Militar à época; ID em forma de uso do discurso de exaltação ao Regime Militar.
		Propriedades da mídia social	Legitimidade da desinformação ocorrendo pela autoridade do enunciador na mídia social.
	Prática social	Narrativas construídas	O Brasil esteve sob ameaça comunista e foi salvo pelos militares, fato que merece comemoração por parte dos brasileiros. O comunismo trata-se de algo negativo e que precisa ser combatido.
Tuíte 4 (Figura 20)	Texto	Estrutura da mensagem	Citação colocada entre aspas seguida da identificação de autoria entre parênteses; Trecho de um editorial de O Globo, assinado por Roberto Marinho; Figura da Rede Globo como representação do senso comum acerca do tema à época; Uso da citação como referência externa que credibiliza o dito e o não dito.
		Usos da <i>hashtag</i>	Elemento de determinação do sentido do trecho utilizado como citação.
		Multimodalidade	Movimento de migração da conversação.
	Prática discursiva	Posição do sujeito	Ausência de elementos que sirvam de pistas do posicionamento ideológico, provavelmente ligados à mudança de posição política recente do ator; <i>Youtuber</i> citado por Bolsonaro como confiável em 2018; Legitimação do ator dá-se num processo próprio da mídia social.
		Estratégias discursivas	IM na forma de representação do discurso pela citação que seleciona parte de um

			texto para compor o tuíte; ID na forma de presença do discurso de que o Golpe Militar aconteceu em defesa da democracia e para a solução de problemas sociais relevantes.
		Propriedades da mídia social	<i>Affordances</i> de persistência e buscabilidade da mídia social permitem a recuperação e circulação do texto citado; Colapso dos contextos pode trazer distorções de sentido.
	Prática social	Narrativas construídas	A Revolução de 1964 foi democrática e reconhecida pelos brasileiros como eficiente na manutenção das instituições e no combate à corrupção e a outros problemas sociais. A intervenção militar é uma alternativa política viável para a solução de problemas que ainda hoje persistem no Brasil.

Fonte: a autora.

A partir do conteúdo da Tabela 9, é possível perceber as recorrências e as assimetrias presentes nas amostras analisadas. Abaixo, na Tabela 10, consolido os resultados de cada *hashtag* em cada uma das dimensões do discurso, enquanto panorama global da análise. Os tópicos destacados servirão como base para a discussão que farei a seguir sobre como ocorrem as disputas discursivas na mídia social.

Tabela 10 - Resultados da análise por *hashtag*

Hashtag	Texto	Prática discursiva	Prática social
#DitaduraNãoSeComemora	Apropriação, com subversão de sentido, de expressões próprias de ordens discursivas contrárias. Construções textuais que procuram posicionar o discurso como um diálogo com quem pensa diferente. <i>Hashtag</i> usada para estabelecer causalidade entre o objeto da disputa discursiva e o	Expressões textuais nos dados de perfil, como elementos identitários, que publicizam o posicionamento político-ideológico progressista dos atores. Hibridismo quanto às formas de legitimação dos atores como influenciadores e protagonistas da disputa.	Narrativas baseadas na desumanidade do Regime Militar como motivo para repudiá-lo e na crítica à postura do presidente Jair Bolsonaro.

	posicionamento expressado pelo ator no texto. Ausência de formas tradicionais de multimodalidade, apresentando-se apenas como movimento de migração da conversação.	Intertextualidade manifesta, principalmente, por pressuposições, mas também por metadiscurso. Interdiscursividade com a presença de discursos ideologicamente filiados a campos contrários, de ordens conservadoras e do senso comum. Propriedades da mídia social utilizadas como estratégia para atingir pessoas de espectros ideológicos variados.	
#PátriaAmada Brasil	Elementos textuais que marcam a intenção de explicar e credibilizar o posicionamento contido no texto. <i>Hashtag</i> usada para marcar a ligação dos textos com a ordem discursiva em que os atores pretendem posicionar o texto. Ausência de formas tradicionais de multimodalidade, apresentando-se apenas como movimento de migração da conversação.	Elementos identitários de posicionamento político presentes num e ausentes no outro perfil dos autores dos tuítes da amostra. Hibridismo quanto às formas de legitimação dos atores como influenciadores e protagonistas da disputa. Presença da única usuária mulher autora de texto da amostra. Intertextualidade manifesta, principalmente, como pressuposição. Mas também como metadiscurso e representação do discurso. Interdiscursividade com a presença de discurso desinformativo e discursos de ideologia conservadora de direita a que os atores são filiados. Propriedades da mídia	Narrativas ancoradas em desinformação sobre fatos históricos e exaltação à Ditadura Militar, colocando-a como uma solução política adequada aos problemas do Brasil da época do Golpe e dos dias atuais.

		social utilizadas para facilitar a produção e circulação de textos desinformativos e com contextos deformados.	
--	--	--	--

Fonte: a autora.

A disputa discursiva tem sentido ampliado pelas hashtags

A análise dos títulos das *hashtags* que ancoraram cada uma das frentes discursivas na disputa demonstrou que uma procura claramente relacionar o combate à Ditadura com uma atitude condenável de Bolsonaro. A outra procura acionar a formação discursiva nacionalista e militarista, utilizando um trecho do Hino Nacional para marcar as comemorações à data e os textos de defesa da Ditadura Militar. Identifico, portanto, que não há uma necessária contrariedade direta nos posicionamentos para a luta pelo discurso.

A escolha da frase "Ditadura não se comemora" para nominar a *hashtag* nesta disputa discursiva é o primeiro ponto que observo. No Twitter, como já mencionado no capítulo 2, as *hashtags* são utilizadas precipuamente como agregadores de conteúdo sobre determinado tema. Portanto, as palavras escolhidas para compor uma *hashtag* têm a função de "etiquetar" e representar os discursos ali presentes e, portanto, dão aos textos um direcionamento de significação e interpretação.

No caso da amostra aqui observada, a frase "Ditadura não se comemora" precisa ser entendida no contexto daquele momento. A reprimenda contida na frase – de que o Golpe Militar não é algo comemorável, coloca-se como uma manifestação de contrariedade e de resposta ao comportamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, que dias antes oficializou às Forças Armadas uma ordem de comemoração do aniversário do Golpe Militar de 1964. Percebe-se, assim, uma apropriação da *hashtag* e do momento para demarcar, já no "título" da frente discursiva contrária ao Golpe Militar, um movimento de oposição a Jair Bolsonaro e às ideias que ele representa, que formam um corpo discursivo ancorado no conservadorismo e na ideologia da extrema direita.

Essa constatação reafirma-se quando pensamos, por exemplo, em como tradicionalmente os discursos de repúdio à Ditadura Militar são representados em termos de títulos, palavras de ordem e, conseqüentemente, *hashtags* na mídia social, ao longo do tempo. *Hashtags* conhecidamente utilizadas, como #ditaduranuncamais

ou bordões famosos como "para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça"⁷⁹ deram lugar, aqui, a um título que se opõe e responde, diretamente, ao ato e ao posicionamento de Bolsonaro.

No mesmo sentido, a *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, que carrega uma expressão ligada ao nacionalismo e ao militarismo, representa a frente discursiva contrária, sem fazer menção direta de resposta ou contraposição textual objetiva à *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora.

Assim sendo, as *hashtags* funcionam, na disputa discursiva na mídia social, para além de agregadores de conteúdo, como elementos de representação das ordens discursivas a que está submetido o discurso ali presente. Manifestando-se, portanto, como uma construção complexa de sentidos, que preza por dar visibilidade a posições ideológicas relevantes para os sujeitos, não necessariamente ligadas como respostas umas às outras.

A disputa discursiva é protagonizada por atores legitimados de formas diversas

Na amostra, expliquei a forma como cada um dos atores é legitimado, na mídia social, enquanto enunciador e influenciador na disputa discursiva analisada. Concluo que, na mídia social, a disputa discursiva acontece liderada tanto por atores que se legitimam pelas posições sociais ocupadas no contexto social *offline* quanto por aqueles legitimados por dinâmicas e atuações próprias das redes sociais na internet. Os influenciadores das disputas discursivas na mídia social, por conseguinte, têm processos híbridos de legitimação, podendo ser conhecidas personalidades do debate público ou atores com influência nativa das plataformas sociais.

A disputa discursiva é um momento de construção identitária dos sujeitos

As construções textuais que compõem a amostra denotam a presença de assuntos acessórios à narrativa principal a ser construída figurando com centralidade no discurso. Isso acontece, dentre outras razões, porque a disputa discursiva na mídia social revela-se como uma oportunidade de posicionamento ideológico e, por isso, de construção da identidade pública do ator naquele meio.

⁷⁹ Esse termo originou-se do trabalho da Comissão Nacional da Verdade, que, conforme já mencionado, apurou os crimes cometidos durante a Ditadura Militar e encaminhou diversas ações a partir disso. A exemplo, o título e conteúdo do estudo de Gallo (2012). Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49108>>. Acesso em 9 nov 2020.

Essa constatação tem relação com estudos já desenvolvidos acerca dos modos como ocorre a difusão de informações no Twitter, através de fenômenos como as cascatas de informações e as árvores de retuítes⁸⁰. Em termos práticos, esse processo acontece numa dinâmica em que os atores percebem que determinado tema está em voga dentre os conteúdos dos seus pares na rede e, por isso, expressam a sua opinião para demonstrar adesão e posicionamento, que naturalmente constroem a identidade naquele ambiente, fazendo com que o tema se expanda em relação às pautas que abarca e adquira ainda mais visibilidade.

Desse ponto, depreendo que, mais que uma luta simbólica pela significação e pela narrativa de algo, as disputas discursivas na mídia social funcionam como eventos de construção identitária dos atores.

A disputa discursivas é multimodal

O exame da amostra demonstrou a presença da multimodalidade nas mensagens analisadas, mas não da forma como comumente ocorre nas plataformas sociais, pois não encontrei na amostra a utilização de mídias de apoio ao texto, como imagens, vídeos e *gifs*.

Uma das razões dessa ausência, proponho, está ligada ao fato de que o Twitter é, reconhecidamente, uma das plataformas sociais em que o texto ainda figura como principal modo de publicação de conteúdo, pela forma como ele se estrutura. A outra razão que pontuo tem relação com a natureza da disputa discursiva, que, como explicado acima, constitui-se como uma expressão da posição do ator sobre o tema sobre o qual se quer construir a narrativa. Assim, o texto mostra-se um formato mais espontâneo e imediato de expressão da opinião do ator, ao contrário de vídeos e imagens que são mais complexos na produção ou, pelo menos, exigem um trabalho de curadoria para busca do conteúdo na web.

Em contrapartida, a disputa discursiva ocorre amparada pela multimodalidade ligada à migração de conversas, enquanto o movimento de presença de conteúdos que se originam em outros ambientes e continuam ali. Essa dinâmica tem ligação com a própria natureza discursiva, uma vez que as ideologias que constituem o sujeito naturalmente o fazem recorrer a discursos já circulantes na mídia social para a construção de suas narrativas.

⁸⁰ Ver Recuero e Zago (2010) e Recuero e Gruzd (2019).

A disputa discursiva tem distribuição complexa

Especialmente na mídia social, a disputa discursiva ocorre, nos termos de Fairclough (2012), num processo complexo de distribuição do discurso. Sugiro que isso acontece, primeiramente, pelas inúmeras possibilidades de apropriação que as *affordances* da mídia social e as propriedades da plataforma oferecem aos textos ali publicados. Os retuïtes de um tuïte podem ser de apoio ao dito, de contraposição a ele; as respostas a um tuïte podem conter uma infinidade de significações e de novas apropriações da conversa. Todos esses movimentos demonstram a amplitude e complexidade possíveis nessa cadeia de distribuição discursiva.

A complexidade da distribuição do discurso na mídia social, especialmente nas disputas discursivas, também está ligada à forma como os discursos ganham relevância no ambiente, que não se dá apenas pelo teor discursivo em si, mas também por critérios próprios da mídia social e interferência das plataformas. Um exemplo disso, é a visibilidade conferida aos textos dos atores com contas verificadas, já que o selo, por si só, sugere que aquela é uma pessoa a ser ouvida naquele ambiente porque é publicamente reconhecida.

A disputa discursiva é influenciada pelos algoritmos

Este ponto tem relação direta com o anterior, uma vez que a circulação dos discursos na mídia social, como já abordado ao longo do trabalho, é profundamente afetada pelas determinações dos algoritmos de relevância desenvolvidos e aplicados pelas plataformas sociais.

A presença desse regramento confronta a promessa de democratização do acesso e livre circulação da informação que a internet sempre representou. Como destaquei na análise, o fato de que majoritariamente dá-se mais relevância aos conteúdos de atores que possuem uma rede numerosa de seguidores, contas verificadas e uma legitimidade pré-estabelecida, o acesso ao discurso, no sentido de determinação dos rumos da disputa discursiva, fica restrito a esses atores – os influenciadores. Assim, o direcionamento das narrativas construídas e o protagonismo na construção das estratégias presentes nas disputas discursivas parece ser exclusividade de poucos, com a concentração do poder da comunicação que, como afirma Castells (2019), é o mais importante na sociedade atual.

A questão algorítmica, portanto, é central na disputa discursiva na mídia social, porque figura como um modo de controle discursivo, suscitando discussões acerca da responsabilidade das plataformas no espalhamento, por exemplo, de desinformação, presente em uma das amostras aqui analisadas. Tais efeitos negativos para a sociedade configuram o abuso de poder ligado ao discurso, descrito por Van Dijk (2018), decorrente, principalmente, do fato de que os critérios de seleção do discurso utilizados pelas plataformas sociais não são públicos, mas interpelam e determinam as falas dos sujeitos naquele ambiente e, inevitavelmente, refletem na prática social.

A disputa discursiva é desigual

Os resultados da análise suscitam que a luta pelo discurso na mídia social é, como na sociedade, afetada pelas limitações e desigualdades sociais estruturais, que refletem privilégios no acesso ao discurso, produzindo narrativas condicionadas às ideologias e ordens discursivas hegemônicas na estrutura social.

Assinalo, aqui, a questão de gênero, presente nessa amostra, o que não exclui a presença sabida de outras desigualdades tão centrais como essa, como a questão racial, por exemplo, presente em muitos eventos discursivos da atualidade.

Dos quatro tuítes que mais circularam na disputa analisada, três são de homens, como já mencionado. Essa realidade é um indicativo de que o lugar de fala da mulher na disputa discursiva na mídia social é, assim como na política institucionalizada, pouco representativo. A amostra revela, inclusive, que na *hashtag* em que estão posicionados a maior parte dos discursos de espectro político progressista e de esquerda, contraditoriamente, não há mulheres entre os atores. Na *hashtag* contrária, há uma mulher, mas com posições publicamente conservadoras, portanto interpelada pela ideologia machista.

Sendo assim, o acesso ao discurso, especialmente o político, determinado histórica e materialmente (FOUCAULT, 2014) pela hegemonia patriarcal, ainda é um privilégio masculino, o que, pela necessária relação entre o discurso e a mudança social (FAIRCLOUGH, 2016), explica os poucos avanços sociais em relação a políticas públicas e privadas de equidade de gênero característicos da sociedade brasileira atual.

A disputa discursiva pode construir diálogo

Nas observações acerca das características da amostra, citei a presença tanto estratégias discursivas que procuravam estabelecer pontes entre o ator e atores com posicionamento diferente, quanto estratégias mais características de redes homófilas, em que os discursos parecem ser formulados para reafirmar o posicionamento e as ordens discursivas aos quais o ator se filia.

No entanto, os dados sugerem, de acordo com a amplitude que os textos da amostra alcançaram em termos de retuítes⁸¹, que os discursos de conteúdos e atores com características de ponte circularam mais durante a disputa discursiva. Não é possível afirmar que, por essa investida estratégica, houve a sensibilização dos atores com posição contrária, porém avalio como um indicativo de que a postura do diálogo, própria dos ambientes de redes sociais na internet, é valorizada em termos de visibilidade, alcançando pelo menos uma possibilidade maior de construção de mudança social, no sentido de transposição das bolhas ideológicas.

A disputa discursiva baseia-se em pressupostos e metadiscursos

Quanto às estratégias discursivas examinadas na amostra, as que apareceram de forma mais recorrente foram as pressuposições e os metadiscursos. Acredito que esse resultado é consequência do entendimento do discurso como um sistema de reprodução, através da linguagem, de valores e ideologias da sociedade em que opera. Nessa visão, os pressupostos e metadiscursos, respectiva e conjuntamente, operam como elementos de representação ideológica das posições dos sujeitos, que protagonizam a disputa discursiva, e servem como ferramentas de contestação e reorganização das ordens discursivas, visando a construção de uma narrativa hegemônica.

A disputa discursiva subverte ordens do discurso

No mesmo sentido, a interdiscursividade apareceu na análise como uma ferramenta de tensionamento das ordens do discurso, especificamente como estratégia de subversão do discurso a que o ator se opõe ideologicamente. Mesmo com objetivos e níveis diferentes de subversão, os tuítes das duas *hashtags* buscam

⁸¹ Os tuítes analisados na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora, com características de ponte, tiveram um total de 11.254 retuítes, enquanto os da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, com características de homofilia, totalizaram 3.837 retuítes.

resgatar ordens discursivas e dar-lhes sentidos adequados às narrativas que buscam construir.

A disputa discursiva é propícia ao espalhamento da desinformação

Constatei, na análise, a presença do discurso desinformativo compondo uma das narrativas da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, ligada à forma de um conteúdo intencionalmente falso com motivação política, nos termos de classificação de Wardle (2019). A ocorrência dá pistas de que as disputas discursivas configuram-se como movimentos propícios ao espalhamento da desinformação, já que são eventos discursivos voltados ao tensionamento e à construção de narrativas sobre algo, portanto, como já explanado, dão primazia à opinião do ator sobre o tema – invariavelmente associada ao espectro ideológico a que pertence, em vez de conectar-se fatos e dados.

Além da natureza ideológica do discurso, as propriedades da mídia social têm papel central nessa característica das disputas discursivas, uma vez que, pelas *affordances* e dinâmicas já caracterizadas, há facilidade e amplitude na produção e na circulação de textos desinformativos e com contextos deformados.

A disputa discursiva é influenciada pela polarização política

Apesar de a conversação analisada ter origem na disputa de narrativas sobre a Ditadura Militar, percebe-se a evolução para narrativas interligadas, como já apontado, para comporem posições ligadas a outros temas, sobre os quais têm influência direta a polarização política do cenário brasileiro atual, entre apoiadores e críticos de Bolsonaro e seu governo.

A dinâmica que observo é de que essa polarização, e a consequente necessidade de os atores se posicionarem nela, apropria qualquer discussão política que aconteça na rede e, em algum nível, relaciona-a com o posicionamento político do presidente e de seus seguidores, apoiando ou criticando. A exemplo disso, várias pautas atuais, que seguem esse mesmo fluxo, como a discussão sobre a eficiência de alguns medicamentos no tratamento da Covid-19, permanentemente levantada durante este ano de pandemia⁸².

⁸² Nesse sentido, os estudos de Recuero, Soares e Zago (2020) e Soares *et al* (2020). Disponível em <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1154>> e <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1154>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

Considero que toda a vivência em sociedade é política, mas destaco que esse processo de polarização política, essencialmente ligada às divisões partidárias, como ponto de partida para qualquer tema disputado discursivamente traz consequências negativas à construção da mudança social, uma vez que relega importância menor a esferas de significação importantes próprias de cada tema – no caso das conversações sobre uso de medicamentos para Covid-19, citado acima, por exemplo, o discurso científico é menos ou nada considerado quando comparado ao político, num cenário em que ele deveria ser protagonista para uma interferência social positiva da prática discursiva.

Assim sendo, é possível perceber que as disputas discursivas na mídia social, independentemente do tema tensionado, acontecem influenciadas pelas condições históricas e materiais a que estão submetidas, especialmente no que tange a polarização política.

A disputa discursiva constrói múltiplas narrativas

Finalmente, enfatizo a constatação de que as disputas discursivas, além de construir a narrativa sobre a qual se fundam, constroem narrativas sobre outros diversos temas correlatos, com efeitos ideológicos e políticos tão ou mais significativos que o da narrativa original.

Tal afirmativa pode ser percebida no discurso presente na amostra discursiva da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, em que o texto utilizado para defesa do Regime Militar produz uma narrativa de simetria entre a situação da época do Golpe e a situação vivida hoje pelo país, auxiliando na propagação do imaginário da Ditadura Militar como uma alternativa política viável. Nesse caso, fica evidente a construção de uma narrativa como evolução da principal, que pode gerar efeitos graves de retrocessos políticos e sociais, como a crescente manifestação a favor de intervenção militar.

6. Considerações finais

Esse trabalho de pesquisa nasceu como uma inquietação pessoal de compreender em que circunstâncias a mídia social, campo ao qual dedico minhas atividades profissionais e acadêmicas há mais de uma década, relaciona-se com o cenário complexo da política brasileira dos últimos anos. Vivemos um tempo em que a narrativa científico-histórica é questionada e dá lugar a versões relativistas e negacionistas, o que me faz considerar urgente que nós, pesquisadores do campo da comunicação e da linguagem, dediquemos esforços a esclarecer os processos constitutivos dessa realidade e os caminhos possíveis para a evolução social necessária em direção a uma sociedade igualitária e com usos sadios das plataformas sociais e das tecnologias da informação e comunicação, em geral.

Partindo desse lugar ideológico, estabeleci como objetivo principal, nesta dissertação, explorar quais estratégias discursivas estiveram presentes na disputa pela narrativa da Ditadura Militar, nas conversações do Twitter, no aniversário de 55 anos do Golpe Militar de 1964. Para isso, estruturei o trabalho em dois capítulos de fundamentação teórica, um capítulo metodológico e um último dedicado à análise.

No primeiro capítulo teórico, abordo as premissas discursivas de Foucault (2014; 2019), elucidando os conceitos de enunciados e formações discursivas e observando a historicidade do discurso. Em seguida, exponho os conceitos centrais deste trabalho, enquanto uma análise crítica do discurso, com base nos ensinamentos de Fairclough (2012; 2016), definindo o processo de mudança social e a concepção tridimensional do discurso – texto, prática discursiva e prática social. Em seguida, trago as premissas dialéticas de constituição do discurso e o papel da ideologia e da hegemonia nesse movimento, explico a Análise Crítica do Discurso e suas categorias, enquanto proposta teórico-metodológica (FAIRCLOUGH, 2012; 2016).

Busco, ainda nesse tópico, explorar a perspectiva do discurso como poder, caracterizado como objeto e lugar de luta, com base nos estudos de Castells (2009; 2019), Bourdieu (2001) e Van Dijk (2018). No espectro da comunicação mediada por computador, abordo o conceito de sociedade em rede (CASTELLS, 2019); o da

comunicação mediada por computador (RECUERO, 2012) e a conversação como seu principal formato a ser observado nas redes sociais na internet; o do discurso mediado por computador (HERRING, 2001); das dimensões do discurso (FAIRCLOUGH, 2016) e sua relação com a CMC; e, por fim, a ideia de "ato digital" como assujeitamento (TIBURI, 2017) relacionado à apropriação mercadológica dos dados dos usuários e os efeitos disso na CMC, apontando os algoritmos como novíssimos modos de controle do discurso.

Na sequência, explico a forma como se apresentam as disputas discursivas na mídia social, acionando a noção de disputas simbólicas (BOURDIEU, 2001) e defendendo que elas são influenciadas pela relação dialética entre as três dimensões discursivas (FAIRCLOUGH, 2016), são influenciadas pelas potencialidades e interferências da comunicação mediada por computador e constroem narrativas (MOTTA, 2013).

No segundo capítulo teórico, exponho as discussões pertinentes sobre as características da mídia social como o ambiente em que as disputas discursivas, como a que aqui analiso, se desenvolvem. Para isso, abordo as características das redes sociais na internet (RECUERO, 2009) e pontuo as diferenças entre esse conceito, o de sites de redes sociais (BOYD E ELLISON, 2007) e o de mídia social a partir das apropriações desses ambientes, segundo as condições propiciadas pelas *affordances* (BOYD, 2010). Trago, ainda, os estudos de plataforma da web (D'ANDRÉA, 2017; 2018) para sugerir o uso do conceito de plataformas sociais. Por fim, explico detalhadamente o funcionamento do Twitter, plataforma social em que ocorre a disputa aqui analisada.

Início o capítulo metodológico contextualizando o Golpe Militar de 1964, como conversação objeto desta pesquisa e explicando as *hashtags* que marcaram a disputa. Relato os dados coletados, sistematizando suas quantidades e horários de coleta, para selecionar a amostra de tuítes a ser analisada – os dois tuítes mais retuitados de cada *hashtag*. A seguir, proponho as categorias de análise em cada uma das dimensões do discurso (FAIRCLOUGH, 2016), quais sejam, em relação ao texto, a estrutura da mensagem, os usos da hashtag e a multimodalidade; quanto à prática discursiva, a posição do sujeito, as estratégias discursivas e as propriedades da mídia social; e na prática social, as narrativas construídas.

O último capítulo traz a análise dos textos da amostra, revelando como as esferas do discurso se constituíram para operar as narrativas em cada uma das frentes discursivas da disputa.

Na *hashtag* #DitaduraNãoSeComemora, a dimensão textual foi marcada pela apropriação, com subversão de sentido, de expressões próprias de ordens discursivas contrárias, bem como por construções textuais que procuram posicionar o discurso como um diálogo com quem pensa diferente. Já a *hashtag* foi usada para estabelecer causalidade entre o objeto da disputa discursiva e o posicionamento expressado pelo ator no texto. Ainda sobre o texto, notei a ausência de formas tradicionais de multimodalidade, apresentando-se apenas como movimento de migração da conversação.

Com relação à prática discursiva, encontrei expressões textuais nos dados de perfil, como elementos identitários, que publicizam o posicionamento político-ideológico progressista dos autores dos tuítes. Ressaltei o hibridismo quanto às formas de legitimação dos atores como influenciadores e protagonistas da disputa, bem como a presença da intertextualidade manifesta, principalmente, formada por pressuposições, mas também por metadiscurso, e da interdiscursividade com a presença de discursos ideologicamente filiados a campos contrários, de ordens conservadoras e do senso comum. Ainda, analisei que as propriedades da mídia social foram utilizadas como estratégia para atingir pessoas de espectros ideológicos variados.

No que tange à prática social, as narrativas construídas basearam-se na desumanidade do Regime Militar como motivo para repudiá-lo e na crítica à postura do presidente Jair Bolsonaro.

Na análise da *hashtag* #PátriaAmadaBrasil, destaquei, na esfera textual, elementos que marcam a intenção de explicar e credibilizar o posicionamento contido no texto. Percebi que a *hashtag* foi usada para marcar a ligação dos textos com a ordem discursiva em que os atores pretendem posicioná-lo e, aqui também, notei a ausência de formas tradicionais de multimodalidade, apresentando-se apenas como movimento de migração da conversação.

Em relação à prática discursiva, os elementos identitários de posicionamento político estiveram presentes num e ausentes no outro perfil dos autores dos tuítes da amostra. Também restou claro o hibridismo quanto às formas de legitimação dos atores como influenciadores e protagonistas da disputa, com a especificidade da

presença da única usuária mulher autora de texto da amostra. A intertextualidade manifesta apareceu, principalmente, como pressuposição, mas também como metadiscurso e representação do discurso. A interdiscursividade foi marcada pela presença de discurso desinformativo e discursos da ideologia conservadora de direita a que os atores são filiados. E, por fim, observei que as propriedades da mídia social foram utilizadas para facilitar a produção e circulação de textos desinformativos e com contextos deformados.

No âmbito da prática social, as narrativas foram ancoradas em desinformação sobre fatos históricos e exaltação à Ditadura Militar, colocando-a como uma solução política adequada aos problemas do Brasil da época do Golpe e dos dias atuais.

Finalmente, apresento o que acredito ser a contribuição mais relevante dessa pesquisa, qual seja o delineamento conceitual dos pontos característicos de uma disputa discursiva na mídia social. A discussão feita sobre os resultados da análise propõe que as disputas discursivas têm sentido ampliado pelas hashtags; são protagonizadas por atores legitimados de formas diversas; são um momento de construção identitária dos sujeitos; são multimodais; têm distribuição complexa; são influenciadas pelos algoritmos; são desiguais; podem construir diálogo; baseiam-se em pressupostos e metadiscursos; subvertem ordens do discurso; são propícias ao espalhamento da desinformação; são influenciadas pela polarização política e constroem múltiplas narrativas.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Revista Filogênese**, n. 6, p. 148 a 162, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2YMt7y2>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

BERTOLINI, Sonia e BRAVO, Giangiacomo. **Social Capital, a Multidimensional Concept**. 2001. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/ab8d/2ed286d0c225b47fca4785cef2dd1dc7fac6.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BOYD, Danah. Social Networks Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics and Implications. **A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites**, p. 39-58, 2010.

BOYD, Danah e ELLISON, Nicole. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**. p. 210-230, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

D'ANDRÉA, Carlos. Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos. **Galaxia**. São Paulo, n. 38, p. 28-39, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554234208>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

D'ANDRÉA, Carlos. **Rumo a uma plataformação do social**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@carlosdand/rumo-a-uma-plataformiza%C3%A7%C3%A3o-do-social-2384f990fbad>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, n. 25, p. 307-329, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel & AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GALLO, Carlos Artur. **Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça: um estudo sobre o trabalho da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49108>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GLEISS, Marielle. Speaking up for the suffering (br)other: Weibo activism, discursive struggles, and minimal politics in China. **Media, Culture & Society**, n. 37, p. 513-529, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0163443714566897>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

HERRING, Susan. Computer-mediated discourse. **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, p. 612-634, 2001. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2019.

HERRING, Susan. Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured and emergent. **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics**. Washington: Georgetown University Press, p. 1-25, 2012. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>. Acesso em 14 nov. 2019.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Big data: apontamentos e limitações**. 2013. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/05/big-data-apontamentos-e-limitacoes.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

RECUERO, Raquel. **Cascatas de informação, redes sociais e o Twitter**. 2009a. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2009/04/cascatas-de-inf.html>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

RECUERO, Raquel. Estudando discursos em mídia social: uma proposta metodológica. **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, p. 13-30, 2018.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RECUERO, Raquel. **Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa?**. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. #FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, n. 3, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco & ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *Fake News* Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**. São Paulo, n. 41, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. **Libero**. São Paulo, n. 24, p. 81-94, 2009. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Em-busca-das-%E2%80%99Credes-que-importam%E2%80%99D.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **REvista Fronteiras Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/4668>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SANTOS, Rosita Maria Bastos dos. **Esquerda ou Direita? Coxinha ou Mortadela?: uma discussão sobre enquadramentos discursivos**. In: ANAIS DO IX CICLO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM E II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE LINGUAGEM, 2017. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/ciel-2017/papers/esquerda-ou-direita--coxinha-ou-mortadela---uma-discussao-sobre-enquadramentos-discursivos->>> Acesso em: 26 nov. 2020.

SCHINESTOCK, Letícia. **Se a carapuça serviu... A cultura das indiretas e a violência simbólica no Facebook**. 1.ed – Curitiba: Appris, 2018.

SOARES, Felipe & RECUERO, Raquel. Opinião pública no Twitter: análise da indicação de Alexandre de Moraes ao STF. **Logeion: Filosofia da Informação**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 18-37, 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.21728/logeion.2017v3n2.p18-37>>. Acesso em 17 nov 2019.

TIBURI, Marcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian *et al* (orgs.). **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 95 - 124.

ZAGO, Gabriela. Considerações sobre a circulação de informações em sites de redes sociais. **Revista Fonte**. Minas Gerais, n. 11, p. 70-77, 2011. Disponível em <https://www.prodemge.gov.br/images/com_arismartbook/download/12/revista_11.pdf#page=70>. Acesso em 18 nov 2019.

WARDLE, Claire. **Understanding Information Disorder**. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information_Disorder_Digital_AW.pdf?x76701>. Acesso em: 26 nov. 2020.